

Julho 2022

MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

---

# As Histórias enquanto Estratégias para o Desenvolvimento da Linguagem Oral em Crianças de 3 anos

---

RELATÓRIO DE ESTÁGIO APRESENTADO À  
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA FRASSINETTI  
PARA A OBTENÇÃO DE  
GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

**DE**

Mafalda Carmo Morato

**ORIENTAÇÃO**

Doutora Ana Luísa de Oliveira Ferreira



PAULA  
FRASSINETTI



PAULA  
FRASSINETTI

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

---

*As Histórias enquanto Estratégias  
para o Desenvolvimento da  
Linguagem Oral em Crianças de 3  
anos*

---

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti para a obtenção de grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

De

Mafalda Carmo Morato

Orientação

Professora Doutora Ana Luísa de Oliveira Ferreira

# Índice

Agradecimentos .....	IV
Resumo .....	V
Abstract.....	VII
Índice de Ilustração.....	IX
Índice de Grelhas .....	IX
Índice de Tabelas .....	X
Introdução .....	1
Parte I.....	3
Capítulo I- Enquadramento Teórico .....	3
1-A Linguagem Oral.....	3
1.1.O que é a Linguagem Oral? .....	3
1.2. Linguagem Oral: visão de acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar .....	5
1.3. Aquisição da Linguagem Oral .....	6
2-Hora do Conto .....	12
2.1. O que é a Hora do Conto?.....	12
2.2. Dinamização da Hora do Conto: estratégias.....	13
Parte II .....	16
Capítulo I- Enquadramento Metodológico .....	16
3.1. Contextualização da Problemática.....	16
3.2. Objetivos da Investigação.....	17
3.3. Metodologia Adotada .....	17
3.4. Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados.....	18
3.5. Caracterização do Contexto .....	22
3.6. Caracterização dos Intervenientes .....	23

Parte III .....	28
Capítulo I- Descrição e Apresentação dos dados da Intervenção Educativa.....	28
4- Intervenções Educativas em Educação Pré-Escolar .....	28
4.1. “O Cuquedo e um Amor que Mete Medo” .....	28
4.1.1. Descrição da Intervenção Educativa.....	28
4.1.2. Aplicação dos objetivos da Linguagem Oral .....	29
4.2. “A lagartinha muito comilona” .....	31
4.2.1. Descrição da Intervenção Educativa.....	31
4.2.2. Aplicação dos objetivos da Linguagem Oral .....	31
4.3. “Posso juntar-me ao clube?” .....	35
4.3.1. Descrição da Intervenção Educativa.....	35
4.3.2. Aplicação dos objetivos da Linguagem Oral .....	35
4.4. “A Sinfonia dos Animais” .....	38
4.4.1. Descrição da Intervenção Educativa.....	38
4.4.2. Aplicação dos objetivos da Linguagem Oral .....	38
4.5. “Os Três Desejos” .....	40
4.5.1. Descrição da Intervenção Educativa.....	40
4.5.2. Aplicação dos objetivos da Linguagem Ora .....	40
4.6. “O Cuquedo: Alto Lá.” .....	42
4.6.1. Descrição da Intervenção Educativa.....	42
4.6.2. Aplicação dos objetivos da Linguagem Oral .....	42
Parte IV .....	45
Capítulo I- Discussão dos Resultados.....	45
Considerações Finais .....	66
Linhas de Investigação Futuras .....	69
Referências Bibliográficas .....	70

<b>Documentos oficiais .....</b>	<b>70</b>
<b>Documentos disponibilizados pela Instituição .....</b>	<b>70</b>

## Agradecimentos

A concretização deste sonho não teria sido possível sem o apoio de várias pessoas que foram fundamentais neste caminho.

Aos meus pais que são as pessoas mais importantes da minha vida por me terem apoiado incondicionalmente em todas as minhas decisões, por terem estado sempre ao meu lado, nos bons ou maus momentos, por serem o meu suporte. Sem vocês eu não seria a pessoa que sou hoje. Obrigada por serem os melhores pais do mundo.

À minha orientadora, por toda a paciência, por ter sempre uma palavra amiga, por toda a confiança, por ser um exemplo para mim, sem ela nada disto teria sido possível.

Aos meus amigos e à minha equipa por todas as aprendizagens, por todas as aventuras, por todos os conselhos. Obrigada por me terem ajudado a crescer e me ensinarem o valor da amizade.

À equipa educativa do Pré-Escolar e à professora do 1º Ciclo com quem tive o privilégio de trabalhar, são profissionais excepcionais, que me ensinaram tanto. Obrigada por terem contribuído para o meu crescimento, tanto profissional como pessoal. Sem dúvida que espero vir a ser uma profissional tão dedicada, extraordinária e carinhosa como vocês.

A todas as minhas crianças que tive a maior sorte de conhecer e que fizeram com que ficasse ainda mais apaixonada por esta área, obrigada. Obrigada por todos os sorrisos, por todas as brincadeiras, por todo o carinho, por todos os abraços e por me terem ensinado tanto! Vocês são maravilhosos, desejo-vos o melhor do mundo que concretizem todos os vossos sonhos, irei estar sempre a torcer por vocês. Vão ocupar sempre um cantinho especial no meu coração.

## Resumo

O presente relatório de investigação aborda os temas da Linguagem Oral e a Hora do Conto. Definiu-se como objetivo para esta investigação a promoção do desenvolvimento da Linguagem Oral, através da dinamização da hora do conto, com o intuito de dar resposta à seguinte questão de partida: De que forma a dinamização da Hora do Conto, poderá promover o desenvolvimento da competência da Linguagem Oral na Educação Pré-Escolar? Esta investigação foi implementada numa sala de três anos, de uma instituição particular, localizada na área metropolitana do Porto.

Para promover o desenvolvimento da Linguagem Oral, foram planificadas e realizadas seis intervenções educativas, uma em cada semana, contabilizando um total de seis semanas. Em cada uma das semanas foi dinamizada uma história, usando estratégias diversificadas em cada uma. Após as leituras das histórias, realizava-se sempre um momento de diálogo, em grande grupo, onde eram colocadas algumas questões sobre as histórias ouvidas, com a intenção de ouvir as opiniões das crianças e permitir que elas desenvolvessem a competência da Linguagem Oral.

A metodologia adotada nesta investigação é de natureza qualitativa, tendo sido aplicada como abordagem metodológica a Investigação-Ação. Para recolher os dados utilizou-se como técnicas: a entrevista, seguindo-se a observação direta na dinamização das atividades, o *focus group*, a análise de conteúdo, e por último, a narrativa de experiência. Relativamente, aos instrumentos de recolha de informação, recorreu-se ao registo fotográfico, gravação áudio/vídeo, grelhas de observação e também o guião das entrevistas e do *focus group*.

Os resultados obtidos com a intervenção implementada revelam a eficácia da Hora do Conto como promotor para o desenvolvimento da Linguagem Oral. Com este estudo, verificamos que, recorrendo a diferentes estratégias para a dinamização de histórias, a mesma contribuiu para evoluções significativas neste domínio por parte das crianças, posto que foi notório que o grupo demonstrou maior participação na resposta às questões que se colocavam sobre as histórias, visto que praticamente todas as crianças queriam participar e expressar a sua opinião.

A maioria das crianças é capaz de verbalizar e construir frases com uma estrutura cada vez mais complexa (coordenadas, afirmativas, negativas) que incluem duas ou mais ideias

com detalhes descritivos. Por outro lado, as que ainda só constroem frases simples incluem um número maior de palavras.

São capazes de identificar elementos do texto e de descrever pessoas e ações. Verbalizam corretamente a ordem dos acontecimentos. Comunicam com facilidade, expressando com clareza a sua opinião e preferências. É importante mencionar que os indicadores determinados nas grelhas apresentadas, sofreram uma evolução positiva e significativa, sendo que aumentou o número de crianças que os adquiriu ou estão em aquisição, após a aplicação das intervenções, verificando-se o desenvolvimento da competência da Linguagem Oral.

Palavras-Chave: Linguagem Oral; Educação Pré-Escolar; Educador; Crianças; Hora do Conto.

## Abstract

This research report addresses the themes of Oral Language and Story Time. It was defined as an objective for this investigation the promotion of the development of Oral Language, through the dynamization of storytelling, in order to answer the following starting question: How can the dynamization of Storytelling of the competence of Oral Language in Pre-School Education? This investigation was implemented in a three-year room, at a private institution, located in the metropolitan area of Porto.

To promote the development of Oral Language, six educational interventions were planned and carried out, one each week, for a total of six weeks. In each of the weeks, a story was streamlined, using different strategies in each one. After reading the stories, there was always a moment of dialogue, in a large group, where some questions were asked about the stories heard, with the intention of listening to the opinions of the children and allowing them to develop the competence of Oral Language.

The methodology adopted in this investigation is of a qualitative nature, having been applied as a methodological approach the Research-Action. To collect the data, the following techniques were used: the interview, followed by direct observation in the dynamics of the activities, the focus group, the content analysis, and finally, the experience narrative. Regarding the instruments for collecting information, we used the photographic record, audio/video recording, observation grids and also the interview guide and the focus group.

The results obtained with the implemented intervention reveal the effectiveness of Story Time as a promoter for the development of Oral Language. With this study, we found that using different strategies for the dynamization of stories, it contributed to significant developments in this domain on the part of the children, since it was clear that the group is more participatory in answering the questions that arise about the stories, as virtually all children want to participate and express their opinion.

Most children are able to verbalize and construct sentences with an increasingly complex structure (coordinates, affirmatives, negatives) that include two or more ideas in descriptive detail. On the other hand, those that still only construct simple sentences include a greater number of words.

They are able to identify elements of the text and to describe people and actions. They correctly verbalize the order of events. They communicate easily, clearly expressing their opinion and preferences. It is important to mention that the indicators determined in the presented grids underwent a positive and significant evolution, with an increase in the number of children who acquired them or are in the process of acquiring them, after the application of the interventions, verifying the development of the competence of Oral Language.

Keywords: Oral Language; Pre-School Education; Educator; Children; Tale Time.

## Índice de Ilustração

Ilustração 1- Esquema do processo da aquisição da Linguagem Oral (Adaptado de Ferreira et al., 2019, p.12). .....	11
Ilustração 2- Capa, contracapa e uma página da obra "O Cuquedo e um Amor que mete Medo". .....	29
Ilustração 3- Capa, contracapa e uma página da obra "A lagartinha muito comilona". .....	31
Ilustração 4- Capa e uma página da obra "Posso juntar-me ao clube?" .....	35
Ilustração 5- Capa, contracapa e uma página da obra "A Sinfonia dos Animais".....	38
Ilustração 6- Capa, contracapa e uma página da obra "Os Três Desejos". .....	40
Ilustração 7- Capa, contracapa e uma página da obra "O Cuquedo : Alto Lá". .....	42

## Índice de Grelhas

Grelha 1- Análise dos objetivos da Linguagem Oral da obra “O Cuquedo e um Amor que Mete Medo” (fonte própria: Indicadores de Desenvolvimento adaptados das OCEPE 2016). .....	31
Grelha 2- Análise dos objetivos da Linguagem Oral da obra “A lagartinha muito comilona” (fonte própria: Indicadores de Desenvolvimento adaptados das OCEPE 2016). .....	34
Grelha 3- Análise dos objetivos da Linguagem Oral da obra “Posso juntar-me ao clube?” (fonte própria: Indicadores de Desenvolvimento adaptados das OCEPE 2016)	37
Grelha 4- Análise dos objetivos da Linguagem Oral da obra “A Sinfonia dos Animais” (fonte própria: Indicadores de Desenvolvimento adaptados das OCEPE 2016). .....	39
Grelha 5- Análise dos objetivos da Linguagem Oral da obra “Os Três Desejos” (fonte própria: Indicadores de Desenvolvimento adaptados das OCEPE 2016). .....	41
Grelha 6- Análise dos objetivos da Linguagem Oral da obra “O Cuquedo: Alto Lá” (fonte própria: Indicadores de Desenvolvimento adaptados das OCEPE 2016). .....	44
Grelha 7- Avaliação Diagnóstica da Linguagem Oral (fonte própria: Indicadores de Desenvolvimento adaptados das OCEPE 2016). .....	49
Grelha 8- Avaliação da Linguagem Oral (fonte própria: Indicadores de Desenvolvimento adaptados das OCEPE 2016). .....	63

## Índice de Tabelas

Tabela 1- Análise da Grelha de observação da história “O Cuquedo e um Amor que Mete Medo”.....	52
Tabela 2- Análise da Grelha de observação da história “A lagartinha muito comilona”. .....	53
Tabela 3- Análise da Grelha de observação da história “Posso juntar-me ao clube?”	55
Tabela 4- Análise da Grelha de observação da história “A Sinfonia dos Animais”...	56
Tabela 5- Análise da Grelha de observação da história “Os Três Desejos”.....	58
Tabela 6- Análise da Grelha de observação da história “O Cuquedo: Alto Lá!”. .....	60

## Introdução

O presente relatório de investigação foi produzido, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, nos seguintes anos letivos 2019/2020 e 2021/2022.

No contexto, onde foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada, foi observado que o grupo da sala dos três anos, apresentava dificuldades no domínio da Linguagem Oral, mais especificamente na articulação e produção linguística - competências que apresentavam um nível de desenvolvimento menor, provavelmente, tendo contribuído para tal, a situação pandémica vivida no país.

Esta investigação apresenta como principal objetivo promover o desenvolvimento da Linguagem Oral, através da dinamização da Hora do Conto. Para atingir o objetivo proposto foram planificadas e aplicadas seis atividades que consistiam na leitura de uma história, recorrendo a diferentes estratégias para a dinamização da Hora do Conto. A intervenção educativa pretende dar resposta à seguinte questão de partida: De que forma a dinamização da Hora do Conto, poderá promover o desenvolvimento da competência da Linguagem Oral na Educação Pré-Escolar? Encontram-se outros objetivos inerentes a esta investigação, tais como: compreender a organização do ambiente educativo e identificar os processos de desenvolvimento de aprendizagem das crianças, na valência de pré-escolar, planificar de uma forma flexível e integrada, de forma a partir dos interesses/necessidades das crianças, bem como utilizar técnicas e instrumentos de observação, com o intuito de monitorizar o desenvolvimento individual e coletivo das crianças.

Desta forma, este documento encontra-se organizado e dividido em quatro partes, sendo que cada parte contém os seus capítulos e subcapítulos. A Parte I contém o Capítulo I, no qual é apresentado o enquadramento teórico, do tema da Linguagem Oral, referindo o seu conceito, seguidamente é mencionada a importância do seu desenvolvimento, de acordo com o documento orientador para esta valência, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, e por último como é realizado o processo da aquisição da Linguagem Oral. Ainda neste capítulo, é abordada a importância da Hora do Conto e o seu conceito, bem como as estratégias que podem ser aplicadas para a dinamização deste momento. Relativamente, à Parte II incorpora o Capítulo I, o qual integra o

Enquadramento Metodológico, no qual se descrevem as opções metodológicas que suportaram o processo investigativo. Primeiramente, realiza-se uma contextualização da problemática em estudo, seguindo-se a definição do objetivo desta investigação, posteriormente é elencada a metodologia adotada, bem como as técnicas e os instrumentos utilizados para a recolha de dados. Este capítulo finaliza-se com a caracterização do contexto e dos intervenientes, onde ocorreu a intervenção. No que se refere à Parte III, esta engloba o Capítulo I que diz respeito, à descrição e análise da intervenção educativa, que integra a descrição da intervenção educativa e o resultado da aplicação dos objetivos da Linguagem Oral. Na Parte IV, o Capítulo I, consiste na apresentação da discussão dos resultados, no qual se identificam e se enumeram as conclusões da investigação. Por último, são apresentadas as considerações finais, assim como as linhas de investigação futura, as referências bibliográficas e os respetivos anexos que complementam a intervenção educativa.

## Parte I

### Capítulo I- Enquadramento Teórico

#### 1-A Linguagem Oral

Neste capítulo será abordado o conceito da Linguagem Oral e a importância que o mesmo apresenta para as crianças. De seguida, será possível entender como o conceito da Linguagem Oral deve ser trabalhado em contexto Pré-Escolar, bem como deve atuar o educador de infância para potencializar o seu desenvolvimento, tendo sido necessário realizar uma análise às Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.

Por último, encontram-se descritas as duas componentes necessárias para o processo da aquisição da Linguagem Oral.

##### 1.1.O que é a Linguagem Oral?

A linguagem é o fator que possibilita a comunicação entre as pessoas, pois só é possível criar e manter relações com os outros, através da mesma (Hohmann & Weikart, 2003, p. 524).

Segundo Chomsky (1959), o ser humano possui uma parte específica que é destinada à linguagem que se encontra situada na “estrutura mente/cérebro, que possibilita a qualquer ser humano desenvolver linguagem, desde que exposto a um input linguístico. Essa faculdade é inata, hereditária, inerente ao ser humano e, também, o que o distingue dos demais seres vivos” (Lorandi et al., 2011, p. 146).

A linguagem oral é adquirida naturalmente pelas crianças e precocemente, sendo que é necessário que haja uma exposição à mesma. Esta pode desenvolver-se através de interações comunicativas com os seus progenitores ou com outras pessoas, pois é necessário que a criança ouça as pessoas a falar e que as pessoas falem para elas para que se desenvolva a aquisição da linguagem oral. Como afirma Lentin “para ensinar a criança a falar, é preciso, portanto não apenas falar-lhe, mas deixá-la (ou fazê-la) falar” (Lentin, 1981, p. 39).

Esta ideia é reforçada pelos seguintes autores Catts, Fey, Tomblin, & Zhang, 2002; Lovett, Morris, Sevcik, Wise, & Wolf (2007) (citado por Cruz, 2020):

Assim sendo, logo a partir do momento em que nascem, as crianças estão imersas num ambiente que, a longo prazo, terá um imenso impacto na sua linguagem e alfabetização, dado que são as interações com os pais, e outras pessoas significativas nas vidas das crianças, que vão moldar o desenvolvimento da sua linguagem oral e dos respetivos domínios inerentes a esta. (p. 1)

Na mesma linha, Sim- Sim, Silva & Nunes (2008) referem que “ao conversar com a criança, o adulto desempenha o papel de “andaime”, interpelando-a, clarificando as suas produções, expandindo os enunciados que a criança produziu e providenciando modelos que ela testa” (Sim- Sim et al., 2008, p. 10).

O desenvolvimento da Linguagem Oral é a primeira etapa para o processo da comunicação com os outros, pois é através desta que as crianças conseguem comunicar e expressar as suas necessidades e interesses às pessoas, competência que será importante para o desenvolvimento social, profissional e académico, visto que, de acordo com Berninger & Wolf (2016) (citado por Cruz, 2020) a linguagem oral é necessária no “quotidiano para processarem e fornecerem instruções, para realizarem pedidos, para fazer perguntas, para receberem informação nova e para interagirem com os seus pares “ (Cruz, 2020, p. 1).

Sim-Sim et al., (2008) está de acordo com os autores mencionados anteriormente acrescentando que a “responsividade dos adultos às tentativas comunicativas das crianças, e a qualidade das interações estabelecidas entre ambos, desempenham um papel vital no desenvolvimento das capacidades comunicativas e constituem a base das aprendizagens, do conhecimento do mundo e da promoção do desenvolvimento” (Sim-Sim et al., 2008, p. 33).

Comprendemos, assim, que também o contexto onde a criança está inserida pode ser um dos fatores determinantes para o desenvolvimento da linguagem, pois quanto mais este permitir que a criança seja estimulada, mais eficaz será a resposta dela perante as adversidades futuras. Como comprovado por Sim-Sim et al., (2008) “quanto mais estimulante for o ambiente linguístico, e quanto mais ricas forem as vivências experienciais propostas, mais desafios se colocam ao aprendiz de falante e maiores as possibilidades de desenvolvimento cognitivo, linguístico e emocional” (Sim-Sim et al., 2008, p. 11).

## 1.2. Linguagem Oral: visão de acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

Com a análise realizada às Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016) foi possível verificar que a Linguagem Oral ocupa um lugar central, visto que é transversal a todas as áreas de conteúdo, constituindo-se assim como uma ferramenta essencial “para a troca, compreensão e apropriação da informação. Por outro lado, esta transversalidade leva também a que todas as áreas contribuam igualmente para a aquisição e o desenvolvimento da linguagem” (Silva et al., 2016, p. 60).

No entanto, a Linguagem Oral é contemplada com mais foco na Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Neste domínio é contemplada a Linguagem Oral, bem como a Abordagem à Escrita, estas duas vertentes complementam-se e são ferramentas essenciais para o desenvolvimento da aprendizagem.

A Linguagem Oral deve ser trabalhada e consolidada ao longo de todo o processo, com o intuito de melhorar capacidades de compreensão e produção linguística das crianças, “através das interações com o/a educador/a, com as outras crianças e com outros adultos” (Silva et al., 2016, p. 61).

Para tal é necessário que o educador propicie condições que sejam benéficas para essa evolução.

Essas condições são mencionadas pelas seguintes autoras Silva et al., que indicam que a linguagem utilizada pelo educador/a para comunicar deve constituir-se como modelo para aprendizagem das crianças, sendo que as correções e as questões que o educador/a faz podem contribuir para o alargamento do vocabulário e o domínio de frases mais complexas e, para além disso, a atenção individualizada que detém com cada criança e a forma que comunica com ela e com o grupo, fomenta na criança o desejo de comunicar (Silva et al., 2016, p. 61).

Tais condições irão servir para as crianças alargarem o seu vocabulário e compreenderem questões, pedidos e conversas, centrando-se assim no significado das mesmas.

À medida que as crianças vão desenvolvendo estas competências, vão tomando conhecimento de outra vertente associada, que engloba a “tomada de consciência sobre a forma como a língua se estrutura e organiza, ou seja, a tomar consciência dos seus aspetos formais (consciência linguística)” (Silva et al., 2016, p. 61).

Esta ideia é referida também pelas seguintes autoras sim-Sim et al., (2008)

O desenvolvimento da linguagem processa-se holisticamente, o que significa que as diferentes componentes da linguagem (função, forma e significado) são apreendidas simultaneamente. À medida que pretende expressar significados mais complexos, a criança adquire formas mais elaboradas e usa funções da língua mais adequadas ao contexto e aos propósitos pretendidos. (p.13)

Para tal, o jardim de infância constitui um meio bastante propício para o desenvolvimento das capacidades de comunicação das crianças. As interações estabelecidas com o educador e com outras crianças e as atividades específicas dirigidas detêm como propósito promover o desenvolvimento da linguagem.

Com o intuito de promover o desenvolvimento da linguagem, o educador pode pedir às crianças que realizem recados que contemplem uma ou mais ordens, de acordo com o nível de desenvolvimento da criança; prestar atenção ao que a criança diz; planificar jogos que exijam concentração ao que é mencionado, criar momentos de diálogo, incluir a narração de histórias e proporcionar momentos de audição de canções, poesia e trava-línguas (Sim-Sim et al., 2008, pp. 39-40).

É necessário considerar que, neste processo, a criança irá construir o seu conhecimento, de acordo com as regras da língua, utilizadas pelos falantes do contexto onde está inserida.

Para a aquisição da linguagem é necessário ter em conta duas componentes, sendo elas a Comunicação Oral e a Consciência Linguística.

### 1.3. Aquisição da Linguagem Oral

A aquisição da linguagem acontece de uma forma espontânea, pois as crianças estão expostas a língua que é falada na sua comunidade, logo acabam por seguir esse padrão.

Como é referido por Leite (2020), as crianças:

Começam por balbuciar, apontar e seguir atentamente o que veem e ouvem. Depois surgem as primeiras palavras, utilizadas na nomeação de pessoas e objetos que, a pouco e pouco, as crianças aprendem a juntar. Primeiro produzem frases simples, depois frases mais complexas que progressivamente se aproximam das da linguagem do adulto. (p. 1)

A autora referida em cima, acrescenta que a aquisição da linguagem implica “o domínio (perceptivo e articulatório) da fonologia da língua, a associação de significados/conceitos a palavras e implica o progressivo domínio de regras de combinação e alteração das próprias palavras para compreender e expressar significados relacionais mais complexos” (Leite, 2020, p. 1).

No seu dia-a-dia as crianças estão expostas a diversas ocasiões que favorecem a exploração lúdica da linguagem, uma vez que as crianças sentem agrado por brincar com as palavras e inventarem sons. As rimas, lengalengas, trava-línguas e adivinhas constituem recursos que permitem trabalhar a consciência linguística, na Educação Pré-Escolar (Silva et al., 2016, p. 64).

De acordo com Silva et al., (2016)

Estas e outras formas de exploração de sons e de palavras levam a que as crianças se comecem a aperceber que a língua é não só um meio de comunicação, mas também um objeto de reflexão, promovendo uma tomada de consciência cada vez mais complexa e estruturada sobre a forma como é constituída, e como se organizam os seus elementos. (p.64)

A Comunicação Oral no Pré-Escolar é desenvolvida através das interações realizadas pelo educador com a criança que irão permitir que esta adquira vocabulário, que seja capaz de construir frases gramaticalmente corretas e mais complexas e que possua um maior controlo da expressão e comunicação que “permite formas mais elaboradas de representação “(Silva et al., 2016, p. 62). Com estas aprendizagens a criança irá começar a dominar a linguagem (Silva et al., 2016, p. 62).

O educador deve estar atento às crianças que manifestam maior dificuldade em exprimir-se e que normalmente não participam, pois, o desenvolvimento da Linguagem Oral está diretamente ligado ao interesse em comunicar, ou seja, é necessário escutar a

criança, mas também é necessário que a mesma tenha coisas com interesse para falar (Silva et al., 2016, p. 62).

Por isso, a comunicação realizada no Pré-Escolar, não pode basear-se apenas nas situações que as crianças experienciam fora do ambiente escolar, mas também deve basear-se nos momentos que são vividos dentro do jardim de infância, possibilitando assim que o diálogo e a partilha estabelecido entre as crianças parta de situações presenciadas por todos ao mesmo tempo (Silva et al., 2016, p. 62).

É importante salientar que a Comunicação Oral “é uma competência central nesta faixa etária devido à sua transversalidade, não só para o desenvolvimento de competências sociais, mas para as trocas e apropriação de informação necessárias às aprendizagens em outras áreas do saber” (Silva et al., 2016, p. 62).

Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar encontram-se mencionadas as seguintes aprendizagens para promover a Comunicação Oral: ”compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação; usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade)” (Silva et al., 2016, p. 62).

Na Educação Pré-Escolar são trabalhadas três dimensões da consciência linguística: a consciência sintática, a consciência da palavra e consciência fonológica.

Segundo as seguintes autoras Sim-Sim et al., (2008) a consciência sintática pressupõe

(...) a capacidade para raciocinar sobre a sintaxe dos enunciados verbais e controlar, de forma deliberada, o uso das regras da gramática. Esta competência traduz-se na possibilidade de realizar juízos sobre a gramaticalidade de um enunciado, de o corrigir, caso esteja incorrecto, e de explicitar as regras subjacentes a essa rectificação. (p. 63)

Esta ideia é também referida por Silva et al., (2016) quando referem que

A consciência sintática prende-se com a compreensão das regras da organização gramatical das frases, conduzindo à utilização e controlo dessas regras. Esta competência torna-se evidente não só quando as crianças identificam frases incoerentes, pela troca de elementos que subvertem a sua estrutura gramatical, mas também quando, mais velhas, conseguem explicitar as regras que não estão a ser consideradas nesse tipo de frases. (p. 65)

Para as seguintes autoras Sim-Sim et al., (2008) a consciência da palavra implica

(...) por um lado, a capacidade para segmentar uma frase e identificar o número de palavras que a compõem e, por outro, a compreensão de que as palavras são etiquetas fónicas arbitrárias (ou seja, são sequências de sons que nomeiam algo, mas que não constituem a própria “coisa”). (p.61)

Na mesma ótica Silva et al., (2016) explicitam que

A consciência de palavra refere-se à capacidade de compreensão da palavra enquanto elemento constitutivo de uma frase. Esta tomada de consciência verifica-se quando, por exemplo, a criança isola e identifica quantas palavras constituem uma frase ou compreende que a palavra é diferente do seu referente (trata-se de um rótulo fónico convencional), ou ainda, quando, numa frase, substitui uma palavra por outra. (pp. 64-65)

As crianças, em idade Pré-Escolar, inicialmente, começam por apenas conseguir identificar palavras que apresentem significado para elas, que são o caso dos nomes e dos verbos e não conseguem distinguir a palavra do objeto a que se refere, nem do seu significado. Só mais tarde é que conseguem incluir os artigos e proposições, bem como começam a entender a relação entre o tamanho da palavra e a emissão verbal (Silva et al., 2016, p. 65).

Por último, em relação à consciência fonológica, segundo Sim-Sim et al., (2008)”(...) é a capacidade para reflectir sobre os segmentos sonoros das palavras orais. Mais especificamente refere-se à capacidade para analisar e manipular segmentos sonoros de tamanhos diferenciados como sílabas, unidades intrassilábicas e fonemas que integram as palavras” (Sim-Sim et al., 2008, p. 48). Na mesma perspetiva Silva et al., (2016) afirma que “a consciência fonológica refere-se à capacidade para identificar e manipular elementos sonoros de tamanhos diferenciados, que integram as palavras (sílabas, unidades intrassilábicas e fonemas)” (Silva et al., 2016, p. 64).

Vale (2020) acrescenta que:

desenvolver nas crianças em idade pré-escolar habilidades para lidar conscientemente com os constituintes fonológicos da fala ajuda-as a familiarizar-se com a ideia de que as palavras são compostas por “bocadinhos de sons”. Esta noção será útil mais tarde, quando

tiverem de aprender que as letras servem para representar os segmentos mais pequenos da fala, os fonemas. (p.1)

De forma a avaliar a consciência fonológica pode-se utilizar diferentes tipos de tarefas, tais como (Sim-Sim et al., 2008):

- Tarefas de contagem, em que se pede às crianças que contem as sílabas ou os fonemas de palavras ditas oralmente.
- Tarefas de classificação, em que se pede às crianças que classifiquem um conjunto de palavras, com suporte figurativo, segundo critérios silábicos ou fonémicos.
- Tarefas de segmentação, em que se pede às crianças que dividam palavras em sílabas ou fonemas.
- Tarefas de síntese ou reconstrução, em que se pede às crianças que, a partir de um conjunto de sílabas ou de fonemas ditos oralmente, descubram de que palavra se trata.
- Tarefas de manipulação, em que se pede às crianças que omitam, acrescentem ou troquem de posição uma sílaba ou um fonema de diversas palavras. (p. 49)

As crianças, em idade Pré-Escolar, por norma, são capazes de identificar e manipular as sílabas com uma certa facilidade, mas apresentam alguma dificuldade nos processos de identificação, análise ou manipulação de fonemas, sendo que estes só são adquiridos mais tardiamente, quando as crianças são mais velhas, pois estes processos estão associados à aprendizagem da leitura (Silva et al., 2016, p. 64).

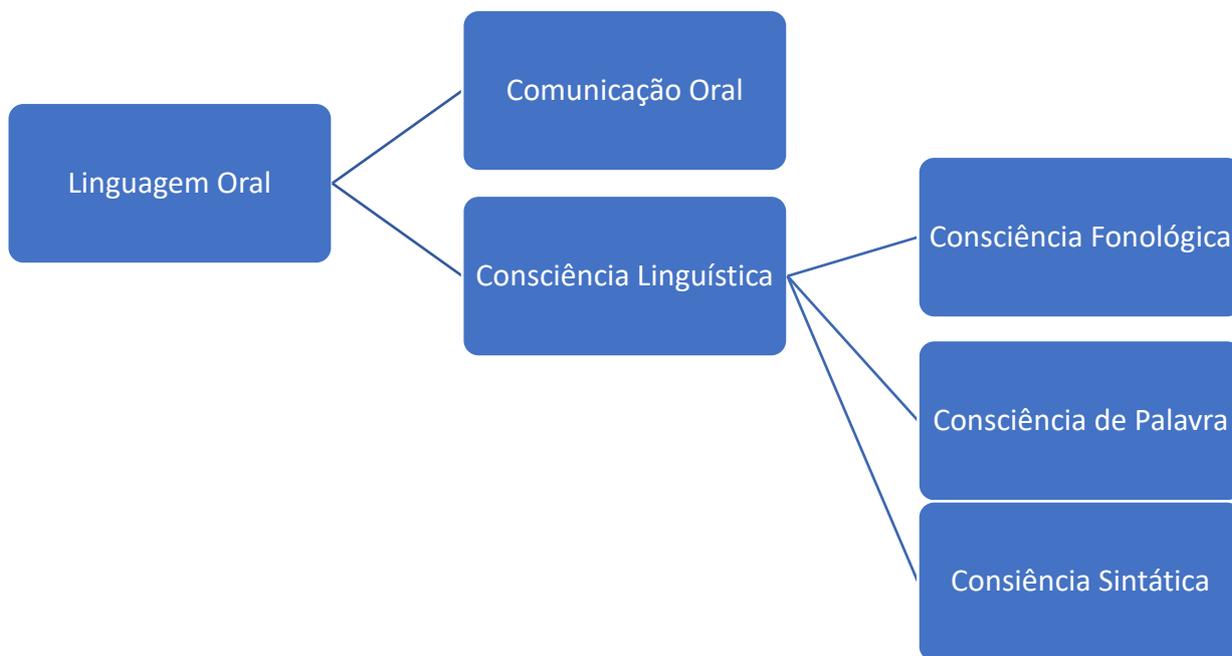
Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar encontram-se mencionadas as seguintes aprendizagens para promover a Consciência Linguística:” tomar consciência gradual sobre diferentes segmentos orais que constituem as palavras (Consciência Fonológica); identificar diferentes palavras numa frase (Consciência da Palavra); identificar se uma frase está correta ou incorreta e eventualmente corrigi-la, explicitando as razões dessa correção (Consciência Sintática)” (Silva et al., 2016, p. 65).

Para estas aprendizagens serem adquiridas, é necessário que o educador crie situações que permitam às crianças manipular a partir de sílabas ou sons, as rimas, o emparelhamento de sons e reconstrução de palavras. Através da utilização das histórias,

de conversas e de canções pedir às crianças que indiquem se há repetições de palavras ou sons. Possibilitar momentos para a criança ouvir e inventar poesia, trava-línguas e canções. Realizar trocas de palavras numa frase para verificar qual a reação adotada pelas crianças e promover a atenção das crianças para os diferentes tipos de unidades sonoras que fazem parte das palavras” (Silva et al., 2016, p. 66).

Ribeiro e Viana consideram que o facto de se ler histórias na Creche e no Pré-escolar irá proporcionar que as crianças tenham “o contacto com um nível de estruturação e de complexidade que não se encontra na comunicação oral, nos registos familiares. Contribuindo, assim, para a promoção do conhecimento lexical, morfológico e sintático.” (Ribeiro & Viana, 2020, p. 1)

De seguida, será apresentado um quadro- síntese do processo para a aquisição da Linguagem Oral.



*Ilustração 1- Esquema do processo da aquisição da Linguagem Oral (Adaptado de Ferreira et al., 2019, p.12).*

## 2-Hora do Conto

Neste capítulo serão referidos o conceito e as potencialidades da Hora do Conto, bem como se deve proceder a dinamização de uma história.

### 2.1. O que é a Hora do Conto?

A Hora do Conto é considerada uma estratégia educativa importante, pois as crianças escutam as histórias com bastante satisfação e apresentam facilidade na compreensão da mesma “apesar da complexidade das suas estruturas cognitivas” (Albuquerque, 2000, p. 14).

Para Abramovich (2001), “é através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica” (Abramovich, 2001, p. 17). Esta ideia vai ao encontro de Pennac que acredita que, com a leitura de uma história, muitos aspetos são desenvolvidos, sendo referida a parte das emoções e da imaginação. Esta última permite fantasiar a forma das personagens, o cenário e toda ação (Pennac, 1993, p. 17).

Nas histórias são retratados diversos temas que incluem diferentes valores e invocam diversos sentimentos, que provocam “no leitor sentimento de identificação e projeção o que resulta num despertar de si mesmo” (Cavalcanti, 2005, p. 21).

Segundo a autora Amarilha, : “ (...) a própria estrutura da narrativa proporciona ao receptor um tipo de envolvimento emocional” (Amarilha, 1997, p. 18), visto que “a partir dos jogos de projeção e identificação se dá conta que ela também “ está ali”, no espaço do conflito “ (Cavalcanti, 2005, p. 21). Para tal, nos contos estão expressos os “medos e os desejos recalcados nas crianças, parecendo-se um pouco com os sonhos” (Albuquerque, 2000, p. 21).

Quando a criança se identifica com a problemática abordada no conto ou com a personagem, ela adquire conhecimentos que lhe permitem superar “problemas de crescimento e a ultrapassar dependências, adquirindo um sentido de auto-aceitação e de autoestima” (Albuquerque, 2000, p. 16). E, com isto irá desenvolver uma série de soluções que lhe irão permitir resolver os seus problemas (Albuquerque, 2000, pp. 16-17).

Como refere Rueda “ el cuento tiene además un valor terapêutico importante, pues el niño puede encontrar solución a sus problemas cotidianos, al identificarse com el protagonista de la historia“ (Rueda, 2005, p .75).

Através do contacto com as histórias, as crianças têm a possibilidade de desenvolver a sua imaginação, o pensamento matemático, “a memória, a sua capacidade de atenção, e enriquecer a linguagem, através da aquisição de novos vocábulos e de novas construções gramaticais” (Albuquerque, 2000, pp. 145-146).

Viana, na mesma linha de pensamento da autora referida anteriormente, acrescenta que a criança, quando ouve histórias, “aprende, por exemplo, a definir objetivos e estratégias de compreensão, a organizar sequencialmente o tempo e o espaço, a parafrasear e a compreender ou a utilizar figuras de estilo e de sintaxe” (Viana, 2002, p. 46).

As narrações dos contos poderão servir como base para desenvolver a Linguagem Oral, visto que se recolhe informação acerca dos conhecimentos que a criança já adquiriu e quais são os que faltam adquirir para conseguir comunicar (Albuquerque, 2000 , pp. 27-28).

Quando as crianças narram histórias, normalmente descrevem o que sentem, e utilizam as personagens para retratar as emoções que estão a sentir (Hohmann & Weikart, 2003, p. 592).

Logo, (...)” ouvir e inventar histórias (...) alarga a compreensão do uso e da eficácia da linguagem como meio de comunicação” (Hohmann & Weikart, 2003, p. 545).

## 2.2. Dinamização da Hora do Conto: estratégias

A Hora do Conto deve ser um momento dedicado à criança, permitindo que esta sinta prazer de ouvir uma história, como sente prazer em brincar. Para que a Hora do Conto seja um momento enriquecedor para as crianças, é necessário que a pessoa que está a contar a história, conheça muito bem a mesma, que se aproprie dela, ou seja, “quem conta histórias tem de ser capaz de emprestar ao corpo e à voz uma gestualidade certa, justa e harmónica apresentada num tom de equilíbrio e verdade“ (Cavalcanti, 2006, p. 37).

Deve existir na rotina do Jardim-de-Infância um momento definido para ler histórias ao grupo, sendo que se deve ter em atenção a escolha do local, pois este deve ser acolhedor e confortável para todos.

O educador, enquanto narra uma história, deve ter em consideração a mudança do tom e do ritmo da voz, de acordo com as diferentes personagens (Rueda, 2005, p.76). Outra mudança que pode ser realizada é ter em conta os momentos retratados no conto, sendo que a narração pode ser “lenta, durante os episódios tristes, e apressada, nos episódios alegres do conto” (Albuquerque, 2000, p. 39).

Uma das estratégias é começar e terminar com as mesmas frases, que as crianças irão saber e repetir. Temos como por exemplo para começar: “Era uma vez”; “ Há muitos, muitos anos” e para terminar “ E foram felizes para sempre”; “ Vitória, Vitória, acabou-se a história” (Rueda, 2005, p. 76).

Nem sempre tem de ser o educador a narrar a história, podemos convidar vários elementos da família das crianças para virem contar uma história ou o próprio autor do livro. Podem ser também utilizados fantoches, ou até as próprias crianças que, ao verem as imagens do livro, podem inventar uma história (Rueda, 2005, p. 76).

Quando a pessoa que está a contar as histórias dinamiza a leitura, utilizando diferentes estratégias, como por exemplo, recorrer a dramatizações, utilização de adereços, cenários, audição de músicas, está a permitir que a criança compreenda melhor o texto e que ela própria crie a história, de acordo com o que está a imaginar, sendo que isso proporciona o desenvolvimento do processo de aprendizagem da criança (Costa, 2012, citado por Silva, 2014, p. 35).

Deve-se utilizar diferentes suportes de leitura como por exemplo: “livros com diferentes formatos e tipos, histórias gravadas em cassetes de áudio e vídeo, álbuns de imagens, objectos reais, (...)” (Sim-Sim et al., 2008, p. 39), bem como construir as histórias recorrendo ao “formato digital, utilizando vários programas de computador, como seja o Word, o PowerPoint” (Sim-Sim et al., 2008, p. 39).

Um dos objetivos que a Hora do Conto proporciona é o desenvolvimento da Linguagem Oral e da liberdade de expressão, logo é necessário que quando se termina de contar uma história, exista um momento de diálogo para que as crianças partilhem a sua opinião, que

depois deve ser seguido de atividades que proporcionam o desenvolvimento das crianças, tais como as seguintes elencadas por Barcellos (1995, p.36): “narração de histórias pelos participantes com suas próprias palavras”; narração da história com um final diferente; dramatizações; desenhos livres de personagens ou da própria narrativa; recortes e colagens e trava-línguas (...)” (citado por Bittencourt, 2010, pp. 22-23). Com a realização destas atividades, as crianças acabam por trabalhar diversas competências ao mesmo tempo, de diferentes áreas de conteúdo.

Quando se seleciona uma obra, deve-se ter em conta a faixa etária das crianças, pois o livro deve ser adequado à sua idade, bem como aos seus interesses, pois como referido por Pontes & Azevedo (2008) a obra escolhida deve “estabelecer ligação efetiva entre o sujeito e o objeto lido, ou seja, o texto tem de estar coerente às suas necessidades e interesses, fazendo uma ligação entre o texto e contexto, seu mundo pessoal” (p. 8).

Para selecionar obras adequadas, Macedo e Soeiro (2006) (citado por Pereira, 2015, p.24) referem alguns princípios que devem estar presentes, especificamente:

Conhecimento profundo do conteúdo do livro por parte do mediador, a relação para esse livro estabelece com o conhecimento do mundo para que seja propiciador de novas aprendizagens, o seu nível de interesse e os objetivos que estão subjacentes às decisões pedagógicas incrementadas. (p. 50)

Seguindo a mesma linha, Rigolet (1997) refere que é necessário que o discurso utilizado seja adequado à faixa etária do grupo, sendo necessário que o adulto esteja concentrado nas reações das crianças, conseguindo assim perceber se estão a compreender a história ou não (citado por Pereira, 2015, p.24)

Neste sentido, não podem ser esquecidos os pontos-chave para tornar a Hora do Conto, um momento mágico para as crianças. Esses pontos-chave são: a seleção da obra, pois esta deve ser adequada à faixa etária e às características/interesses das crianças e a utilização de variadas estratégias durante a dinamização de uma história.

## Parte II

### Capítulo I- Enquadramento Metodológico

Neste capítulo irão ser fundamentadas e justificadas as opções metodológicas adotadas para sustentarem a investigação realizada. Em primeiro lugar, será explicada a problemática desta investigação, de seguida será apresentado o objetivo que despoletou a concretização do estudo, seguindo-se então a metodologia adotada para a elaboração da investigação e, posteriormente, irão ser especificadas as técnicas e os instrumentos que foram empregues para recolher os dados. Este capítulo encerra-se com a caracterização da instituição e do contexto onde se desenrolou a investigação, bem como a caracterização dos intervenientes deste estudo.

#### 3.1. Contextualização da Problemática

A seleção desta temática ocorreu em contexto de Pré-Escolar durante a realização da Prática de Ensino Supervisionada.

No decorrer desse período, foi possível observar que as crianças da sala dos três anos apresentavam dificuldades ao nível da Linguagem Oral. Esta competência não se encontrava tão desenvolvida, devido, provavelmente, à situação pandémica vivida no nosso país, no ano de 2020.

Durante o acolhimento, e em atividades, onde era necessário a participação por parte das crianças, de forma a partilharem as suas opiniões, descreverem acontecimentos, contarem novidades, entre outros, observou-se que poucas eram as crianças que se expressavam sem dificuldades. A maioria do grupo apresentava dificuldades na articulação e na produção linguística, sendo que na maioria das atividades, eram sempre as mesmas crianças a intervir.

Foi possível observar que este grupo manifestava bastante interesse por ouvir histórias, trazendo diariamente, vários livros para a sala, solicitando à educadora para os ler. Constatou-se, assim que os momentos da Hora do Conto eram os mais pedidos.

Neste sentido, surgiu o interesse de desenvolver a competência da Linguagem Oral, através da Hora do Conto e dos diálogos realizados, no fim da leitura. Para tal, optou-se

por utilizar estratégias diversificadas, na dinamização da Hora do Conto, de forma a despoletar o gosto e o contacto com diferentes formas de contar uma história.

### 3.2. Objetivos da Investigação

Apresentando-se como temática o desenvolvimento da Linguagem Oral, em contexto de Educação Pré-Escolar, definiu-se como objetivo para esta investigação, a promoção do desenvolvimento da Linguagem Oral, através da dinamização da Hora do Conto, com o intuito de dar resposta à seguinte questão de partida: De que forma a dinamização da Hora do Conto, poderá promover o desenvolvimento da competência da Linguagem Oral na Educação Pré-Escolar?

Esta investigação foi implementada numa sala de três anos. Para dar resposta à pergunta de partida, foram planificadas e realizadas seis intervenções educativas, uma em cada semana, contabilizando um total de seis semanas. Em cada uma das semanas foi dinamizada uma história, usando estratégias diversificadas em cada um dos momentos.

### 3.3. Metodologia Adotada

A metodologia adotada nesta investigação é de natureza qualitativa, posto que, como refere Fortin (2003) “o investigador que utiliza o método de investigação qualitativa [...] observa, descreve, interpreta e aprecia o meio e o fenómeno tal como se apresentam, sem procurar controlá-los” (p. 22). Em concordância com o autor anteriormente mencionado, Carmo & Ferreira (2008) evidenciam que os investigadores “tentam “misturar-se” com eles até compreenderem uma determinada situação, mas procuram minimizar ou controlar os efeitos que provocam nos sujeitos de investigação e tentam avaliá-los quando interpretam os dados que recolheram” (p.180).

Na mesma linha de pensamento, Vilelas (2009) indica que

Os estudos qualitativos consideram que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objectivo e a subjectividade do sujeito, que não pode ser traduzida em números. A interpretação dos fenómenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. (p. 105)

Neste seguimento, a investigação qualitativa pode ser considerada descritiva, uma vez que “a descrição deve ser rigorosa e resultar directamente dos dados recolhidos. Os dados

incluem transcrições de entrevistas, registos de observação, documentos escritos (pessoais e oficiais), fotografias e gravações vídeo” (Carmo & Ferreira, 2008, p. 180). Logo, o investigador é conceituado como “instrumento” de recolha de dados” (Carmo & Ferreira, 2008, p. 181).

Na sequência do explanado aplicou-se, como abordagem metodológica, a Investigação-Ação.

De acordo com Conhen e Manion (citados por Bell, 1997) a Investigação-Ação é

(...) um procedimento essencialmente in loco, com vista a lidar com um problema concreto localizado numa situação imediata. Isto significa que o processo é constantemente controlado passo a passo (isto é, numa situação ideal), durante períodos de tempo variáveis, através de diversos mecanismos (questionários, diários, entrevistas e estudos de casos, por exemplo), de modo que os resultados subsequentes possam ser traduzidos em modificações, ajustamentos, mudanças de direcção, redefinições, de acordo com as necessidades, de modo a trazer vantagens duradouras ao próprio processo em curso. (p.21)

Nesta perspetiva, Máximo-Esteves (2008) interpreta que a Investigação-Ação é “um processo dinâmico, interativo e aberto aos emergentes e necessários reajustes, provenientes da análise das circunstâncias e dos fenómenos em estudo” (p.82).

Neste seguimento, a Investigação-Ação é relevante no campo da educação, na medida em que os profissionais de educação são confrontados com inúmeros e diferentes desafios, aos quais devem dar resposta. Para isso, é necessário refletir sobre a nossa atuação e adequá-la ao contexto onde estamos inseridos. Porventura, para tal acontecer é preciso adotar uma prática investigativa.

### 3.4. Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados

O investigador deverá indicar quais as técnicas e os instrumentos que irá utilizar para recolher a informação, tendo em conta que estes devem adaptar-se ao objetivo de estudo em questão. As técnicas que foram utilizadas nesta investigação foram as seguintes: em primeiro lugar, a entrevista, seguindo-se a observação direta na dinamização das atividades, o *focus group*, a análise de conteúdo, e por último, a narrativa de experiência. Relativamente, aos instrumentos de recolha de informação, consideram-se adequados

utilizar nesta investigação os seguintes: o registo fotográfico, gravação áudio/vídeo, grelhas de observação e também o guião das entrevistas e do *focus group*.

Antes de iniciar o processo de investigação, foi realizada uma entrevista semiestruturada, dado que esta teve como “ponto de partida um guião mais estruturado, que versa um leque de tópicos previamente definidos pelo entrevistador” (Máximo-Esteves, 2008, p. 96), à educadora cooperante. Esta entrevista tinha como intuito ter a percepção da educadora sobre o grupo, de acordo com o tema em estudo, bem como a sua opinião em relação à dinamização da Hora do Conto e quais as atividades e estratégias que considerava importante trabalhar neste mesmo domínio (anexo 1).

De acordo com os seguintes autores (Bodgan & Biklen, 1994) a entrevista “é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (p.134).

Esta ideia é complementada por Campenhoudt et al., (2019) que referem

que a entrevista permite “(...) uma verdadeira troca, durante a qual o interlocutor do investigador exprime as suas percepções de um acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações ou as suas experiências, ao passo que, por intermédio das suas perguntas abertas e das suas reações, o investigador facilita essa expressão, evita que ela se afaste dos objectivos da investigação e permite que o interlocutor aceda a um grau máximo de autenticidade e de profundidade. (p.260)

Bell (1997) destaca que a entrevista tem como vantagem a adaptabilidade, visto que o entrevistador, através dela consegue captar as opiniões, apreciar as emoções e sentimentos e analisar as respostas. Dado que “a forma como determinada resposta é dada (o tom de voz, a expressão facial, a hesitação, etc.) pode fornecer informações que uma resposta escrita nunca revelaria” (p.118). Por outro lado, existem também desvantagens inerentes ao uso desta técnica, uma vez que, estas exigem bastante tempo, na sua aplicabilidade, condução e análise, o que provoca a impossibilidade de realizar entrevistas a um elevado número de pessoas. Esta é também uma “técnica altamente subjetiva, havendo por isso o perigo de ser parcial” (Bell, 1997, p.118).

No decorrer da investigação foi utilizada a técnica da observação participante. Esta é considerada por Lessard-Hébert et al., (1994), observação participante quando

o investigador pode compreender o mundo social do interior, pois partilha a condição humana dos indivíduos que observa. Ele é um actor social e o seu espírito pode aceder às perspectivas de outros seres humanos, ao viver as «mesmas» situações e os «mesmos» problemas que eles. (p. 155)

Lacey (citado por Bell, 1997) afirma que a observação participante é “a transferência do indivíduo total para uma experiência imaginativa e emocional na qual o investigador aprendeu a viver e a compreender o novo mundo” (p.141). Desta forma, o investigador está em contacto com o meio, envolvendo-se com os sujeitos, recolhendo assim as suas próprias interpretações. Contudo, Cohen e Manion (citado por Bell, 1997) indicam como crítica o facto de “os testemunhos que emergem tipicamente da observação participante são muitas vezes considerados subjectivos, parciais, impressionistas, idiossincráticos, e carecem de medidas quantificáveis precisas que são características da pesquisa e da experimentação” (p.142).

Durante os períodos de observação, os dados foram recolhidos através da aplicação de grelhas de observação, do registo fotográfico e gravações áudio/vídeo. As grelhas de observação são produzidas “previamente em função dos objectivos de pesquisa, nas quais se regista informação anteriormente pré-codificada, de teor quantitativo ou facilmente quantificável, através de mecanismos simples (sim /não, escala de frequência, escala de dimensão,etc.)” (Afonso, 2005, p. 92). Foram aplicadas grelhas de observação, antes da intervenção educativa, com vista a uma avaliação diagnóstica da Linguagem Oral, durante a intervenção para monitorização, e no fim da intervenção, como forma de avaliação.

A utilização de máquinas fotográficas “ (...) podem simplificar o recolher da informação factual” (Bodgan & Biklen, 1994, p. 188). Neste sentido, esta é utilizada “ (...) como um meio de lembrar e estudar detalhes que poderiam ser descurados se uma imagem fotográfica não estivesse disponível para os reflectir “ (Bodgan & Biklen, 1994, p.189). Deste modo, o investigador pode fazer uma análise mais profunda, pois através das gravações e das imagens pode procurar detalhes nos materiais.

O *Focus Group* foi uma técnica implementada com o intuito de permitir a participação ativa das crianças.

Conforme o ponto de vista de David L. Morgan, 1997 (citado por Galego et al., 2005) “(...) o *focus group* é uma técnica qualitativa que visa o controle da discussão de um grupo de pessoas, inspirada em entrevistas não directivas“(p. 177). Esta ideia é complementada por Morgan (1996, 1997), (citado por Silva et al., 2014) que

define focus group como uma técnica de investigação de recolha de dados através da interacção do grupo sobre um tópico apresentado pelo investigador. Tal definição, segundo o autor, comporta três componentes essenciais: os focus group são um método de investigação dirigido à recolha de dados; localiza a interacção na discussão do grupo como a fonte dos dados; e, reconhece o papel activo do investigador na dinamização da discussão do grupo para efeitos de recolha dos dados. (p.177)

Depois da realização das intervenções educativas, as crianças elegeram a história que mais tinham gostado, tendo sido esta “A lagartinha muito comilona”. Neste sentido, foi realizado um *focus group*, pois considerou-se que esta abordagem seria mais adequada para esta idade. Esta técnica teve como objetivo verificar a evolução da Linguagem Oral, de cada uma das crianças. Para tal, foi construído um guião com as seguintes questões: 1- O que tem nestas imagens?; 2- Sabes como se chama esta história?; 3- Tu gostaste da história? Porquê? e, por último, 4- O que aconteceu na história?. Foi cedida a cada criança, uma folha que continha três imagens e um retângulo (anexo 2). De forma individual, à medida que a criança ia pintando as imagens, eram colocadas as questões, mencionadas anteriormente, sendo estas gravadas, através de um telemóvel, e depois transcritas para o retângulo existente na folha de cada criança.

Por último, foi pedido à educadora cooperante que elaborasse uma narrativa de experiência (anexo 3), com o propósito de compreender a perspetiva da mesma, a respeito das intervenções educativas, a fim de verificar se foi cumprido o objetivo estipulado.

É importante referir que foi utilizada a técnica análise de conteúdo em todas as etapas do processo. A análise de conteúdo, do ponto de vista de Lessar-Hébert et al., (1994),

(...) consiste em submeter as informações recolhidas a um tratamento metódico, por exemplo: agrupá-las por temas pertinentes de acordo com as hipóteses, compará-las umas

com as outras e relacioná-las, ou ainda organizá-las de acordo com uma estrutura que lhes dê um sentido (...). (p.323)

Segundo Guerra (2006),

(...) a análise de conteúdo tem uma dimensão descritiva que visa dar conta do que nos foi narrado e uma dimensão interpretativa que decorre das interrogações do analista face a um objeto de estudo, com recurso a um sistema de conceitos teórico- analíticos cuja articulação permite formular as regras de inferência. (p.62)

### 3.5. Caracterização do Contexto

Neste ponto, irá se proceder à caracterização da instituição, bem como do seu contexto envolvente, durante a investigação que ocorreu durante a Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar.

A instituição localiza-se na área metropolitana do Porto. É um estabelecimento de ensino privado e promove a formação e o desenvolvimento integral das crianças em colaboração com a família e com a comunidade.

Encontra-se num local com bastantes acessibilidades, especificamente através da rede de metro e de autocarros. Na sua proximidade é notório a presença de várias lojas de comércio, de serviços, várias escolas e parques.

Possui 2 polos, sendo que o polo 1 apresenta como oferta educativa a valência de Berçário, Creche, Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico e o polo 2 é dirigido para as valências de 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e Ensino Secundário.

Para que exista um funcionamento integral desta instituição existem instrumentos estruturantes como o Projeto Curricular, Projeto Educativo, Regulamento Interno e o Plano Anual de Atividades, ambos se encontram disponibilizados no site da instituição, exceto o Plano Anual de Atividades que apenas foi partilhado internamente, pois o mesmo ainda está a ser reajustado devido ao Covid (Disponível no site da instituição). O Regulamento Interno mantém-se sem alterações desde o ano letivo 2017/2018.

O Projeto Curricular segue como referentes o currículo prescrito pelo Ministério da Educação, bem como as orientações expressas, procurando assim responder à diversidade e à singularidade dos alunos, visto que:

-flexibiliza o currículo nacional definindo as aprendizagens consideradas necessárias e prioritárias "com clareza e delimitação", e "organizando de forma flexível a estrutura, a sequência e os processos de aprendizagem;

-adequa o currículo às características dos alunos de modo a dar sentido às aprendizagens e a torná-las significativas;

-diferencia metodologias e atividades para atingir os mesmos objetivos apesar das diferenças individuais de cada criança. (Disponível no site da instituição)

No Projeto Educativo são referidos princípios, ideologias, valores, metas e estratégias defendidos pela instituição, o que vai de acordo com o que é descrito no Decreto-lei nº75/08 que refere que o Projeto Educativo é

o documento que consagra a orientação educativa do agrupamento de escolas ou da escola não agrupada, elaborado e aprovado pelos seus órgãos de administração e gestão para um horizonte de três anos, no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo os quais o agrupamento de escolas ou escola não agrupada se propõe cumprir a sua função educativa. (Decreto- lei nº75/08)

De acordo com Projeto Educativo,

as atividades curriculares para a Educação Pré-Escolar decorrem entre as 9h00 e as 17h00, integrando os conteúdos do currículo nacional e atividades de oferta complementar do projeto curricular da instituição, nomeadamente as Línguas Inglesa e Espanhola, o Xadrez, a Natação e a Educação Física e um projeto de Educação Artística com Música, Jogo Dramático e Artes Visuais, para além de atividades programadas no exterior (passeios e visitas de estudo). Os professores da oferta complementar lecionam em equipas interdisciplinares, com os educadores titulares da turma. (Disponível no site da instituição)

### 3.6. Caracterização dos Intervenientes

Esta investigação foi implementada numa sala de três anos de Educação Pré-Escolar, onde decorreu a intervenção educativa. A investigação foi aplicada, de acordo com as necessidades do grupo, logo o facto de se conhecer os intervenientes num primeiro momento contribuiu para que a planificação da sequência das intervenções fosse refletida, consoante o enquadramento económico, social e familiar, assim como o contexto em que

estes se inserem. Os intervenientes neste estudo foram o investigador, um grupo de vinte e três crianças e a equipa educativa desse grupo, que era composta pela Educadora e a Auxiliar de Ação Educativa.

O grupo desta sala é constituído por vinte e três crianças, das quais onze do género feminino e doze do género masculino. A maioria das crianças já eram provenientes da sala dos dois anos da instituição (quatorze), duas crianças mantiveram-se na sala dos três anos e entraram sete crianças na instituição, (quatro crianças vieram de casa e três de outras instituições). Destas vinte e três crianças, dezoito têm irmãos.

Neste grupo, cinco crianças estão a frequentar a terapia da fala, duas crianças estão a ser encaminhadas, uma criança apresenta um atraso global de desenvolvimento, frequentando a terapia da fala e ocupacional e, por último, há um caso de uma criança que se encontra em avaliação, sendo que já realizou um despiste de otorrino e foi encaminhada para uma avaliação de psicologia.

Cada criança possui diferentes capacidades, ritmos de aprendizagem, necessidades e interesses, que a equipa educativa tem conhecimento e respeita, tem sempre em conta as diferenças, para conseguir adequar a sua prática ao grupo e a cada criança individualmente.

A caracterização do grupo de crianças será feita, de acordo com as áreas de conteúdo e respetivos domínios que constam das Orientações Curriculares: Área de Formação Pessoal e Social, Área de Expressão e Comunicação e Área do Conhecimento do Mundo. Embora a caracterização do grupo se baseie nas diferentes áreas de conteúdo, separadamente, é importante frisar que todos os aspetos do desenvolvimento da criança estão interligados.

As dificuldades mais notórias no grupo são: o cumprimento de regras (dificuldade agravada devido à situação de pandemia) e a Linguagem Oral.

### ÁREA DE FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL

No que se refere à alimentação, poucas são as que são totalmente autónomas conseguindo comer sozinhas, sendo que duas comem de garfo e faca, dezasseis comem apenas com garfo e quatro crianças ainda precisam de ser lembradas que não se come utilizando as mãos. No que se refere aos seus hábitos de higiene, revelam preocupação

no cuidado com a roupa e a maior parte vai sozinha à casa de banho, com exceção de uma criança que ainda usa fralda. Das crianças que não usam fraldas ainda tem de se ter a preocupação de lembrar a algumas, a necessidade de irem a casa de banho e supervisionar as mesmas.

Em muitas situações ainda se verifica alguma dependência do adulto e algumas crianças procuram o seu apoio (apertar botões, vestir e calçar).

No dia a dia o grupo escolhe para que área quer ir e os materiais que quer utilizar, no entanto revela ausência de regras, misturando os materiais de umas áreas para outras. Ainda não interiorizaram o facto de poderem usufruir da área de Artes Visuais. Este grupo de crianças interage com os seus pares, no entanto será necessário trabalhar a socialização, de forma a melhorar o relacionamento entre eles e a partilha de materiais.

### ÁREA DE EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO

#### *- Domínio da Educação Motora*

Este grupo de crianças como é característico desta faixa etária, gosta de pular, correr e saltar, ou seja, atividades que impliquem bastante movimento e expressividade, começando nesta idade a terem algum domínio nesta área, como é comprovado por Corbin (1973) citado por Papalia et al., 2001) que refere que aos três anos as crianças devem conseguir “saltar, de subir uma escada alternando os pés, sem ajuda e saltitar, fazendo uma série irregular de saltos com algumas variações finas“ (p.257)

A nível comportamental, é um grupo bastante ativo verificando-se frequentemente alguns momentos de conflito quando têm de partilhar.

Necessitam de momentos que possibilitem a sua livre movimentação, de forma a permitir e estimular a sua exploração, pela observação e manipulação de tudo o que as rodeia e alternar atividades de sala com recreios livres/orientados.

#### *-Domínio da Educação Artística*

##### **Subdomínio das Artes Visuais**

Esta área ainda não é muito procurada, porque as crianças ainda estão na fase do conhecimento de materiais e da apresentação e introdução destes. Este processo terá de

ser feito lentamente. Para isso será necessário propor atividades e planeá-las, de forma a tornarem-se um incentivo para um trabalho espontâneo e abrindo portas para uma maior criatividade e imaginação de cada um.

Em relação ao manuseamento do lápis, a maioria já pega corretamente, mas os seus desenhos ainda estão na fase da garatuja.

### **Subdomínio da Dramatização**

A área da casinha é aquela que mais favorece o desenvolvimento do jogo simbólico, uma vez que é neste espaço que as crianças recriam situações e representam diversos papéis sociais, dando a conhecer a sua perspetiva em relação ao mundo que as rodeia. Esta área é muito procurada, e a maior parte já gosta de brincar ao “faz de conta”. Na comunicação gestual e corporal, o grupo é bastante expressivo, com apetência para a expressão dramática, verificando-se o gosto pelas dramatizações e a manipulação de fantoches na biblioteca.

### **Subdomínio da Música**

Estas crianças demonstram bastante motivação pela exploração de canções e pela audição de música gravada, bem como uma grande capacidade auditiva. Diariamente, são proporcionados momentos de canto, que no geral as crianças gostam, principalmente se forem acompanhados por gestos. Demonstram grande interesse pela exploração de instrumentos musicais. Podemos constatar, que ao longo da exploração de várias canções, de uma forma geral, as crianças demonstram muito interesse e apelam para a repetição das mesmas tentando reproduzi-las.

### *Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita*

A nível da Linguagem o grupo é bastante heterogéneo. A maior parte das crianças expressa-se com alguma desenvoltura conseguindo verbalizar e construir frases. No entanto, existem outras que possuem um vocabulário menos desenvolvido. É um grupo, que manifesta bastante interesse por histórias, lengalengas e trava-línguas.

### *Domínio da Matemática*

A maioria das crianças são capazes de classificar, usando o critério de cor e algumas o critério de tamanho. Algumas também são capazes de identificar as formas geométricas.

## ÁREA DE CONHECIMENTO DO MUNDO

Neste grupo de crianças é notório a insistência em fazer perguntas, e querer saber o porquê das coisas, procurando encontrar respostas e soluções, característico desta idade.

As crianças desta idade possuem uma curiosidade viva de tudo o que as rodeia. Observam o mundo e armazenam todas as aquisições sensoriais, começando agora a interrogar sobre o que as rodeia. Este grupo demonstra bem essa curiosidade questionando tudo o que é novo e gosta de saber e participar em atividades novas.

A nível sócio económico aparentemente todos demonstram ter estabilidade familiar quer a nível afetivo, quer a nível económico.

Para concluir, na visão de Jean Piaget, as crianças com idades entre os dois e os sete anos, utilizam um pensamento mais simbólico e sofisticado, apesar de, ainda, não serem capazes de se envolverem em operações mentais lógicas. É caracterizado pelo uso do pensamento simbólico, ou capacidade de representação, que surge inicialmente no fim do estágio sensório-motor (Papalia et al., 2001, p.269).

As crianças no estágio pré-operatório apresentam vários avanços importantes, bem como alguns aspetos imaturos do pensamento, tais como a centração que é “a propensão que as crianças possuem de atentar para um aspeto de uma situação e negligenciar outros. As crianças em idade pré-escolar chegam a conclusões ilógicas porque não conseguem descentralizar que é a capacidade de pensar simultaneamente sobre vários aspetos de uma situação” e o egocentrismo em que “as crianças presumem que todas as outras pessoas pensam, percebem e sentem como elas” (Papalia et al., 2001, pp. 269-273).

Kohlberg, com base na sua teoria do desenvolvimento moral de Piaget, estabeleceu três níveis de desenvolvimento moral, incluindo a moral pré-convencional, a moral convencional e moral pós-convencional (Marques, 1998, pp. 97-98). O grupo desta sala encontra-se no nível pré-convencional estágio 1.

No nível pré-convencional, estágio 1, a criança evita repercussões negativas pelas regras, concluindo que uma pessoa punida deve ter feito algo errado, assume um ponto de vista meramente egocêntrico, não considera os interesses dos outros e não relaciona vários pontos de vista em simultâneo (Marques, 1998, p. 98).

No decorrer do relatório, as crianças serão identificadas através das iniciais dos seus nomes, por exemplo B, BE e T.C.

### Parte III

#### Capítulo I- Descrição e Apresentação dos dados da Intervenção Educativa

Neste capítulo, serão apresentados os dados da investigação, assim como a descrição da sequência de intervenções educativas, das quais foram recolhidas informações para se tirarem conclusões acerca da temática em estudo.

#### 4- Intervenções Educativas em Educação Pré-Escolar

É importante referir que foram realizadas seis intervenções educativas, uma em cada semana, dando um total de seis semanas. Em cada uma das semanas foi dinamizada uma história, usando estratégias diversificadas em cada uma das intervenções.

Antes de serem postas em prática as intervenções, foi efetuado um diagnóstico inicial das dificuldades apresentadas pelo grupo, ao nível da Linguagem Oral e que deveriam efetivamente ser trabalhadas.

##### 4.1. “O Cuquedo e um Amor que Mete Medo”

###### 4.1.1. Descrição da Intervenção Educativa

A leitura do livro “O Cuquedo e um Amor que Mete Medo” foi realizada em grande grupo na sala. As crianças foram distribuídas pelo espaço, em roda (anexo 4). A dinamização da história foi feita através de um teatro de sombras, utilizando para tal uma caixa de cartão, no qual incidiu a luz de um candeeiro. A história foi contada através de uma gravação que contém as vozes das personagens, que será acompanhada com os fantoches que representam as personagens da história (anexo 4).

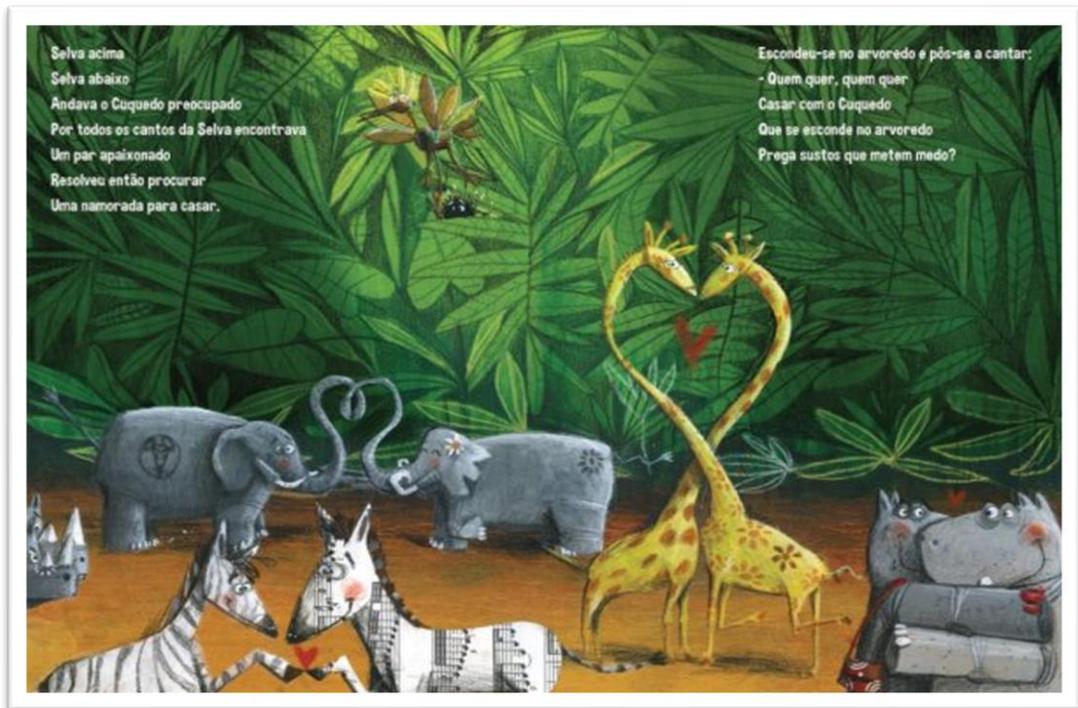
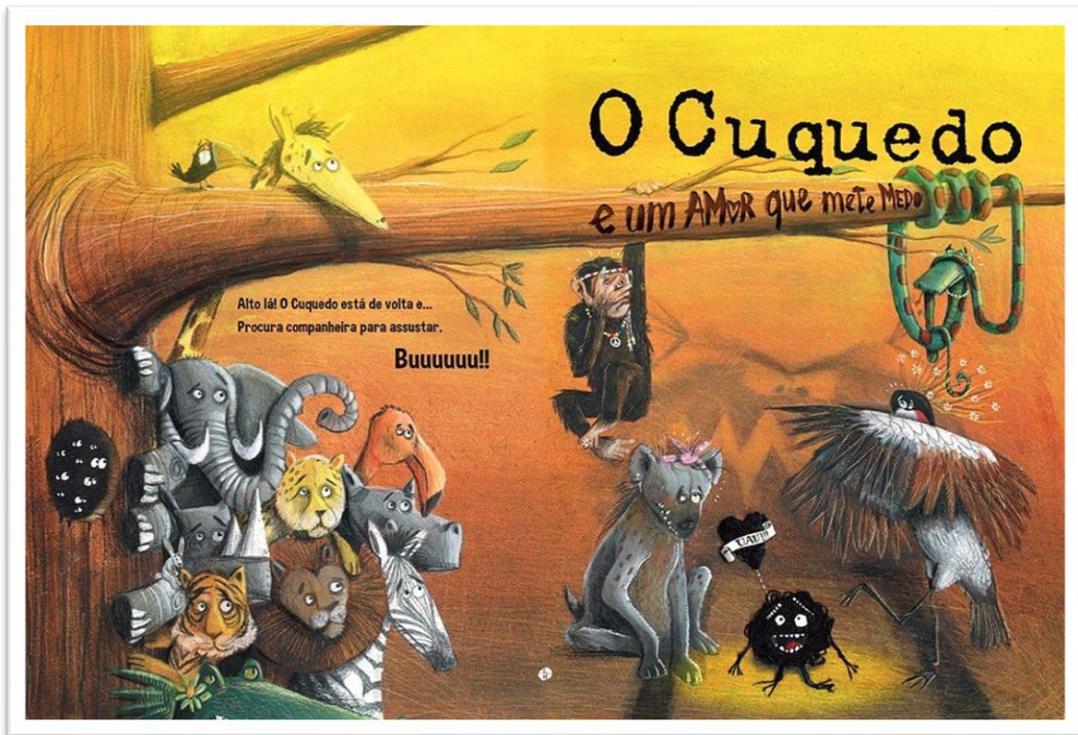


Ilustração 2- Capa, contracapa e uma página da obra "O Cuquedo e um Amor que mete Medo".

#### 4.1.2. Aplicação dos objetivos da Linguagem Oral

<b>Indicadores de Desenvolvimento</b>	Identifica elementos do texto. (ex.: personagens, tempo, espaço, objeto)	Verbaliza com uma certa ordem os acontecimentos.	Responde a perguntas acerca da história, que foi lida ou repete parte da história.	Constrói frases simples e curtas com três ou quatro palavras.	Aplica o vocabulário que ouve noutras situações.	<b>Observações</b>
B	E/A	N/A	N/A	E/A	N/A	Sempre que se faz uma questão a esta criança, por norma refere sempre que não sabe responder ou então que não quer responder. Distúrbio de linguagem, acompanhada na terapia da fala.
Be	A	A	A	A	A	
C	A	A	A	A	E/A	
C.P						Não esteve presente na hora do conto.
Dia	A	A	A	A	E/A	
Di	A	E/A	A	A	E/A	
D	A	A	A	A	E/A	
F	A	A	A	A	A	
J	A	A	A	A	E/A	Distúrbio de linguagem, acompanhado na terapia da fala.
J. A	A	E/A	A	E/A	N/A	Distúrbio de linguagem, acompanhado na terapia da fala.
Lau						Não esteve presente na hora do conto.
Lou	A	A	A	A	E/A	
L	A	A	A	A	A	
Luí	A	E/A	E/A	E/A	N/A	Distúrbio de linguagem, acompanhado na terapia da fala.
M.B	A	A	A	A	A	
M.A	A	A	A	A	E/A	
M. C	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	Distúrbio de linguagem, acompanhada na terapia da fala.
M	A	A	A	A	A	
R	A	E/A	E/A	E/A	N/A	Distúrbio de linguagem, acompanhado na terapia da fala.
S	A	A	A	A	A	
T. A	A	E/A	E/A	A	N/A	
T. C	A	A	A	A	A	
V	A	E/A	A	E/A	N/A	Distúrbio de linguagem, acompanhado na terapia da fala.

**Legenda:**

N/A- Não adquirido

A -Adquirido

E/A- Em aquisição

N/O- Não observado

Grelha 1- Análise dos objetivos da Linguagem Oral da obra “O Cuquedo e um Amor que Mete Medo” (fonte própria: Indicadores de Desenvolvimento adaptados das OCEPE 2016).

## 4.2. “A lagartinha muito comilona”

### 4.2.1. Descrição da Intervenção Educativa

A leitura do livro “A lagartinha muito comilona” foi realizada em grande grupo na sala. As crianças foram distribuídas pelo espaço, em roda (anexo 5). A dinamização da história foi feita através de um livro, em formato pop-up (anexo 5). Antes da leitura da história, o grupo foi à sala de acolhimento observar as lagartas que estavam no aquário (anexo 6).



Ilustração 3- Capa, contracapa e uma página da obra "A lagartinha muito comilona".

### 4.2.2. Aplicação dos objetivos da Linguagem Oral

<b>Indicadores de Desenvolvimento</b>	Identifica elementos do texto. (ex.: personagens, tempo, espaço, objeto)	Verbaliza com uma certa ordem os acontecimentos.	Responde a perguntas acerca da história, que foi lida ou repete parte da história.	Constrói frases simples e curtas com três ou quatro palavras.	Aplica o vocabulário que ouve noutras situações.	<b>Observações</b>
B	E/A	N/A	N/A	E/A	A	Quando observou o aquário que continha lagartas e alguns casulos, identificou rapidamente onde estava o casulo e referiu a palavra. Distúrbio de linguagem, acompanhada na terapia da fala.
Be	A	A	A	A	A	Quando estava deitado na cama por baixo dos lençóis, referiu que estava num casulo.
C	A	A	A	A	A	Quando observou o aquário que continha lagartas e alguns casulos, identificou rapidamente onde estava o casulo e referiu a palavra.
C.P	A	A	A	A	A	Quando observou o aquário que continha lagartas e alguns casulos, identificou rapidamente onde estava o casulo e referiu a palavra.
Dia	A	A	A	A	A	Quando observou o aquário que continha lagartas e alguns casulos, identificou rapidamente onde estava o casulo e referiu a palavra.
Di	A	E/A	A	A	A	Quando observou o aquário que continha lagartas e alguns casulos, identificou rapidamente onde estava o casulo e referiu a palavra.
D	A	A	A	A	A	Quando observou o aquário que continha lagartas e alguns casulos, identificou rapidamente onde estava o casulo e referiu a palavra.
F	A	A	A	A	A	Quando observou o aquário que continha lagartas e alguns casulos, identificou rapidamente onde estava o casulo e referiu a palavra.
J	A	A	A	A	A	Quando observou o aquário que continha lagartas e alguns casulos, identificou rapidamente onde estava o casulo e referiu a palavra. Distúrbio de linguagem, acompanhado na terapia da fala.
J. A	A	E/A	A	E/A	A	Quando observou o aquário que continha lagartas e alguns casulos, identificou rapidamente onde estava o casulo e referiu a palavra.

						Distúrbio de linguagem, acompanhado na terapia da fala.
Lau	A	A	A	A	A	Quando observou o aquário que continha lagartas e alguns casulos, identificou rapidamente onde estava o casulo e referiu a palavra.
Lou	A	A	A	A	A	Quando observou o aquário que continha lagartas e alguns casulos, identificou rapidamente onde estava o casulo e referiu a palavra.
L	A	A	A	A	A	Quando observou o aquário que continha lagartas e alguns casulos, identificou rapidamente onde estava o casulo e referiu a palavra.
Luí	A	E/A	E/A	E/A	A	Quando observou o aquário que continha lagartas e alguns casulos, identificou rapidamente onde estava o casulo e referiu a palavra. Distúrbio de linguagem, acompanhada na terapia da fala.
M.B	A	A	A	A	A	Quando observou o aquário que continha lagartas e alguns casulos, identificou rapidamente onde estava o casulo e referiu a palavra.
M.A	A	A	A	A	A	Quando observou o aquário que continha lagartas e alguns casulos, identificou rapidamente onde estava o casulo e referiu a palavra.
M. C	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	Distúrbio de linguagem, acompanhada na terapia da fala.
M	A	A	A	A	A	Quando observou o aquário que continha lagartas e alguns casulos, identificou rapidamente onde estava o casulo e referiu a palavra.
R	A	E/A	E/A	E/A	A	Quando observou o aquário que continha lagartas e alguns casulos, identificou rapidamente onde estava o casulo e referiu a palavra. Distúrbio de linguagem, acompanhado na terapia da fala.
S	A	A	A	A	A	Quando observou o aquário que continha lagartas e alguns casulos, identificou rapidamente onde estava o casulo e referiu a palavra.
T. A	A	E/A	E/A	A	A	Quando observou o aquário que continha lagartas e alguns casulos, identificou rapidamente onde estava o casulo e referiu a palavra.

T.C	A	A	A	A	A	Quando observou o aquário que continha lagartas e alguns casulos, identificou rapidamente onde estava o casulo e referiu a palavra.
V	A	E/A	A	E/A	A	Quando observou o aquário que continha lagartas e alguns casulos, identificou rapidamente onde estava o casulo e referiu a palavra. Distúrbio de linguagem, acompanhado na terapia da fala.

**Legenda:**

N/A- Não adquirido

A -Adquirido

E/A- Em aquisição

N/O- Não observado

*Grelha 2- Análise dos objetivos da Linguagem Oral da obra “A lagartinha muito comilona” (fonte própria: Indicadores de Desenvolvimento adaptados das OCEPE 2016).*

### 4.3. “Posso juntar-me ao clube?”

#### 4.3.1. Descrição da Intervenção Educativa

A leitura do livro “Posso juntar-me ao clube?” foi realizada em grande grupo na sala. As crianças foram distribuídas pelo espaço, em forma de meia-lua (anexo 7). A história foi contada através de uma gravação que contém as vozes das personagens e dinamizada utilizando como recurso um avental (anexo 7). À medida que a história está a ser contada as imagens com as personagens vão sendo coladas no avental. Foi realizada uma transcrição do diálogo tido com as crianças, no fim da história (anexo 8).

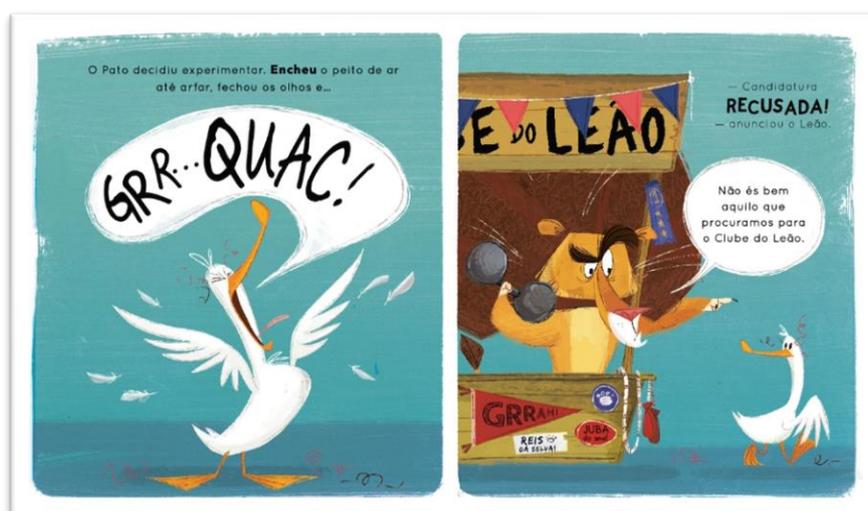
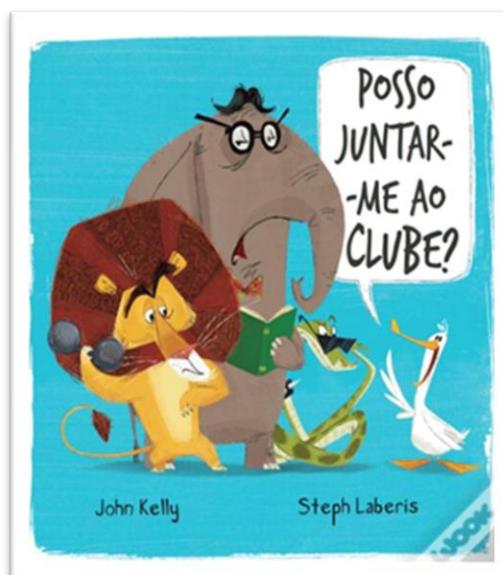


Ilustração 4- Capa e uma página da obra "Posso juntar-me ao clube?"

#### 4.3.2. Aplicação dos objetivos da Linguagem Oral

<b>Indicadores de Desenvolvimento</b>	Identifica elementos do texto. (ex.: personagens, tempo, espaço, objeto)	Verbaliza com uma certa ordem os acontecimentos.	Responde a perguntas acerca da história, que foi lida ou repete parte da história.	Constrói frases simples e curtas com três ou quatro palavras.	Aplica o vocabulário que ouve noutras situações.	<b>Observações</b>
B	E/A	N/A	N/A	E/A	N/A	Sempre que se faz uma questão a esta criança, por norma refere sempre que não sabe responder ou então que não quer responder. Distúrbio de linguagem, acompanhada na terapia da fala.
Be	A	A	A	A	A	
C	A	A	A	A	E/A	
C.P	A	A	A	A	E/A	
Dia	A	A	A	A	E/A	
Di	A	E/A	A	A	E/A	O Di ainda não diz todas as sílabas de uma palavra.
Di	A	A	A	A	E/A	
F	A	A	A	A	A	
J	A	A	A	A	E/A	Distúrbio de linguagem, acompanhado na terapia da fala.
J.A	A	E/A	A	E/A	N /A	Distúrbio de linguagem, acompanhado na terapia da fala.
Lau	A	A	A	A	E/A	
Lou	A	A	A	A	E/A	
L	A	A	A	A	A	
Luí	A	E/A	E/A	E/A	N/A	A Luí nunca diz o início de uma palavra corretamente, por exemplo, nesta história ela quis dizer “Eu gostei do coelho”, mas disse “ Eu tostei do toelho”. Distúrbio de linguagem, acompanhada na terapia da fala.
M.B	A	A	A	A	A	
M.A	A	A	A	A	E/A	
M.C	E/A	N/A	N/A	N/A	N/A	Esta criança só responde a questões em que tenha que identificar algo. Como por exemplo, nesta história tínhamos que apontar para os animais e ela referia qual era o nome dos mesmos. Distúrbio de linguagem, acompanhada na terapia da fala.
M	A	A	A	A	A	
R	A	E/A	E/A	E/A	N/A	O R ainda não articula bem as ideias do que quer dizer. Distúrbio de linguagem, acompanhado na terapia da fala.
S	A	A	A	A	A	
T.A	A	E/A	E/A	A	N/A	

T.C	A	A	A	A	A	
V	A	E/A	A	E/A	N/A	O V ainda não diz todas as letras de uma palavra, omitindo sempre uma ou mais letras de uma palavra. Distúrbio de linguagem, acompanhado na terapia da fala.

**Legenda:**

N/A- Não adquirido

A -Adquirido

E/A- Em aquisição

N/O- Não observado

*Grelha 3- Análise dos objetivos da Linguagem Oral da obra “Posso juntar-me ao clube?” (fonte própria: Indicadores de Desenvolvimento adaptados das OCEPE 2016*

## 4.4. “A Sinfonia dos Animais”

### 4.4.1. Descrição da Intervenção Educativa

A leitura do livro “A Sinfonia dos Animais” foi realizada em grande grupo no jardim exterior. As crianças foram distribuídas pelo espaço em forma de meia-lua (anexo 9). A história foi dinamizada utilizando como recurso uma caixa, em forma de dado e uma marioneta (anexo 9). Para o começo da história a personagem principal foi mostrada através de uma marioneta. Depois, o resto da história continuou a ser contada através de uma caixa.

Em cada uma das faces do dado existiam duas imagens e o respetivo texto de cada animal retratado na história. Foi pedido a cada uma das crianças para lançar o dado (caixa) e depois escolher qual das imagens preferia. Este processo foi repetido até serem escutadas todas as músicas e textos dos animais do dado.

O autor do livro disponibilizou a aplicação WildSymphonyd. Nesta aplicação estão disponíveis melodias para cada animal. O adulto utilizou esta aplicação e à medida que as crianças escolhiam o animal, era colocada a música do respetivo animal, de forma a acompanhar a leitura do texto do mesmo, por um cartão. Esse cartão foi colado na parede, para as crianças saberem quais os animais que já tinham saído (anexo 9).

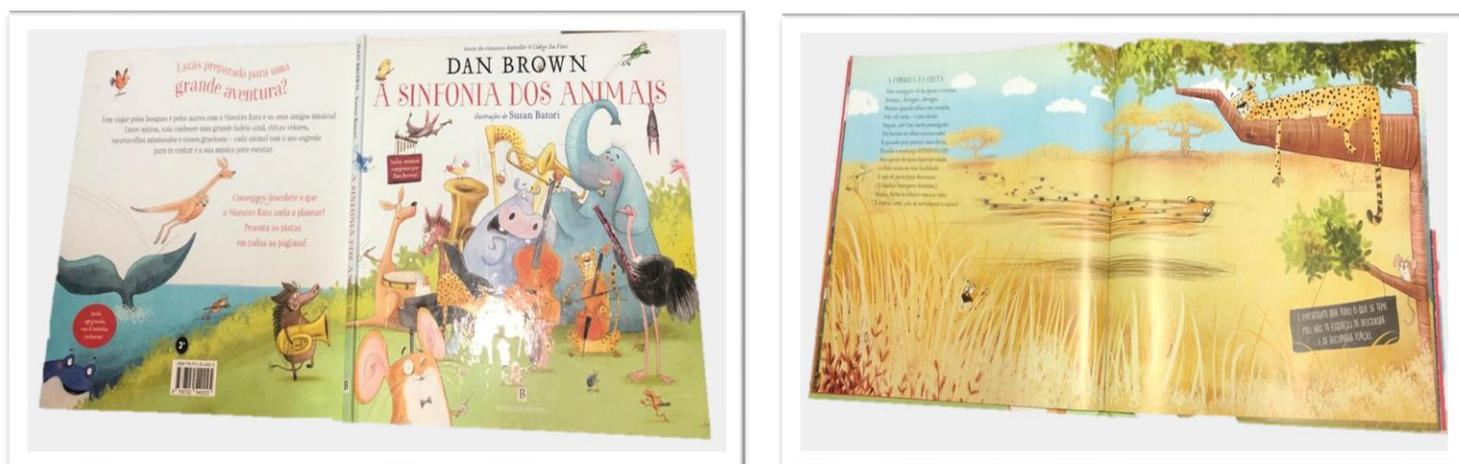


Ilustração 5- Capa, contracapa e uma página da obra "A Sinfonia dos Animais".

### 4.4.2. Aplicação dos objetivos da Linguagem Oral

<b>Indicadores de Desenvolvimento</b>	Identifica elementos do texto. (ex.: personagens, tempo, espaço, objeto)	Verbaliza com uma certa ordem os acontecimentos.	Responde a perguntas acerca da história, que foi lida ou repete parte da história.	Constrói frases simples e curtas com três ou quatro palavras.	Aplica o vocabulário que ouve noutras situações.	Observações
B	A	E/A	E/A	A	N/A	Distúrbio de linguagem, acompanhada na terapia da fala.
Be	A	A	A	A	N/A	
C	A	A	A	A	N/A	
C.P	A	E/A	A	A	N/A	
Dia	A	A	A	A	N/A	
Di	A	A	A	A	N/A	
D	A	A	A	A	N/A	
F	A	A	A	A	N/A	
J	A	A	A	A	N/A	Distúrbio de linguagem, acompanhado na terapia da fala.
J.A	A	E/A	A	A	N/A	Distúrbio de linguagem, acompanhado na terapia da fala.
Lau	A	A	A	A	N/A	
Lou	A	A	A	A	N/A	
L	A	A	A	A	N/A	
Luí	A	E/A	A	A	N/A	Distúrbio de linguagem, acompanhada na terapia da fala.
M.B	A	A	A	A	N/A	
M.A	A	A	A	A	N/A	
M.C	E/A	N/A	N/A	N/A	N/A	Esta criança só responde a questões em que tenha que identificar algo. Como por exemplo, nesta história tínhamos que apontar para os animais e ela referia qual era o nome dos mesmos. Distúrbio de linguagem, acompanhada na terapia da fala.
M	A	A	A	A	N/A	
R	A	E/A	A	A	N/A	Distúrbio de linguagem, acompanhado na terapia da fala.
S	A	A	A	A	N/A	
T.A	A	A	A	A	N/A	
T.C	A	A	A	A	N/A	
V	A	E/A	A	E/A	N/A	Distúrbio de linguagem, acompanhado na terapia da fala.

**Legenda:**

N/A- Não adquirido

A -Adquirido

E/A- Em aquisição

N/O- Não observado

Grelha 4- Análise dos objetivos da Linguagem Oral da obra “A Sinfonia dos Animais” (fonte própria: Indicadores de Desenvolvimento adaptados das OCEPE 2016).

## 4.5. “Os Três Desejos”

### 4.5.1. Descrição da Intervenção Educativa

A leitura do conto “O Três Desejos” foi realizado em grande grupo. A dinamização do conto, através do teatro tradicional, foi realizada na sala, colocando os espectadores (crianças) centradas à frente do fantocheiro, sentadas em cadeiras (anexo 10). A história foi contada utilizando fantoches. Foi realizada uma transcrição do diálogo tido com as crianças, no fim da história (anexo 11).

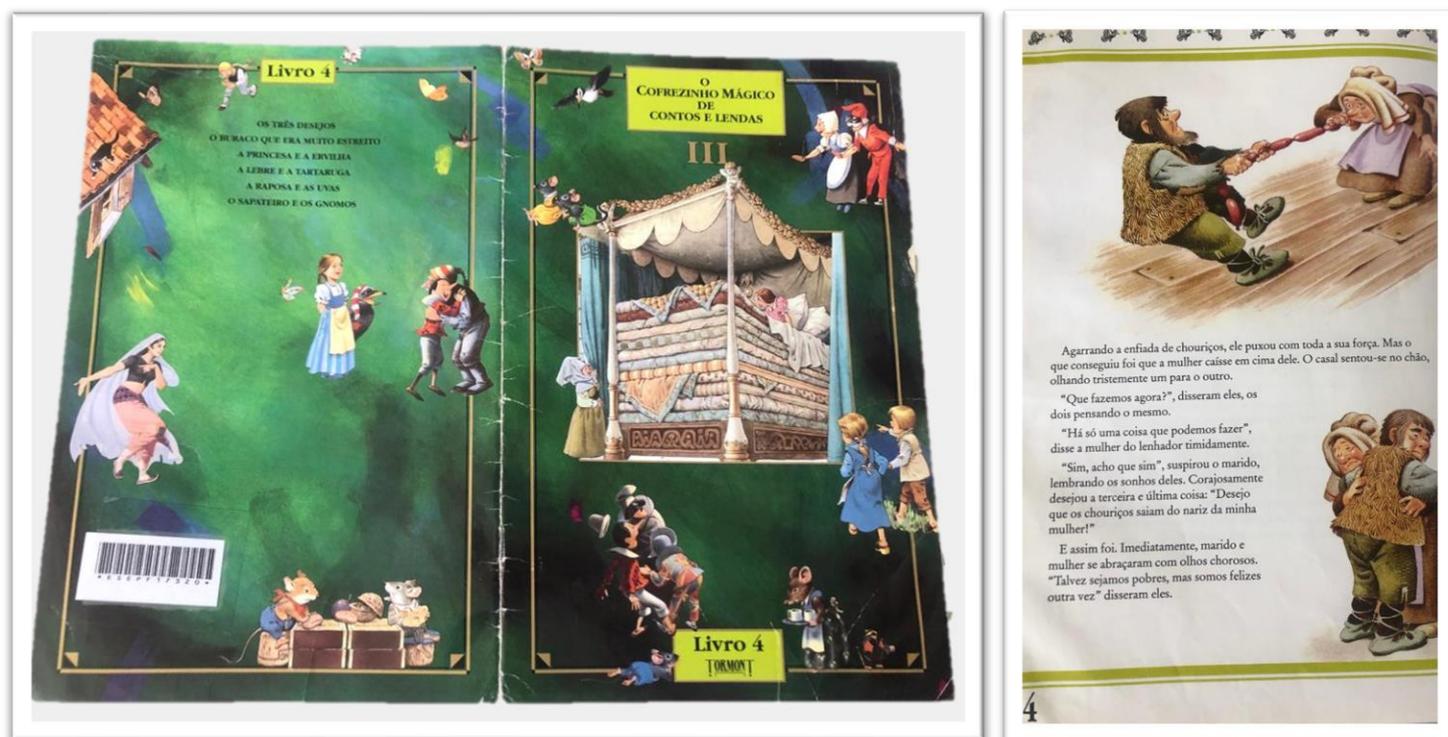


Ilustração 6- Capa, contracapa e uma página da obra "Os Três Desejos".

### 4.5.2. Aplicação dos objetivos da Linguagem Ora

<b>Indicadores de Desenvolvimento</b>	Identifica elementos do texto. (ex.: personagens, tempo, espaço, objeto)	Verbaliza com uma certa ordem os acontecimentos.	Responde a perguntas acerca da história, que foi lida ou repete parte da história.	Constrói frases simples e curtas com três ou quatro palavras.	Aplica o vocabulário que ouve noutras situações.	Observações
B	A	E/A	E/A	A	N/A	Distúrbio de linguagem, acompanhada na terapia da fala.
Be	A	A	A	A	N/A	
C	A	A	A	A	N/A	
C.P	A	E/A	A	A	N/A	
Dia	A	A	A	A	N/A	
Di	A	A	A	A	N/A	
D	A	A	A	A	N/A	
F	A	A	A	A	N/A	
J	A	A	A	A	N/A	Distúrbio de linguagem, acompanhado na terapia da fala.
J.A	A	E/A	A	A	N/A	Distúrbio de linguagem, acompanhado na terapia da fala.
Lau	A	A	A	A	N/A	
Lou	A	A	A	A	N/A	
L	A	A	A	A	N/A	
Luí	A	E/A	A	A	N/A	Distúrbio de linguagem, acompanhada na terapia da fala.
M.B	A	A	A	A	N/A	
M.A	A	A	A	A	N/A	
M. C	A	N	N	N	N/A	Distúrbio de linguagem, acompanhada na terapia da fala.
M	A	A	A	A	N/A	
R	A	E/A	A	A	N/A	Distúrbio de linguagem, acompanhado na terapia da fala.
S	A	A	A	A	N/A	
T. A	A	A	A	A	N/A	
T.C	A	A	A	A	N/A	
V	A	E/A	A	E/A	N/A	Distúrbio de linguagem, acompanhado na terapia da fala.

**Legenda:**

N/A- Não adquirido

A -Adquirido

E/A- E aquisição

N/O- Não observado

*Grelha 5- Análise dos objetivos da Linguagem Oral da obra “Os Três Desejos” (fonte própria: Indicadores de Desenvolvimento adaptados das OCEPE 2016).*

## 4.6. “O Cuquedo: Alto Lá.”

### 4.6.1. Descrição da Intervenção Educativa

A leitura da obra “O Cuquedo: Alto Lá” foi realizada em grande grupo. A dinamização do conto, através do teatro tradicional, foi realizada na sala, colocando os espectadores (crianças) centradas à frente do fantocheiro, sentadas em cadeiras (anexo 12). A história foi contada utilizando fantoches e máscaras (anexo 12). Foi realizada uma transcrição do diálogo tido com as crianças, no fim da história (anexo 13).



Ilustração 7- Capa, contracapa e uma página da obra "O Cuquedo : Alto Lá".

### 4.6.2. Aplicação dos objetivos da Linguagem Oral

<b>Indicadores de Desenvolvimento</b>	Identifica elementos do texto. (ex.: personagens, tempo, espaço, objeto)	Verbaliza com uma certa ordem os acontecimentos.	Responde a perguntas acerca da história, que foi lida ou repete parte da história.	Constrói frases simples e curtas com três ou quatro palavras.	Aplica o vocabulário que ouve noutras situações.	Observações
B	A	E/A	E/A	A	A	Distúrbio de linguagem, acompanhada na terapia da fala.
Be	A	A	A	A	A	
C						Não esteve presente na hora do conto.
C.P	A	E/A	A	A	A	Quando estava no recreio a brincar virou-se para uma criança e disse: “Eu sou o Cuquedo e tu um animal vou assustar-te (Buuu)”.
Dia	A	A	A	A	A	
Di	A	A	A	A	A	
D	A	A	A	A	A	
F	A	A	A	A	A	
J	A	A	A	A	A	Distúrbio de linguagem, acompanhado na terapia da fala.
J. A	A	E/A	A	A	A	
Lau	A	A	A	A	A	
Lou	A	A	A	A	A	
L						Não esteve presente na hora do conto.
Luí	A	E/A	A	A	A	Distúrbio de linguagem, acompanhada na terapia da fala.
M. B	A	A	A	A	A	
M.A	A	A	A	A	A	
M.C	A	N	N	N	N/A	Esta criança só responde a questões em que tenha que identificar algo. Como por exemplo, nesta história tínhamos que apontar para os animais e dizer o nome e ela repetia o nome dos mesmos. Quando foi questionada qual o animal que gostava mais ela referiu “giafa” (girafa). Distúrbio de linguagem, acompanhada na terapia da fala.
M	A	A	A	A	A	
R	A	E/A	A	A	A	Distúrbio de linguagem, acompanhado na terapia da fala.
S	A	A	A	A	A	
T. A	A	A	A	A	A	
T.C	A	A	A	A	A	
V	A	E /A	A	E/A	A	Distúrbio de linguagem, acompanhado na terapia da fala.

**Legenda:**

N/A- Não adquirido

A -Adquirido

E/A- EM aquisição

N/O- Não observado

*Grelha 6- Análise dos objetivos da Linguagem Oral da obra “O Cuquedo: Alto Lá” (fonte própria: Indicadores de Desenvolvimento adaptados das OCEPE 2016).*

## Parte IV

### Capítulo I- Discussão dos Resultados

Como referido na contextualização da problemática, durante a Prática de Ensino Supervisionada, em contexto de Pré-Escolar, foi observado que o grupo da sala dos três anos manifestava dificuldades no domínio da Linguagem Oral. Verificou-se que várias crianças do grupo apresentavam dificuldades na articulação e na produção linguística, sendo que na maioria das atividades, eram sempre as mesmas crianças a intervir. Apesar disso, algumas das crianças já conseguiam construir e produzir frases simples e complexas, bem como, nomear e descrever pessoas/objetos/ações.

Na entrevista realizada à educadora cooperante a mesma mencionou o que foi referido em cima, afirmando que

(...), ao nível da Linguagem Oral eles demonstram uma grande vontade em comunicar para partilhar novidades, vivências pessoais, embora neste grupo várias crianças têm dificuldades na articulação e na produção linguística. Temos nove crianças sinalizadas, sete das quais já se encontram na terapia da fala, mas algumas das crianças conseguem produzir frases simples e complexas, conseguem nomear e descrever pessoas, objetos, ações, relatar acontecimentos. (*anexo 1*)

Para analisar, as dificuldades que as crianças detinham ao nível do domínio da Linguagem Oral, foi construída uma grelha de Avaliação Diagnóstica, que foi preenchida, de acordo com os vários indicadores de desenvolvimento, para todas as crianças. O preenchimento desta grelha decorreu de várias observações, de diferentes situações do dia a dia, nas quais as crianças eram convidadas a intervir.

Apresenta-se, de seguida, a Grelha de Avaliação Diagnóstica da Linguagem Oral, bem como as principais conclusões retiradas, com a análise da mesma.

<b>Indicadores de Desenvolvimento</b>	B	Be	C	C.P	Dia	Di	D	F	J	J.A	Lau	Lou	Observações
Reconta pequenas histórias.	N/A	A	A	A	E/A	E/A	A	A	E/A	E/A	A	A	
Mostra interesse quando as histórias são lidas.	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
Pede às pessoas para lhe lerem histórias.	A	A	A	A	N/A	A	N/A	A	A	N/A	A	A	
Responde a perguntas acerca da história, que foi lida ou repete parte da história.	N/A	A	A	A	A	E/A	A	A	E/A	N/A	A	A	As crianças B, J, J.A, Luí, M.C, R, V possuem distúrbio de linguagem, e são acompanhadas na terapia da fala.
Usa o próprio nome quando se refere a si mesmo.	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	
Emprega o tempo do presente.	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
Emprega o tempo do passado de verbos regulares (ex. pulou, cantou, etc...).	N/A	A	N/A	N/A	A	N/A	A	A	A	N/A	A	N/A	
Expressa ações futuras (ex. ir a querer).	N/A	A	N/A	N/A	E/A	N/A	N/A	E/A	N/A	N/A	N/A	N/A	
Utiliza os artigos (o, a, um, uma).	E/A	A	E/A	A	E/A	N/A	E/A	A	E/A	E/A	A	A	
Utiliza preposições (em, sobre, em cima, em baixo).	N/A	A	A	N/A	N/A	N/A	E/A	E/A	N/A	N/A	N/A	E/A	
Utiliza conjunções (e, mas).	N/A	A	A	A	A	N/A	A	A	E/A	A	A	A	
Usa o imperativo quando pede um favor.	A	A	A	A	A	A	A	A	E/A	N/A	A	A	
Usa com correção e com frequência os pronomes pessoais (eu, tu, ele, ela, etc...).	N/A	E/A	E/A	E/A	E/A	N/A	E/A	E/A	E/A	N/A	N/A	E/A	
Emprega formas regulares de plural (livro/livros).	N/A	A	E/A	A	A	E/A	A	A	N/A	N/A	A	A	
Constrói frases simples e curtas com três ou quatro palavras.	E/A	A	A	A	A	E/A	A	A	A	A	A	A	O Di não verbaliza todas as sílabas das palavras, omitindo-as. O J não verbaliza todas as letras de uma palavra, omitindo-as.
Segue as orientações simples ("vem para a roda").	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
Repete canções, rimas e lengalengas.	E/A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
Usa frases que incluem duas ou mais ideias com detalhes descritivos (ex. "eu	N/A	A	E/A	A	A	N/A	A	A	E/A	N/A	A	A	

amontoei os blocos vermelhos demasiado alto e eles caíram “)														
Nomeia o que lhe é pedido “Diz-me o que é isto?”	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		
Identifica o que lhe é pedido “Onde está (...)?”	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		
Verbaliza com uma certa ordem os acontecimentos.	N/A	A	A	N/A	A	E/A	A	A	A	E/A	A	A		
Faz perguntas começadas por “como”, “quem”, “onde” e “porque”.	E/A	A	A	A	A	E/A	A	A	A	E/A	A	A	A B não utiliza perguntas começadas por “onde” e “como”.	

Indicadores de Desenvolvimento	L	Luí	M.B	M.A	M.C	M	R	S	T.A	T.C	V	Observações
Reconta pequenas histórias.	A	N/A	A	E/A	N/A	A	N/A	A	N/A	A	N/A	
Mostra interesse quando as histórias são lidas.	A	A	A	A	N/A	A	A	A	A	A	A	
Pede às pessoas para lhe lerem histórias.	N/A	A	A	A	N/A	A	N/A	A	N/A	A	N/A	
Responde a perguntas acerca da história, que foi lida ou repete parte da história.	A	E/A	A	E/A	N/A	A	N/A	A	N/A	A	N/A	
Usa o próprio nome quando se refere a si mesmo.	N/A											
Emprega o tempo do presente.	A	N/A	A	A	N/A	A	N/A	A	A	A	A	
Emprega o tempo do passado de verbos regulares (ex. pulou, cantou, etc....).	A	E/A	A	A	N/A	A	N/A	A	N/A	A	N/A	
Expressa ações futuras (ex. ir a querer).	N/A	N/A	E/A	E/A	N/A	A	N/A	E/A	N/A	A	N/A	
Utiliza os artigos (o, a, um, uma).	E/A	E/A	A	E/A	N/A	E/A	N/A	A	E/A	A	N/A	
Utiliza preposições (em, sobre, em cima, em baixo).	E/A	N/A	E/A	E/A	N/A	E/A	N/A	E/A	N/A	A	N/A	
Utiliza conjunções (e, mas).	A	A	A	A	N/A	A	N/A	A	A	A	E/A	
Usa o imperativo quando pede um favor.	A	E/A	A	A	N/A	A	N/A	A	A	A	A	
Usa com correção e com frequência os pronomes pessoais (eu, tu, ele, ela, etc....).	N/A	N/A	E/A	N/A	N/A	E/A	N/A	E/A	E/A	E/A	N/A	
Emprega formas regulares de plural (livro/livros).	A	A	A	A	N/A	A	N/A	A	A	A	N/A	
Constrói frases simples e curtas com três ou quatro palavras.	A	E/A	A	A	N/A	A	N/A	A	A	A	N/A	A M.C foi diagnosticada com atraso global de desenvolvimento, não mantém contacto ocular. O R apenas repete o que os adultos dizem. Quando o V verbaliza não se percebe o que ele pretende dizer.
Segue as orientações simples ("vem para a roda").	A	A	A	A	E/A	A	A	A	A	A	A	
Repete canções, rimas e lengalengas.	A	A	A	A	E/A	A	A	A	A	A	A	
Usa frases que incluem duas ou mais ideias com detalhes descritivos (ex. eu amontoei os blocos vermelhos demasiado alto e eles caíram")	A	N/A	A	A	N/A	A	N/A	A	A	A	N/A	

Nomeia o que lhe é pedido "Diz-me o que é isto?"	A	A	A	A	N/A	A	N/A	A	A	A	A	
Identifica o que lhe é pedido "Onde está (...)?"	A	A	A	A	N/A	A	N/A	A	A	A	A	
Verbaliza com uma certa ordem os acontecimentos.	A	N/A	A	A	N/A	A	N/A	A	A	A	N/A	
Faz perguntas começadas por "como", "quem", "onde" e "porque".	A	A	A	A	N/A	A	N/A	A	A	A	N/A	

**Legenda:**

N/A- Não adquirido

A -Adquirido

E/A- Em aquisição

N/O- Não observado

*Grelha 7- Avaliação Diagnóstica da Linguagem Oral (fonte própria: Indicadores de Desenvolvimento adaptados das OCEPE 2016).*

Analisando a grelha podemos realçar que os indicadores que se encontram menos desenvolvidos, ou seja, demonstram que um maior número de crianças ainda não os adquiriu, são os seguintes: “Usa o próprio nome quando se refere a si mesmo”, o qual apenas uma criança o faz. Apesar de a maior parte do grupo não ter desenvolvido este indicador, não quer dizer que não o consiga, pois é algo esperado que aconteça nesta faixa etária, uma vez que o facto de muitas crianças não o terem desenvolvido, revela que já avançaram aspetos imaturos do pensamento, tais como a centração. Os outros indicadores são: “Emprega o tempo do passado de verbos regulares”; “Expressa ações futuras”; “Utiliza preposições” e por último, “Usa com correção e com frequência os pronomes pessoais” (este indicador ainda não está adquirido por nenhuma das crianças).

Relativamente, aos outros indicadores, é visível que a maioria das crianças já os adquiriu ou estão no processo de aquisição, havendo também um número reduzido de crianças que ainda não adquiriram por completo. Existem alguns indicadores que não estão no processo de aquisição, como se pode comprovar nos seguintes indicadores: “Mostra interesse quando as histórias são lidas”; “Pede às pessoas para lhe lerem histórias”; “Usa o próprio nome quando se refere a si mesmo”; “Emprega o tempo presente”; “Nomeia o que lhe é pedido” e , por fim “ Identifica o que lhe é pedido”. Por outro lado, existem dois indicadores que estão adquiridos ou em aquisição: “Segue as orientações simples” e “Repete canções, rimas e lengalengas”. Existem oito crianças que evidenciam que não adquiriram um elevado número de indicadores, sendo estas as seguintes crianças: B, DI, J.A, Luí, M.C, R, T.A e V. As crianças B, J.A, Luí, M.C, R e V possuem distúrbio de linguagem e são acompanhadas na terapia da fala.

Para promover o desenvolvimento da Linguagem Oral do grupo, decidiu-se utilizar a Hora do Conto, para esse efeito, utilizando diferentes estratégias, para a sua dinamização, pois observou-se que o grupo manifestava bastante interesse por ouvir histórias, trazendo diariamente, vários livros para a sala, solicitando à educadora para os ler. Na entrevista realizada à educadora cooperante, quando questionada se as crianças apreciavam os momentos da Hora do Conto, esta relatou que

(...) a hora do conto é muito apreciada, inclusivamente eles trazem muitos livros de casa para pedir para nós contarmos cá. Outra das formas que nós também notamos é que sempre que falamos em contar alguma história há uma grande adesão, dizem sempre que querem arrumar, preparar tudo para ouvir a história, e é uma das atividades que é muito referida na Assembleia de Turma semanal (...). ( anexo 1)

Neste sentido, a mesma referiu que a Hora do Conto era uma das atividades prediletas para trabalhar este domínio, como se pode verificar por este excerto:

(...) Portanto, pensarmos muito bem quais são as competências que queremos trabalhar nos diversos momentos do dia e ter consciência que a Linguagem Oral está presente em tudo. Claro que há atividades com maior intencionalidade, como é o caso da hora do conto que é sempre um ótimo recurso para trabalhar a Linguagem Oral (...). ( anexo 1)

Para promover o desenvolvimento da Linguagem Oral, foram planificadas e realizadas seis intervenções educativas, uma em cada semana, contabilizando um total de seis semanas. Em cada uma das semanas foi dinamizada uma história, usando estratégias diversificadas em cada uma. Após as leituras das histórias, realizava-se sempre um momento de diálogo, em grande grupo, durante o qual eram colocadas algumas questões sobre as histórias ouvidas, com a intenção de ouvir as opiniões das crianças e permitir que elas desenvolvessem a competência da Linguagem Oral.

Durante este período de intervenção, os dados foram recolhidos através da aplicação de grelhas de observação, do registo fotográfico e gravações áudio/vídeo. As grelhas encontram-se explanadas, na Parte III, Capítulo I, nas intervenções Educativas em Educação Pré-Escolar. Para cada história dinamizada, foi preenchida a grelha de observação, resultando assim num total de seis grelhas de observação. Estas foram analisadas individualmente, retirando-se conclusões que serão apresentadas nas seguintes tabelas.

<p><b>Identifica elementos do texto (ex.: personagens, tempo, espaço, objeto).</b></p>	<p><b>Citações:</b>  L: "O Cuquedo."  Be: "A grou. Ela fazia: Gru, Gru".  J: "A cobra. Tssss".  M: "A hiena. Ela era assim: Hiiii"  F: "A Cuqueda. Ela assustava e fazia: Buuuuu".  S: "A macaca. Uhh uhh".</p>	<p><b>Observações:</b></p> <p>O grupo facilmente identificou e nomeou todas as personagens que apareceram na história.  Sempre que uma criança dizia uma das personagens da história, reproduzia o som do respetivo animal que tinha ouvido durante a história.</p>
<p><b>Responde a perguntas acerca da história, que foi lida ou repete parte da história.</b></p> <p>1- "O que aconteceu na história?"</p> <p>2- "Qual foi a ordem pela qual os animais apareceram na história?"</p> <p>3- "Qual é o teu animal preferido?"</p>	<p><b>Citações:</b></p> <p>L: "O Cuquedo estava à procura de uma pessoa para casar".  T. C acrescentou: "Só que era com a Cuqueda que ele tinha que casar porque sabia assustar e os outros animais não".  M.B: "No fim, o Cuquedo e a Cuqueda andaram a assustar todos os animais".</p> <p>L: "Primeiro foi o Cuquedo".  T.C: "Depois foi a grou".  Be: "A macaca".  M: "A hiena".  F: "E a cobra".  M. B: "A última foi a Cuqueda."</p> <p>F: "A Cuqueda".  Estagiária: "Porquê?"  F: "Porque ela é muito gira e tem uma mala".  T.C: "A hiena".  Estagiária: "Porquê?"  T.C: "Porque eu gostei do som que ela fez"</p>	<p><b>Observações:</b></p> <p>As crianças foram capazes de verbalizar a ordem dos acontecimentos da história com correção, sendo que compreenderam a mensagem transmitida.</p> <p>Identificaram com correção a ordem pelo qual os animais tinham aparecido na história.</p> <p>Algumas das crianças quiseram referir qual o seu animal preferido, e foram capazes de justificar a sua escolha.  Foi observado pela estagiária que durante o diálogo realizado, depois da leitura da história, foram quase sempre as mesmas crianças a participarem, sendo que muitas das crianças não quiseram responder às questões.  O grupo demonstrou bastante interesse no decorrer da leitura da história, muitas das crianças já conseguem recontar partes da história.  A maioria das crianças apenas constrói frases simples e curtas com três ou quatro palavras, mas já há crianças que produzem frases complexas.</p>

Tabela 1- Análise da Grelha de observação da história "O Cuquedo e um Amor que Mete Medo".

<p><b>Identifica elementos do texto (ex.: personagens, tempo, espaço, objeto).</b></p>	<p><b>Citações:</b></p> <p>L: “Comeu maçãs, ameixas.”  Be: “Peras”.  J: “Morangos”.  T.C: “Laranjas”.  M.B: “Bolo, queijo”.  C:” Gelado”.  (...)  Estagiária: “E todos os alimentos que a lagartinha comeu deve-se comer em muita quantidade?”  M. B:” Não se pode comer muitos doces porque depois ficamos com dor de barriga”.  L: “Sim, e ficamos doentes”.</p>	<p><b>Observações:</b></p> <p>O grupo facilmente identificou e nomeou todos os alimentos que a lagarta comeu, distinguindo-os em duas categorias: os saudáveis dos não saudáveis.</p>
<p><b>Responde a perguntas acerca da história, que foi lida ou repete parte da história.</b></p> <p>1- “O que aconteceu na história?”</p>	<p><b>Citações:</b></p> <p>T.C: “A lagarta comeu muito e depois ficou muito grande”.  Bernardo: “E depois foi para o casulo e ficou lá dentro”.  M: “Saiu e transformou-se numa borboleta”.</p>	<p><b>Observações:</b></p> <p>Depois da leitura da história, o grupo observou imagens de casulos e visualizaram um vídeo que retratava o processo de transformação de uma lagarta em uma borboleta. Com isto, o grupo conseguiu compreender a mensagem transmitida pela história e formou conhecimentos científicos sobre o processo de transformação de uma lagarta numa borboleta.</p>

Tabela 2- Análise da Grelha de observação da história “A lagartinha muito comilona”.

<p><b>Identifica elementos do texto (ex.: personagens, tempo, espaço, objeto).</b></p>	<p><b>Citações:</b>  C.P: “Olha, o pato não rugiu, o pato não conseguiu assobiar”.  M. B: “Pois, o pato não era uma cobra”.  C. P:” O pato não era um leão. O pato não era um elefante. O pato não era uma cobra. O pato não era uma tartaruga e o pato não era um coelho”.</p>	<p><b>Observações:</b>  Foram capazes de identificar as personagens todas da história.  Existe uma criança que apenas responde às questões de identificação, apontando e verbalizando o nome, por exemplo do animal pedido.</p>
<p><b>Responde a perguntas acerca da história, que foi lida ou repete parte da história.</b>  1- “O que aconteceu na história?”</p>	<p><b>Citações:</b>  Educadora cooperante: “Um clube é um grupo. Como nós quando queremos jogar juntos que estamos no recreio e dizemos assim “Posso brincar contigo nas construções? “. O pato queria ir assim para um grupo brincar com os amigos. O leão deixou- o entrar?”  Todos: “Não.”  Educadora: “Porquê?”  L: “Porque não sabia rugir.”  Estagiária:” Exatamente!”  V:” E a coba (quis dizer cobra) tssss.”  Estagiária: “Pois, e o pato não consegui assobiar, pois não?”  Todos: “Não.”  Estagiária: “Então também não consegui entrar no clube da cobra. E do elefante porque é que não consegui entrar, vocês lembram-se? “  L: “Porque não sabia fazer os sons de um elefante.”  Estagiária: “Sim, mas ele não entrou no clube do elefante porque...”  M.B:” Já sei!”  Estagiária: “Porquê?”  M.B: “Porque não sabia levantar a tromba.”  Estagiária: “Também podia ser, mas não foi. O elefante tinha dito umas frases, e depois o pato tinha de repetir tudo o que o elefante disse e não conseguiu. Não teve boa memória.”  L: “Porque os patos têm pouca memória.”  Estagiária: “Como o pato não conseguiu entrar no clube do leão, nem da cobra, nem do elefante o que é que ele decidiu fazer?”  L: “Fazer um clube só de patos.”  Educadora Cooperante: “Foi só de patos o clube dele? Então quem foi o primeiro membro que entrou no clube do pato?”  L: “O pato.”  Educadora Cooperante: “E depois?”  M.B e L: “A tartaruga.”  Educadora Cooperante: “E a tartaruga era um pato?”  L: “Não.”  Estagiária: “E entrou no clube, porque o pato deixou não foi? E depois, quem entrou a seguir?”  T. C: “O coelho.”  Estagiária: “E depois não entraram outros animais no clube do pato?”  L: “Sim, tipo o leão.”  Estagiária: “E depois entraram muitos animais para brincarem todos juntos.”  C. P: “Tipo o urso.”  Estagiária: “Então nós devemos brincar com todos os amigos não é?”</p>	<p><b>Observações:</b>  Só uma criança é que conseguiu compreender a mensagem que a história pretendia transmitir, isto aconteceu pelo facto de o grupo não conhecer o conceito de clube. Depois, de lida a história explicou-se o conceito de clube, e foi-se desconstruindo a história, para que as crianças conseguissem identificar e perceber qual a mensagem transmitida pela mesma.</p>

<p>2- “Qual é o teu animal preferido da história?”</p>	<p>C. P: “Sim, mas ele não entrou em nenhum clube.  Estagiária: Ele primeiro não entrou em nenhum clube, mas depois todos os animais quiseram entrar no clube dele.”  Educadora Cooperante: “Mas vocês acham que para ter um grupo é preciso toda a gente ser igual?”  Todos:” Não.”  Educadora: “Nós aqui no nosso grupo somos todos iguais?”  Todos: “Não.”  Educadora Cooperante: “E somos todos o grupo da Sí não somos?”  Todos: “Sim.”  Educadora Cooperante: “Então, o pato é que esteve bem não foi? Abriu um clube que toda a gente podia entrar. “</p> <p>C: “Eu gostei da cobra, do leão, do elefante e de todos os animais que foram brincar.”  S: “Eu gostei da cobra.”  Estagiária:” E porque é que gostaste mais da cobra?”  S: “Porque eu gosto do assobio que elas fazem.”  Di: “Eu gostei do elefante.”  Estagiária:” Porque é que gostaste mais?”  Di: “Porque o elefante atira água.”  V: “Gosto da coba (cobra).”  Lau: “Do elefante.”  Estagiária:” Porque é que gostaste mais?”  Lau: “Porque ele é muito grande.”  Dia:” Gostei do coelho.”  Estagiária:” Porquê?”  Dia: “Porque ele salta.”  Estagiária: “J.A qual foi o animal que mais gostaste?”  J.A: “da cobra.”  Estagiária:” Porquê?”  J.A:” Porque eu gosto.”  Estagiária: “Qual o teu animal preferido M.C?”  (A M.C não respondeu à pergunta através de palavras, mas apontou para o leão.)”</p>	<p>Quando é pedido para justificar a escolha de qual o animal da história que gostaram mais, a maioria do grupo consegue nomear características ou atitudes que o levam a gostar dessa personagem.</p> <p>O grupo já apresenta uma maior vontade para participar e responder às questões colocadas sobre a história, sendo que ainda existem crianças que se tem de referir o nome delas, chamando-as assim a participarem e darem a sua opinião, apesar de às vezes mesmo assim não quererem responder às questões.</p> <p>A maioria das crianças deste grupo já consegue produzir frases complexas, identificar elementos do texto, descrever pessoas/objetos/ações, e verbalizar corretamente a ordem dos acontecimentos. É notório que algumas das crianças apresentam dificuldades na articulação e na produção linguística.</p>
--	---	---

Tabela 3- Análise da Grelha de observação da história “Posso juntar-me ao clube?”

<p><b>Identifica elementos do texto (ex.: personagens, tempo, espaço, objeto).</b></p>	<p><b>Citações:</b></p> <p>B: “Raia.”  C: “Canguru.”  C.P: “Gatos.”  L: “Chita.”  J: “Elefante.”  J.A: “Rato”.</p>	<p><b>Observações:</b></p> <p>Não conseguiram identificar todas as personagens da história, pois eram muitas as personagens, num total de 12.</p>
<p><b>Responde a perguntas acerca da história, que foi lida ou repete parte da história.</b></p> <p>1- “O que aconteceu na história?”</p> <p>2- “Qual é a vossa personagem favorita?”</p>	<p><b>Citações:</b></p> <p>M:” O Rato que tocava queria fazer uma festa e foi procurar os seus amigos para eles tocarem.”</p> <p>L: “A chita. Ela é muito rápida”.  C.P: “O gato”.  Estagiária: “Porquê?”  C.P: “Porque eles são muito fofinhos.”</p>	<p><b>Observações:</b></p> <p>As crianças compreenderam a mensagem transmitida pela história.</p> <p>Demonstraram muita vontade em participar para dizer qual o animal que tinham gostado mais, sendo que para justificar nomearam características próprias desses animais.</p> <p>Apenas uma das crianças não disse qual o animal que gostou mais, mas referiu as personagens do livro, pois quando se apontava para o animal e se lhe perguntava qual era, a criança dizia o nome do mesmo. No fim da leitura da história, as crianças estiveram a imitar os animais (forma como os mesmos se deslocavam).</p>

Tabela 4- Análise da Grelha de observação da história “A Sinfonia dos Animais”.

Responde a perguntas acerca da história, que foi lida ou repete parte da história.	Citações:	Observações:
<p>1- “O que aconteceu na história?”</p>	<p>Estagiária: “E quem me sabe dizer o que aconteceu na história?”  Be: “O lenhador queria deitar a árvore abaixo.”  Estagiária: “Pois foi, e quem apareceu foi o gnomo. E o que é que o gnomo disse?”  L: “Disse que se ele não deitasse abaixo a árvore ele dava três desejos.”  Estagiária: “E o que é que a mulher do lenhador disse?”  L: “Que queria chouriços.”  Estagiária: “E o que é que o lenhador disse?”  L: “Disse que queria que os chouriços ficassem no nariz.”  C. P: “Do nariz da mulher.”  Estagiária: “E a mulher ficou contente com isso?”  Todos: “Não.”  Estagiária: “E como é que resolveram o problema?”  L: “Arrancaram.”  Estagiária: “Não deu para arrancar, ele tentou, mas não conseguiu.”  M. B: “Tirar.”  L: “Usaram muita força.”  D: “Pedi um desejo.”</p>	<p>As crianças foram capazes de verbalizar a ordem dos acontecimentos da história com correção, sendo que compreenderam a mensagem transmitida.</p>
<p>2- “Qual é a vossa personagem favorita?”</p>	<p>C: “Da mulher.”  Estagiária: “Porquê?”  C: “Porque ela é muito gira e tem um vestido vermelho.”  Estagiária: “T.C e tu?”  T. C: “Do lenhador.”  Estagiária: “Porquê?”  T. C: “Porque ele tem um machado.”  M: “Do duende.”  Estagiária: “Porquê?”  M: “Porque ele estava com uma cara de zangado.”  Estagiária: “E ele tinha motivo para estar zangado?”  L: “Sim, porque o lenhador queria cortar a árvore.”  Estagiária: “A árvore onde ele morava. E tu, L qual foi a personagem que gostaste mais?”  L: “Do lenhador.”  Estagiária: “Porquê?”  L: “Porque ele tem um machado.”  Estagiária: “D, e a tua?”  D: “Do lenhador.”  Estagiária: “Porquê?”  D: “Porque ele tem uma cara feliz.”</p>	<p>Referiram qual a personagem que tinham gostado mais e para justificar a escolha nomearam objetos e características que essas personagens possuíam.  Apenas uma das crianças não disse qual foi a personagem que gostou mais, mas quando lhe foi feita essa questão ela pegou no fantoche da mulher do lenhador.</p>

	<p>Estagiária: "E tu J?"  J: "O gnomo."  Estagiária: "Porquê?"  J: "Porque ele tem uma cara triste."  C. P: "Da mulher."  Estagiária: "Porquê?"  C. P: "Porque tem cabelo preto como a minha mãe."  Estagiária: "T.A e tu?"  T.A: "Do gnomo."  Estagiária: "Porquê?"  T. A: "Porque é pequeno e eu gosto dele."  Estagiária: "M. C e tu?"  (A M .C não respondeu, mas pegou no fantoche da mulher).</p>	
--	---	--

*Tabela 5- Análise da Grelha de observação da história "Os Três Desejos".*

<p><b>Identifica elementos do texto (ex.: personagens, tempo, espaço, objeto).</b></p>	<p><b>Citações:</b>  Estagiária: “Quais foram os animais que apareceram nesta história?”  V: “sesete(elefante).”  F: “Zebra.”  Lou: “Girafa.”  Lau: “Elefante.”  M.B: “Rinoceronte.”  D: “Rinoceronte.”  Luí: “Girafa.”  T. C: “O Cuquedo.”  Estagiária: “E ainda falta um, que foram os primeiros animais que apareceram que andavam de lá para cá e de cá para lá.”  (O grupo não soube qual o animal que faltava, então a estagiária mostrou a imagem.)  Estagiária: “E estes quais são?”  T. C: “Os hipopótamos.”  Estagiária: “Então temos os hipopótamos, rinocerontes, as girafas, os elefantes, as zebras e o Cuquedo.”</p>	<p><b>Observações:</b>  O grupo conseguiu identificar as personagens da história, exceto os hipopótamos, mas quando lhes foi mostrada a imagem dos mesmos referiram logo o nome.</p>
<p><b>Responde a perguntas acerca da história, que foi lida ou repetiu parte da história.</b></p> <p>1- “O que aconteceu na história?”</p> <p>2- “Qual é a vossa personagem favorita?”</p>	<p><b>Citações:</b>  Estagiária: “O que é que aconteceu na história?”  Dia: “O Cuquedo queria assustar os animais.”  Estagiária: “E os animais queriam ser assustados?”  F: “Não, estavam com medo.”</p> <p>Estagiária: “Qual foi o vosso animal favorito?”  C. P: “Rinoceronte.”  Estagiária: “Porquê?”  C. P: “Porque ele tem um chifre e eu faço bem de rinoceronte.”  Estagiária: “Então faz.”  C.P: “humgr (imita o som do rinoceronte.)”  Educadora Cooperante: “Pareces mesmo.”  Be: “O rinoceronte.”  Estagiária: “Porquê?”  Be: “Porque tem um bico aqui (apontou para o nariz).”  Luí: “Da girafa.”  Estagiária: “Porquê?”  Luí: “Porque ela testço (pesçoço) grande.”  J: “Da girafa.”  Estagiária: “Porquê?”  J: “Porque ela tem assim uns corninhos.”  M.B: “Eu gostei da girafa e da zebra.”  Estagiária: “Porquê?”  M.B: “Porque têm muitas riscas e a girafa tem muitas manchinhas.”  Lou: “Da girafa.”  Estagiária: “Porquê?”  Lou: “Porque tem umas manchas castanhas bonitas.”</p>	<p><b>Observações:</b>  Identificaram a ideia principal da história.</p> <p>A maior parte do grupo já refere qual a personagem que gostaram mais justificando a escolha segundo as características que essas personagens possuem.</p> <p>Nesta última intervenção, é notório que o grupo se demonstra muito mais participativo para responder às questões que se colocam sobre a história, pois a maioria das crianças já querem responder às questões.</p> <p>A maioria das crianças é capaz de verbalizar e construir frases com uma estrutura cada vez mais complexa (coordenadas, afirmativas, negativas) que incluem duas ou mais ideias com detalhes descritivos. Por outro lado, as que ainda só constroem frases simples incluem um maior número de palavras.</p> <p>São capazes de identificar elementos do texto e de descrever pessoas e ações. Verbalizam corretamente a ordem dos acontecimentos. Comunicam com facilidade, expressando com clareza a sua opinião e preferências.</p>

	V: “O sesete (elefante).” Estagiária:” Porquê?” V: “Porque ele tem uma tromba(tromba).” F: “O Cuquedo.” Estagiária:” Porquê?” F: “Porque tem batom.” (A Educadora Cooperante referia o nome dos animais um a um e a M. C repetia o nome. Quando lhe questionaram qual gostou mais ela pegou na máscara da girafa e disse: “ giafa”.)”	
--	---	--

*Tabela 6- Análise da Grelha de observação da história “O Cuquedo: Alto Lá!”.*

Durante as intervenções foi possível fazer pequenas gravações em vídeo da dinamização das histórias, apesar de só ter sido possível gravar cinco intervenções de seis. Para se proceder a uma perceção lógica das intervenções, realizou-se uma compilação desses pequenos vídeos (anexo 14).

Posteriormente, às intervenções foi aplicada novamente uma grelha, com os mesmos indicadores da grelha de avaliação diagnóstica da Linguagem Oral, mas desta vez, com o intuito de comparar as duas grelhas e avaliar a evolução das crianças nesses mesmos indicadores. Essa grelha, será apresentada em seguida.

<b>Indicadores de Desenvolvimento</b>	B	Be	C	C.P	Dia	Di	D	F	J	J.A	Lau	Lou	Observações
Reconta pequenas histórias.	N/A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
Mostra interesse quando as histórias são lidas.	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
Pede às pessoas para lhe lerem histórias.	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
Responde a perguntas acerca da história, que foi lida ou repete parte da história.	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	As crianças B, J, J.A, Luí, M.C, R, V possuem distúrbio de linguagem, e são acompanhadas na terapia da fala.
Usa o próprio nome quando se refere a si mesmo.	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	
Emprega o tempo do presente.	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
Emprega o tempo do passado de verbos regulares (ex. pulou, cantou, etc....).	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
Expressa ações futuras (ex. ir a querer).	N/A	A	A	A	A	A	A	A	A	E/A	A	A	
Utiliza os artigos (o, a, um, uma).	A	A	A	A	A	A	A	A	A	E/A	A	A	
Utiliza preposições (em, sobre, em cima, em baixo).	N/A	A	A	A	A	E/A	E/A	A	A	E/A	A	A	
Utiliza conjunções (e, mas).	E/A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
Usa o imperativo quando pede um favor.	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
Usa com correção e com frequência os pronomes pessoais (eu, tu, ele, ela, etc....).	N/A	A	A	A	A	E/A	A	A	A	E/A	A	A	
Emprega formas regulares de plural (livro/livros).	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
Constrói frases simples e curtas com três ou quatro palavras.	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
Segue as orientações simples (“vem para a roda”).	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
Repete canções, rimas e lengalengas.	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
Usa frases que incluem duas ou mais ideias com detalhes descritivos (ex. “eu amontoei os blocos vermelhos demasiado alto e eles caíram”).	E/A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
Nomeia o que lhe é pedido “Diz-me o que é isto?”	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	

Identifica o que lhe é pedido “Onde está (...)?”	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
Verbaliza com uma certa ordem os acontecimentos.	A	A	A	E/A	A	A	A	A	A	A	A	A	
Faz perguntas começadas por “como”, “quem”, “onde” e “porque”.	E/A	A	A	A	A	A	A	A	A	E/A	A	A	

Indicadores de Desenvolvimento	L	Luí	M.B	M.A	M.C	M	R	S	T.A	T.C	V	Observações
Reconta pequenas histórias.	A	A	A	A	N/A	A	E/A	A	A	A	A	
Mostra interesse quando as histórias são lidas.	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
Pede às pessoas para lhe lerem histórias.	A	A	A	A	N/A	A	A	A	A	A	A	
Responde a perguntas acerca da história, que foi lida ou repete parte da história.	A	A	A	A	E/A	A	A	A	A	A	A	A M.C só responde a perguntas de identificação (ex.: “qual o teu animal preferido”, ou “qual é este animal?”)
Usa o próprio nome quando se refere a si mesmo.	N/A											
Emprega o tempo do presente.	A	A	A	A	N/A	A	A	A	A	A	A	
Emprega o tempo do passado de verbos regulares (ex. pulou, cantou, etc...).	A	A	A	A	N/A	A	A	A	A	A	A	
Expressa ações futuras (ex. ir a querer).	A	A	A	A	N/A	A	A	A	A	A	A	
Utiliza os artigos (o, a, um, uma).	A	A	A	A	N/A	A	E/A	A	A	A	A	
Utiliza preposições (em, sobre, em cima, em baixo).	A	E/A	A	A	N/A	A	E/A	A	E/A	A	E/A	
Utiliza conjunções (e, mas).	A	A	A	A	N/A	A	A	A	A	A	E/A	
Usa o imperativo quando pede um favor.	A	A	A	A	N/A	A	A	A	A	A	A	
Usa com correção e com frequência os pronomes pessoais (eu, tu, ele, ela, etc...).	A	E/A	A	E/A	N/A	A	E/A	A	E/A	A	N/A	
Emprega formas regulares de plural (livro/livros).	A	A	A	A	N/A	A	A	A	A	A	A	

Constrói frases simples e curtas com três ou quatro palavras.	A	A	A	A	N/A	A	A	A	A	A	A	A M.C foi diagnosticada com atraso global de desenvolvimento. Quando o V verbaliza não se percebe todas as palavras ( ex.: “sesete” (quer dizer elefante)
Segue as orientações simples (“vem para a roda”).	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
Repete canções, rimas e lengalengas.	A	A	A	A	E/A	A	A	A	A	A	A	
Usa frases que incluem duas ou mais ideias com detalhes descritivos (ex. eu amontoei os blocos vermelhos demasiado alto e eles caíram “)	A	A	A	A	N/A	A	A	A	A	A	E/A	
Nomeia o que lhe é pedido “Diz-me o que é isto?”	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
Identifica o que lhe é pedido “Onde está (...)?”	A	A	A	A	N/A	A	A	A	A	A	A	
Verbaliza com uma certa ordem os acontecimentos.	A	A	A	A	N/A	A	A	A	A	A	A	
Faz perguntas começadas por “como”, “quem”, “onde” e “porque”.	A	A	A	A	N/A	A	N/A	A	A	A	N/A	

**Legenda:**

N/A- Não adquirido

A -Adquirido

E/A- Em aquisição

N/O- Não observado

*Grelha 8- Avaliação da Linguagem Oral (fonte própria: Indicadores de Desenvolvimento adaptados das OCEPE 2016).*

Realizando uma comparação da grelha 8 com a grelha 7 podemos destacar que o único indicador que se encontra menos desenvolvido é o seguinte “Usa o próprio nome quando se refere a si mesmo”, o qual apenas uma criança o faz. Como já foi referido este não é um indicador necessário a ser desenvolvido.

Todos os outros indicadores sofreram uma evolução positiva e significativa, sendo que aumentaram o número de crianças que os adquiriu ou estão em aquisição, destacando o indicador “Usa com correção e com frequência os pronomes pessoais”, no qual houve um aumento significativo de crianças que o adquiriu. Dois indicadores que foram adquiridos pela totalidade do grupo são os seguintes: “Segue as orientações simples” e “ Nomeia o que lhe é pedido”. Foi notória uma evolução muito positiva e significativa de todas as crianças em todos os indicadores de desenvolvimento da Linguagem Oral ,havendo agora apenas uma criança que apesar de ter adquirido alguns indicadores e estar em fase de aquisição em outros, ainda apresenta bastantes indicadores não adquiridos, sendo a criança, a M.C. Esta criança foi diagnosticada com atraso global de desenvolvimento, e só responde a perguntas de identificação (ex: “Qual o teu animal preferido?” ou “ Qual é este animal?”).

Para monitorizar estes resultados, foi realizado um *focus group*, que teve como enfoque a história “A lagartinha muito comilona”. Foi cedida a cada criança, uma folha que continha três imagens e um retângulo.

De forma individual, à medida que a criança ia pintando as imagens, eram colocadas algumas questões, sendo estas gravadas, através de um telemóvel, e depois transcritas para o retângulo existente na folha de cada criança (anexo 2).

Analisando as respostas dadas pelas crianças, foi possível aferir que a maioria foi capaz de responder a perguntas acerca da história que foi lida, empregavam o tempo do passado no seu discurso, utilizavam conjunções, construíam frases simples e curtas, nomeavam o que lhes é pedido e verbalizavam com uma certa ordem os acontecimentos que aconteceram na história. Exceto a criança M.C que foi apenas capaz de nomear a imagem que representava o casulo, não respondendo a mais questões. Existem crianças, que é o caso da B, DI, V, J que não verbalizavam todas as letras de uma palavra, omitindo-as, por exemplo em vez de “borboleta” dizem “boboleta” ou “boleta”/ “boeta”; lagarta diziam “lagata” e “ comilona” dizem “comiboia”. Já a Luí, trocava e não verbalizava todas as

letras de uma palavra, como se pode comprovar quando em vez de “lagarta” dizia “dadata”; “gosto” diz “tosto”; “conseguiu” dizia “trouxeiu”.

Algumas destas crianças já usam com correção os pronomes pessoais, nas respostas que davam, bem como produzem frases que incluíam duas ou mais ideias com detalhes descritivos.

No fim das intervenções e analisando os dados recolhidos, foi notório que o grupo se mostrou muito mais participativo para responder às questões que se colocavam sobre as histórias, visto que praticamente todas as crianças queriam participar e expressar a sua opinião.

A maioria das crianças é capaz de verbalizar e construir frases com uma estrutura cada vez mais complexa (coordenadas, afirmativas, negativas) que incluem duas ou mais ideias com detalhes descritivos. Por outro lado, as que ainda só constroem frases simples incluem um maior número de palavras.

São capazes de identificar elementos do texto e de descrever pessoas e ações. Verbalizam corretamente a ordem dos acontecimentos. Comunicam com facilidade, expressando com clareza a sua opinião e preferências.

Por último, foi pedido à educadora cooperante que elaborasse uma narrativa de experiência, com o intuito de compreender a perspetiva da mesma, a respeito das intervenções educativas, com o propósito de verificar se ela considera que houve evoluções no domínio da Linguagem Oral do grupo.

A educadora cooperante considera que estas intervenções conseguiram alcançar o objetivo estipulado, dado que afirma que:

(...) As horas do conto orientadas pela estagiária revelaram-se ricas em estratégias que focaram desde o pequeno ao grande grupo, a leitura de histórias e poemas, a dramatização, o teatro de sombras,... que captaram a atenção dos mais pequenos e os deixou motivados.

A estagiária conseguiu com estes momentos promover o desenvolvimento das variadas competências relacionadas com a comunicação oral, a consciência linguística, a identificação de convenções da escrita e o prazer e motivação para ler e escrever.

O grupo mostrou-se recetivo durante todos os momentos e com o avançar das sessões foi possível perceber uma participação crescente e uma autorregulação maior (...). (anexo 3)

Logo, é possível afirmar que a utilização da hora do conto se revelou bastante eficaz para promover o desenvolvimento da Linguagem Oral.

### Considerações Finais

A Linguagem Oral é um dos domínios que está presente e é trabalhado diariamente, de forma intencional, nas salas de Educação Pré- Escolar, uma vez que esta competência é adquirida de uma forma natural pelas crianças. Mas, para isso é necessário que haja uma exposição à mesma. Esta competência desenvolve-se mais gradualmente, se a criança tiver contacto e interações comunicativas com os seus familiares ou com outras pessoas.

O educador possui um papel muito importante no desenvolvimento desta competência, pois através das interações que este estabelece com as crianças e as atividades específicas dirigidas, como por exemplo exploração de rimas, lengalengas, trava-línguas, criar momentos de diálogo, proporcionar momentos de audição de canções, poesia e história, têm o propósito de contribuir para as crianças alargarem o seu vocabulário, compreenderem questões, pedidos e conversas, serem capazes de construir frases gramaticalmente corretas e mais complexas e que possuam um maior controlo da expressão e da comunicação.

No contexto onde foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada, foi observado que o grupo da sala dos três anos, apresentava dificuldades neste domínio, mais especificamente na articulação e produção linguística, competências que, eventualmente, estariam menos desenvolvidas, devido à situação pandémica vivida no país.

Existiam várias atividades que poderiam ser implementadas para desenvolver este domínio, mas optou-se por utilizar a Hora do Conto, recorrendo-se a diferentes estratégias para a sua dinamização, dado que se observou que o grupo manifestava bastante interesse por ouvir histórias, uma vez que traziam diariamente, vários livros para a sala, solicitando que se realizasse a sua leitura.

Neste sentido, definiu-se como objetivo para esta investigação a promoção do desenvolvimento da Linguagem Oral, através da dinamização da Hora do Conto, com o intuito de dar resposta à seguinte questão de partida: De que forma a dinamização da Hora

do Conto, poderá promover o desenvolvimento da competência da Linguagem Oral na Educação Pré-Escolar?

Primeiramente, foi necessário perceber o conceito da Linguagem Oral e a importância que o mesmo apresenta para as crianças, bem como compreender como este conceito deve ser trabalhado em contexto Pré-Escolar, mais especificamente, o papel do educador de infância para potencializar o seu desenvolvimento, tendo sido necessário realizar uma análise às Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Para além disso, foi essencial compreender como é realizado o processo de aquisição da Linguagem.

Neste seguimento, foi fundamental entender o conceito da Hora do Conto, assim como as suas potencialidades. Foi essencial aprender também algumas estratégias que o educador pode utilizar para proceder à dinamização de uma história.

Tendo em conta, tudo o que foi referido até agora e de modo a alcançar o objetivo estabelecido, foram planificadas e realizadas seis intervenções educativas, uma em cada semana, contabilizando um total de seis semanas. Em cada uma das semanas foi dinamizada uma história, usando estratégias diversificadas em cada uma. Após as leituras das histórias, realizou-se sempre um momento de diálogo, em grande grupo, durante o qual eram colocadas algumas questões sobre as histórias ouvidas, com a intenção de ouvir as opiniões das crianças e permitir que elas desenvolvessem a competência da Linguagem Oral.

Os resultados obtidos com a intervenção implementada revelaram a eficácia da hora do conto como promotor do desenvolvimento da Linguagem Oral. Com este estudo, verificamos que, recorrendo a diferentes estratégias para a dinamização de histórias, a hora do conto contribuiu para evoluções significativas no domínio da Linguagem Oral, por parte das crianças, posto que foi notório que o grupo se demonstrou muito mais participativo para responder às questões que se colocaram sobre as histórias, visto que praticamente todas as crianças queriam participar e expressar a sua opinião.

A maioria das crianças foi capaz de verbalizar e construir frases com uma estrutura cada vez mais complexa (coordenadas, afirmativas, negativas) que incluíam duas ou mais ideias com detalhes descritivos. Por outro lado, as que ainda só construíam frases simples incluíam um maior número de palavras.

Foram capazes de identificar elementos do texto e de descreverem pessoas e ações. Verbalizaram corretamente a ordem dos acontecimentos. Comunicaram com facilidade, expressando com clareza a sua opinião e preferências. É importante mencionar que os indicadores determinados nas grelhas apresentadas sofreram uma evolução positiva e significativa, sendo que aumentou o número de crianças que os adquiriu ou estão em aquisição, após a aplicação das intervenções, verificando-se o desenvolvimento da competência da Linguagem Oral.

Portanto, é relevante referir que a utilização de diversificadas estratégias para dinamizar a Hora do Conto foram fundamentais para motivar as crianças e ter a sua atenção, ao longo das intervenções.

A Hora do Conto permitiu desenvolver a imaginação, fazendo com que as crianças viajassem para outros lugares, tempos, sem ser necessário saírem do lugar onde se encontravam, de idealizarem como são as personagens, os cenários. Proporcionou a aquisição de valores e sentimentos que são retratados nas histórias, como por exemplo: o amor, a amizade, o medo entre outros (...), levando assim a criança a colocar-se no lugar da personagem e sentir tudo o que ela sente, como se fosse ela a própria personagem. Aprimorou a capacidade de concentração, estimulou a linguagem e enriqueceu o vocabulário.

O primeiro passo a seguir para que a Hora do Conto alcance o objetivo pretendido é a seleção da obra, na medida em que o livro escolhido deve ser adequado à faixa etária das crianças. Para além disso, o educador, quando está a contar uma história, deve ter em conta que pode mudar o tom e o ritmo da voz, de acordo com as personagens que vão aparecendo, de forma que as crianças compreendam que as personagens mudam e que as mesmas têm características diferentes. Podem ser utilizadas outras estratégias, como por exemplo: convidar outras pessoas para virem contar a história, fazer dramatizações, utilizar fantoches e diferentes suportes de leitura. Há várias estratégias que um educador pode utilizar, só é preciso dar largas à imaginação e conhecer as características e interesses do seu grupo.

Assim sendo, o educador deve estabelecer relações afetivas, seguras e de confiança com as crianças, envolvendo-as num clima de confiança e liberdade. Observar, registar, organizar e avaliar a informação sobre as crianças são, também, competências importantes que o educador deve possuir para ser capaz de planear atividades adequadas.

É essencial referir que se deve investir diariamente na nossa formação, uma vez que a educação está em constante evolução, não é algo estático, como defende Hannah Arendt (2000) “(...) a educação é uma das atividades mais elementares e mais necessárias da sociedade humana a qual não permanece nunca tal como é mas antes se renova sem cessar pelo nascimento, pela chegada de novos seres humanos” (p.8).

O tópico que se segue é o último deste relatório de investigação, aborda as Linhas de Investigação Futuras e o objetivo é focar os pontos que poderiam ser explorados para dar continuidade à investigação desta temática, assim como as limitações que este relatório apresenta.

### Linhas de Investigação Futuras

Quando se realiza uma investigação, esta nunca se pode dar como concluída, dado que há sempre aspetos que podem ser melhorados, novos dados que podem ser incluídos, pois como refere Morin (2001) “a conclusão de uma obra (...) não deve dissimular o inacabado, mas antes realçá-lo. Toda a obra deve ser trabalhada pela inconsciência do inacabamento. Que toda a obra não mascare a brecha, mas que a marque. O que importa não é relaxar a disciplina intelectual, mas inverter-lhe o sentido e consagrá-lo à realização do inacabamento”. (p.43)

Perante o que foi referido anteriormente, é necessário destacar alguns pontos que poderiam ser tidos em conta, para investigações futuras da temática explorada. Neste sentido, o primeiro ponto a ser destacado para ser implementado numa investigação futura seria alargar este estudo a um maior número de crianças, de forma a ser possível fazer um estudo comparativo entre salas da mesma faixa etária. Dado que, poderíamos analisar se com as mesmas intervenções, os resultados obtidos em ambas as salas teriam um impacto positivo em ambas, negativo em ambas, ou se iriam ser diferentes de sala para sala. No seguimento deste ponto, poderíamos também alargar este estudo a todas as salas da Educação Pré-Escolar, para poder comparar e analisar se os resultados iriam diferir consoante as idades, bem como as suas evoluções.

O segundo ponto que seria relevante abranger numa investigação futura, seria aplicar estas intervenções em cooperação com as famílias, criando assim uma maior interação escola – família. Na medida em que, as interações que as crianças realizam com os pais e com pessoas significativas são indutoras para o desenvolvimento da sua Linguagem Oral, logo, se houver um trabalho de cooperação dos diferentes intervenientes, este

desenvolvimento será alcançado, de uma forma muito mais significativa, pois será acompanhado por ambas as partes.

O terceiro ponto a ser considerado relaciona-se com a área específica da Hora do Conto, visto que as obras que foram selecionadas poderiam pertencer a outras tipologias textuais, poderíamos escolher obras em prosa, nas quais o ritmo e a velocidade da leitura são diferentes, entre outras (...).

Para finalizar, esta investigação apresenta certas limitações, como por exemplo, o tempo, que poderia ser mais extenso para se conseguir realizar um aprofundamento do tema investigado, bem como a amplitude, pois seria muito pertinente ter realizado mais atividades, recorrendo a diferentes estratégias.

## Referências Bibliográficas

### **Documentos oficiais**

Decreto-lei nº75/08 de 22 de abril. Diário da República n.º 79/08- I Série A. Ministério da Educação.

### **Documentos disponibilizados pela Instituição**

- Projeto Educativo : 2018-2021.

- Regulamento Interno: 2020-2021.

- Projeto Curricular : 2020-2021.

Abramovich, F. (2001). *Literatura Infantil: Gostosuras e bobices*. Scipione.

Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação- Um guia prático e crítico*. Edições ASA.

Albuquerque, F. (2000). *A Hora do Conto*. Teorema.

Amarilha, M. (1997). *Estão mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica*. Vozes.

Arendt, H. (2000). A Crise na Educação. *Entre o passado e o futuro*, 5, 221-247.

Bell, J. (1997). *Como realizar um projecto de investigação*. Gradiva.

Bittencourt, B. R. (2010). *A hora do conto como atividade na biblioteca escolar* (Tese de Doutorado não publicada). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre.

Bodgan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto Editora.

Campenhoudt, L. V., Marquet, J & Quivy, R. (2019). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva.

Carmo, H. & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da Investigação– Guia para Auto-aprendizagem*. Universidade Aberta.

Cavalcanti, J. (2005). *E foram felizes para sempre ?: releitura dos contos de fadas numa abordagem psicocrítica*. Prazer de Ler.

Cavalcanti, J. (2006). *Malas que contam histórias: propostas de actividade para a dinamização de contextos lúdicos de aprendizagem*. Paulus.

Cruz, V. (2020). *Do aprender a ler ao ler para aprender*. Factor.

Ferreira, A. L., Silva, C. V., Matos, J. C., Couto, J. M. & Martins, M. (2019). *Métodos Fundamentais de Ensino-Português*. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Fortin, M. F. (2003). *O processo de investigação: da concepção à realização* (3ªed.). Lusociência.

Galego, C. & Gomes, A. (2005). Emancipação, ruptura e inovação: o “focus group” como instrumento de investigação. *Revista Lusófona de Educação*, 5, (5), 173-184. <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/1012>

Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo- Sentidos e formas de uso*. Princípia Editora.

Hohmann, M. & Weikart, D. (2003). *Educar a criança* (2ª ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.

Leite, I. (2020). *PREPARAR Desenvolvimento linguístico e preparação para a leitura e escrita*. <https://ler.pnl2027.gov.pt/file-download/464>

Lentin, L. (1981). *A Criança e a Linguagem Oral: Ensinar a falar: Onde? Quando? Como?*. Livros Horizonte.

- Lessard-Hébert, M., Goyette, G. & Boutin, G. (1994). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*. Instituto Piaget.
- Lorandi, A., Cruz, C. R. & Scherer, A. (2011). Aquisição da linguagem. *Verba Volant*, 2 (1), 144-166. <http://letras.ufpel.edu.br/verbavolant/segundo/lorandi2.pdf>
- Marques, R (1998). O ensino dos valores em Kohlberg. In *Ensinar valores: Teorias e modelos* (pp. 94-107). Porto Editora.
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação- Acção*. Porto Editora.
- Morin, E. (2001). *Educar para a Era Planatária. O Pensamento Complexo como Método de Aprendizagem no erro e na Incerteza Humanos*. Instituto Piaget.
- Papalia, D.E., Olds, S.W. & Feldman, R.D. (2009). *O mundo da criança- da infância à adolescência* (11<sup>a</sup> ed.). McGraw- Hill.
- Pennac, D. (1993). *Como um romance*. Asa.
- Pereira, M. (2015). *Dar vida às histórias: leitura e estratégias no pré-escolar* (Dissertação de Mestrado). Escola Superior de Educação, Viana do Castelo.
- Pontes, V. M. A. & Azevedo, F. (2008). A criança e a literatura infantil: uma relação fantástica em sala de aula. In *Congresso Internacional em Estudos da Criança, – “Infâncias Possíveis, Mundos Reais”*. Universidade do Minho. <https://hdl.handle.net/1822/8008>
- Ribeiro, I. & Viana, F. L. (2020). *PREPARAR Conhecimento morfológico e sintático*. <https://ler.pnl2027.gov.pt/file-download/467>
- Rigolet, A. S. (2006). *Para uma Aquisição Precoce e Optimizada da Linguagem* (2<sup>a</sup> ed.). Porto Editora.
- Rueda, R. (2005). *La biblioteca de aula infantil: el cuento y la poesía*. Narcea.
- Silva, D. (2014). *Dinamização da hora do conto: recursos e estratégias* (Dissertação de Mestrado). Escola Superior de Educação de Lisboa, Lisboa.
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação.

Silva, I., Veloso, A. & Keating, J. (2014). Focus group: Considerações teóricas e metodológicas. *Revista Lusófona de Educação*, 26, (26), 175 – 190.

<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/reducacao/article/view/4703>

Sim-Sim, I., Silva, A. C., & Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância: Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Ministério da Educação.

Vale, A. P. (2020). *PREPARAR Consciência fonológica, relação entre oral e escrita*.

<https://ler.pnl2027.gov.pt/file-download/468>

Viana, F. L. (2002). *Melhor falar para melhor ler: um programa de desenvolvimento de competências linguísticas 4-6 anos* (2ªed.). Universidade do Minho.

Vilelas, J. (2009). *Investigação: o processo de construção do conhecimento*. Edições Sílabo.

# **Anexos**

**Anexo 1-** Guião de entrevista: Entrevista realizada à educadora cooperante (fonte própria).

**Data:** 5/10/2020

**Local:** Sala de Reuniões da Instituição

Esta entrevista destina-se a uma educadora do pré-escolar, da instituição x, e será utilizada estritamente no âmbito académico, por uma estudante da ESEPF, para a realização do relatório de investigação, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Todos os dados e informações decorrentes da entrevista serão salvaguardados, garantindo assim o anonimato e confidencialidade dos mesmos, garantindo total salvaguarda da instituição em questão.

**Dados da amostra:**

-“ Quantos anos tem?”

Entrevistada: “38 anos.”

-“Quanto tempo de serviço possui?”

Entrevistada: “14 anos.”

- “Qual a faixa etária do grupo que está a trabalhar neste momento?”

Entrevistada: “É uma sala de 3 anos, portanto tem crianças entre os três e os quatro anos de idade”.

**Grupo I: Domínio da Linguagem Oral**

**Entrevistadora:** “Como caracteriza o seu grupo no domínio da Linguagem Oral?”

**Entrevistada:** “É assim, ao nível da Linguagem Oral eles demonstram uma grande vontade em comunicar para partilhar novidades, vivências pessoais, embora neste grupo várias crianças têm dificuldades na articulação e na produção linguística. Temos nove crianças sinalizadas, sete das quais já se encontram na terapia da fala, mas algumas das crianças consegue produzir frases simples e complexas, conseguem nomear e descrever pessoas, objetos, ações, relatar acontecimentos. Portanto, eu considero que eles estão bem

ao nível da Linguagem Oral, em termos das questões articulatórias ainda temos um caminho a percorrer”.

**Entrevistadora:** “Certo e que atividades desenvolve para trabalhar este domínio?”

**Entrevistada:** ” O domínio da Linguagem Oral está presente em tudo, nós sabemos que está presente nos diálogos, no acolhimento, nas questões do dia-a-dia, nos registos das novidades, as horas do conto. O importante é nos termos intencionalidade nesses momentos e sabermos que estamos sempre a recorrer à Linguagem Oral. Portanto, pensarmos muito bem quais são as competências que queremos trabalhar nos diversos momentos do dia e ter consciência que a linguagem oral está presente em tudo. Claro que há atividades com maior intencionalidade, como é o caso da hora do conto que é sempre um ótimo recurso para trabalhar a linguagem oral, como é o caso do registo da novidade do fim-de-semana, em que eles têm que relembrar e que requer que eles sejam capazes de construir frases simples, articular o discurso, relembrarem-se do que fizeram. Portanto, acaba por estar presente praticamente no dia todo e ainda que estejamos a fazer outras atividades, a Linguagem Oral funciona sempre quase como uma interdisciplinaridade”.

## **Grupo II – A Hora do Conto como estratégia de desenvolvimento da Linguagem Oral**

**Entrevistadora:** “Exato, sim. E já que referiu a Hora do Conto, considera então que a hora do conto é uma escolha eficaz para o desenvolvimento da Linguagem Oral?”

**Entrevistada:**” Sem dúvida, sim, sem dúvida”.

**Entrevistadora:** “Com que frequência dinamiza a hora do conto por semana?”

**Entrevistada:**” Diariamente, existe um dia entre outro que às vezes pode, de acordo com a dinâmica do grupo não ser possível, mas por norma é desenvolvida diariamente”.

**Entrevistadora:** “ Quais as estratégias devem ser tidas em conta na dinamização de uma história que promovam a linguagem oral das crianças?”

**Entrevistada:** “As estratégias devem ter sempre em conta a faixa etária das crianças, isso é fundamental. É fundamental cativar a atenção das crianças, independentemente da idade, portanto temos de pensar sempre na questão da organização do grupo, ter em conta se a história é adaptada ou não à faixa etária e depois, deve-se criar uma rotina associada a um momento da hora do conto que acaba por ajudar, de certa forma, a que todo o grupo

perceba que se vai iniciar o momento e isso faz com que eles já conseguiram antecipar o que vai acontecer e consigam se estruturar. Isto são pequenas estratégias que funcionam na generalidade, depois claro que de acordo com o grupo, há grupos que requerem uma maior expressividade, um maior recurso a objetos como por exemplo, os fantoches, ou teatro de sombras, como ainda no outro dia fizeste. Mas, é essencialmente preparar muito bem este momento e tentar adaptar à faixa etária”.

**Entrevistadora:** “ Certo, a hora do conto é apreciada pelas crianças? Se sim, como o demonstram?”

**Entrevistada:** “Sim, a hora do conto é muito apreciada, inclusivamente eles trazem muitos livros de casa para pedir para nós contarmos cá. Outra das formas que nós também notamos é que sempre que falamos em contar alguma história há uma grande adesão, dizem sempre que querem arrumar, preparar tudo para ouvir a história, e é uma das atividades que é muito referida na Assembleia de Turma semanal, quando nós perguntamos o que querem fazer na próxima semana, a hora do conto é sempre referida, trazer mais histórias, ouvir histórias tradicionais é sempre uma das coisas referidas por eles”.

### **Grupo III- A utilização das histórias para a realização de atividades que promovam o desenvolvimento da Linguagem Oral e a interdisciplinaridade com as outras áreas de conteúdo**

**Entrevistadora:** “ Muito bem. Qual o contributo da hora do conto para a promoção a interdisciplinaridade/ integração curricular?”

**Entrevistada:** “É assim, a hora do conto pode ser utilizada para abordar todas as áreas de conteúdo. Portanto, nós ao escolhermos uma história, conseguimos ir desde trabalhar animais, a trabalhar o corpo humano, por isso a nossa intencionalidade é que está por de trás. É, sem dúvida, um recurso que permite promover todas as competências, de todas as áreas, é só termos o cuidado de quando escolhermos a história e tentar perceber como é que isso nos leva a trabalhar todos os domínios. Mas, é sem dúvida, um recurso extraordinário para fazer até um trabalho de projeto”.

**Entrevistadora:** “Exatamente. E, por último, acha que o domínio da linguagem oral pode ser trabalhado, de forma interdisciplinar/ integração curricular? Como? “

**Entrevistada:** “Claro que sim. A linguagem está presente em tudo no dia a dia e nós devemos olhar para a linguagem como um recurso. O importante é que ao planificarmos, e eu penso que já disse isto até anteriormente, ao planificarmos os vários momentos do dia temos é que pensar na intencionalidade, por exemplo, quando nós fazemos um acolhimento, nós conseguimos abordar tudo. Eles acabam por trazer plantas e nós se quisermos podemos pegar nas plantas que chegam ao acolhimento e fazer uma sensibilização para a importância das plantas, para a parte de cuidar do ambiente. Há outro dia, em que eles chegam e dizem que vieram de bicicleta, podemos também aproveitar a importância da saúde, do caminhar. É preciso, nós percebermos que nestes momentos, mesmo que às vezes nos possam parecer informais e que estejamos só a conversar, ter a nossa intencionalidade e ter presente todas as áreas de conteúdo, bem como as competências que queremos desenvolver em cada uma delas, para que quando surgem conversas espontâneas, nós consigamos também dar intencionalidade a esses momentos”.

**Entrevistadora:** “Termino assim a entrevista. Quero-lhe agradecer pela sua disponibilidade.”

**Entrevistada:** “Obrigada eu!”

Anexo 2- Focus Group



Registro:

Estagiária: O que tem nestas imagens?

Criança: Uma lagarta, casulo, uma borboleta.  
Estagiária: Sabes como se chama esta história?

Criança: A lagartinha comêdo.

Estagiária: Tu gostaste do história?

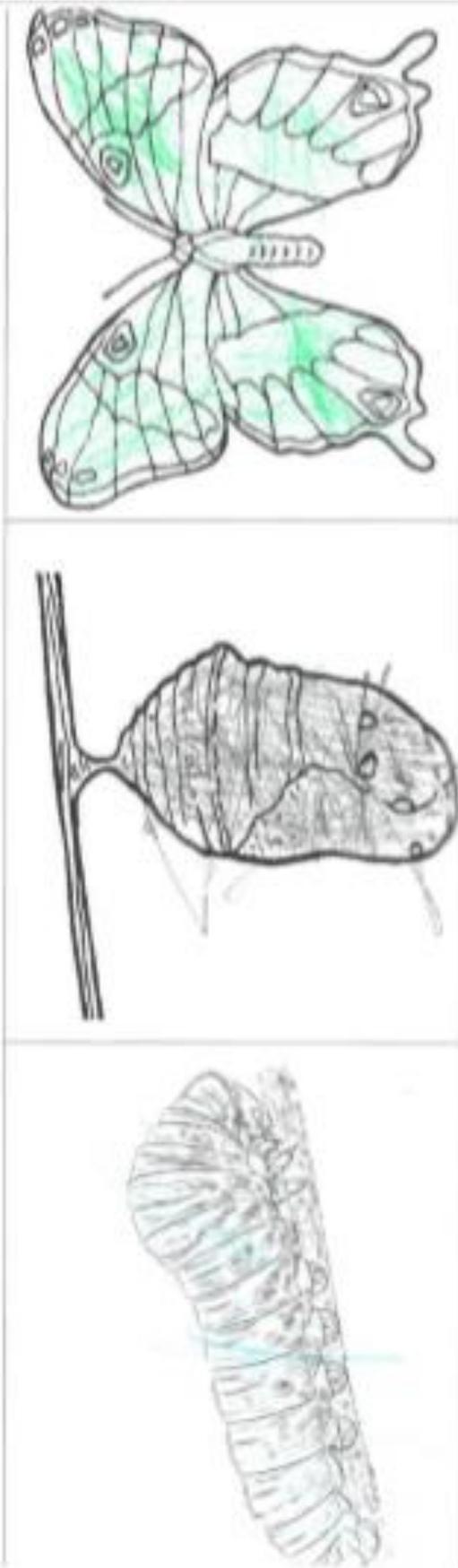
Criança: Sim.

Estagiária: Porque?

Criança: A lagarta.

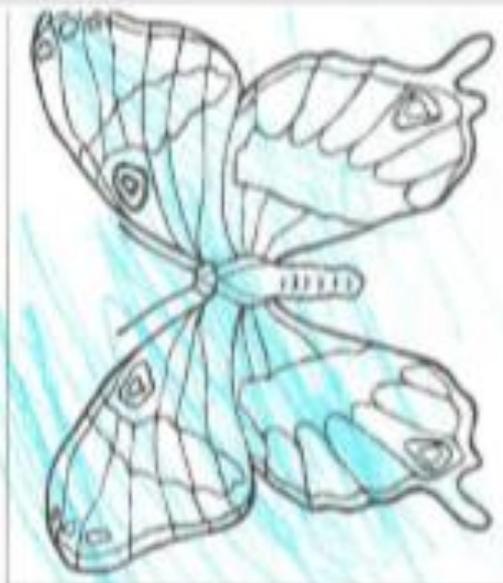
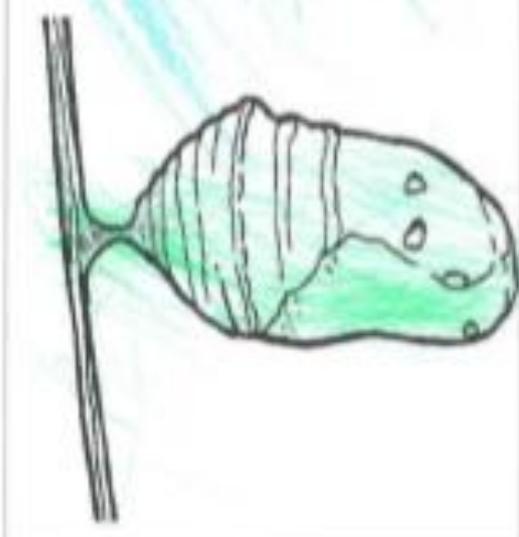
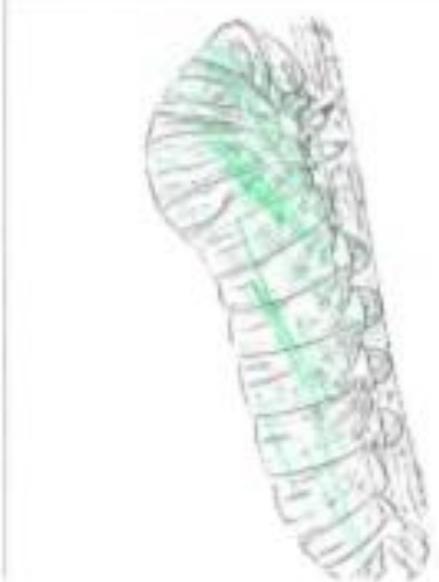
Estagiária: O que aconteceu na história?

Criança: Uma borboleta. Foi ao mundo.



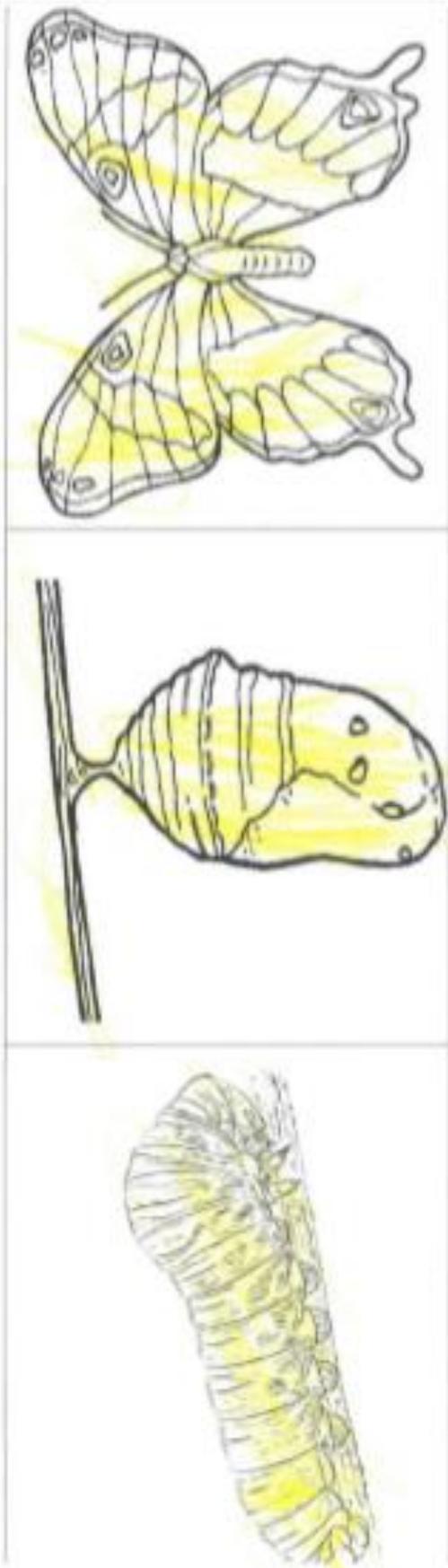
**Registro:**

- Estratégias: O que é um sistema integrado?  
exemplo: Inglês, Ter currículo, Inglês (e Inglês) -
- Estratégias: Todos os se chamam esta história?
- Crônica: Sim.
- Relatório: Como?
- Crônica: A história. Como? (Crônica).
- Estratégias: Tu gostas de esta história.
- Crônica: Sim.
- Relatório: Como?
- Crônica: Não tem uma coisa para contar. Tem uma letra. O que é esta história e como é.
- Estratégias: O que aconteceu na história?
- Crônica: A história foi para todos.



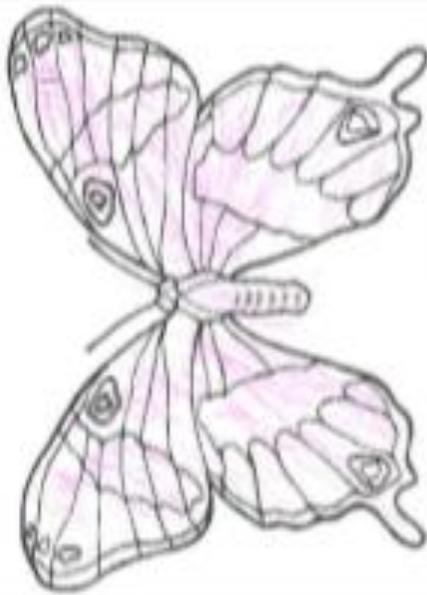
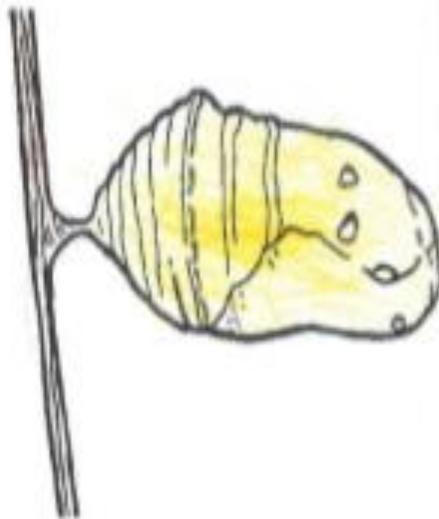
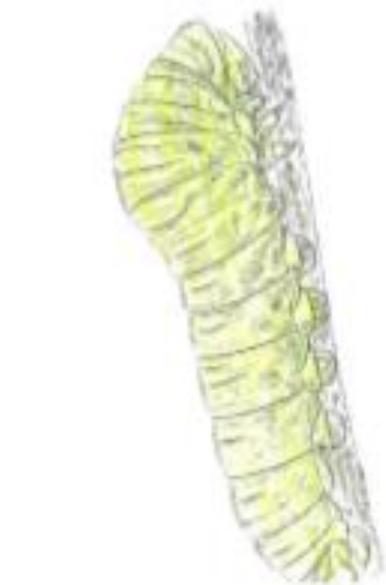
**Registro:**

- Entomología: ¿Qué tiene relación con ellos?
- Cráneos: ¿logotipos, logos, borbotones.
- Español: ¿Sabéis como se llama esta actividad?
- Cráneos: ¿qué rol me jugará?
- Entomología: ¿A qué familia pertenecen?
- Cráneos: ¿cómo?
- Entomología: ¿Tu experiencia de la actividad?
- Cráneos: ¿qué?
- Español: ¿Por qué?
- Cráneos: ¿Por qué se llaman de esta manera?
- Entomología: ¿Qué rol me jugará?
- Cráneos: ¿A qué familia pertenecen?



**Registro:**

Estagídio: O que tem nestas imagens?  
 Criança: Lagarta, um casulo, uma borboleta e borboletas e  
 Priscilla: Sozinhos como se chama esta lagarta?  
 Criança: Sim.  
 Estagídio: Como?  
 Criança: Lá não sei.  
 Estagídio: A lagarta tem pernas.  
 Estagídio: Tá girando do lado?  
 Criança: Sim.  
 Estagídio: Por que?  
 Criança: Porque eu gosto muito.  
 Estagídio: O que aconteceu na lagarta?  
 Criança: Aconteceu uma borboleta, borboletas f.



**Registro:**

Estimación: ¿Qué tipo de insecto imaginas?

Oruga: amarilla, castaño, o borriquillo.

Estimación: ¿Cuáles son los colores de este insecto?

Crátera: Longitudinalmente.

Estimación: ¿Su gusano de seda?

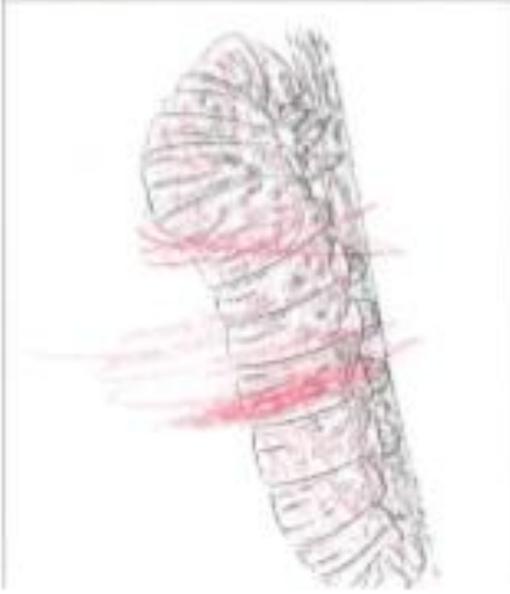
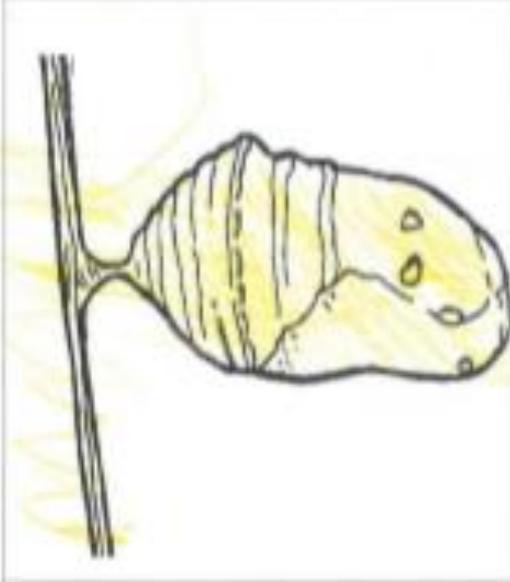
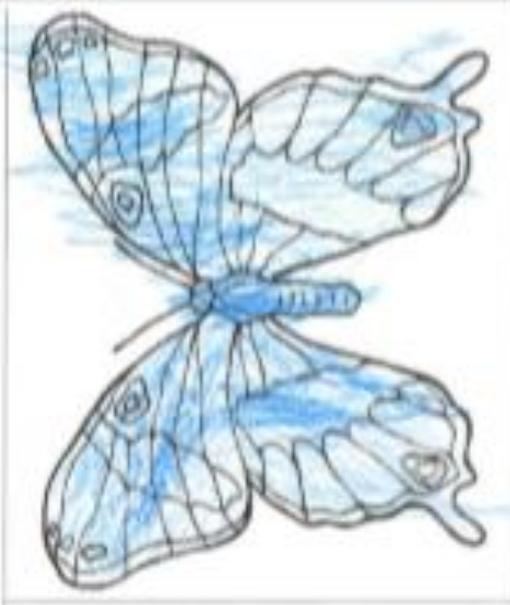
Oruga: Sí.

Estimación: ¿Por qué?

Oruga: Porque ella era muy bonita.

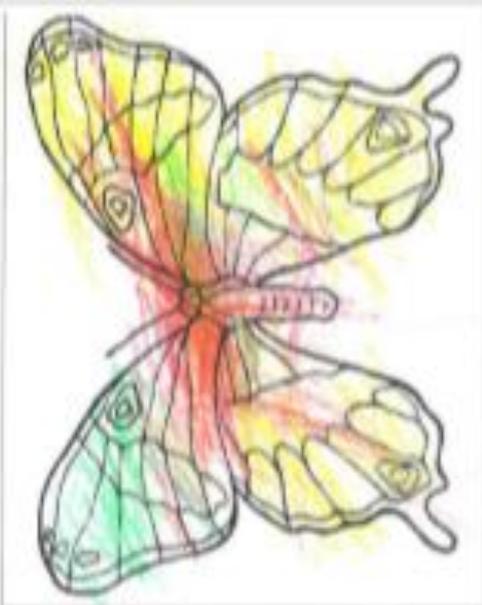
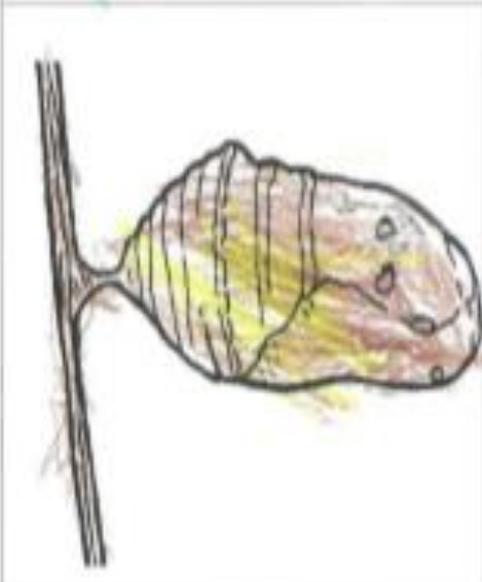
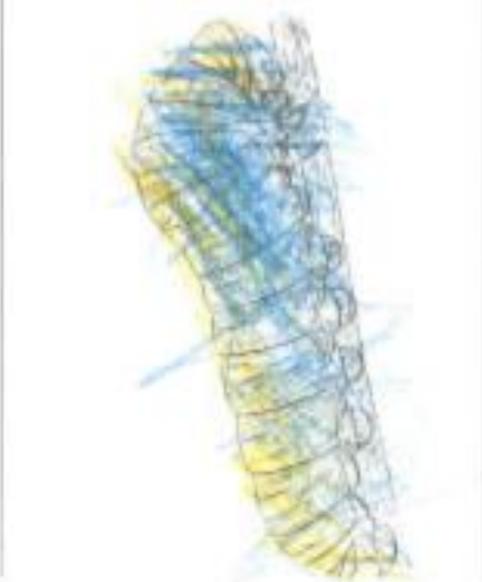
Estimación: ¿Qué materiales usaste?

Cartón. A. Yngaris por: una o castaño y o castaño de una borriquillo o castaño.



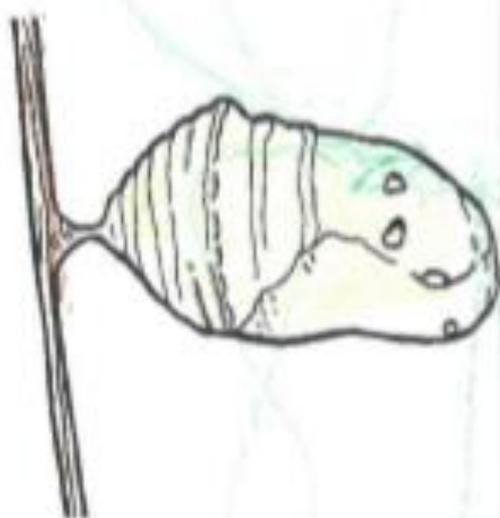
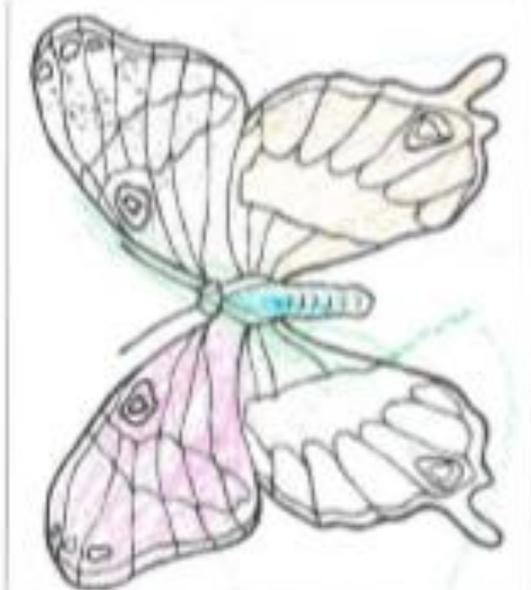
**Registro:**

Esbogação: O que tem nestas imagens?  
 Criança: um lagarta, o meu avô, casulo, a borboleta.  
 Esbogação: Segura. Como se chama este inseto?  
 Criança: É um lagarto.  
 Esbogação: É lagarta.  
 Criança: amarela.  
 Esbogação: ou gacha da borboleta?  
 Criança: Sim.  
 Esbogação: Porquê?  
 Criança: Porque foi um casulo que ela fez.  
 Esbogação: O que aconteceu ao lagarto?  
 Criança: Foi uma borboleta.



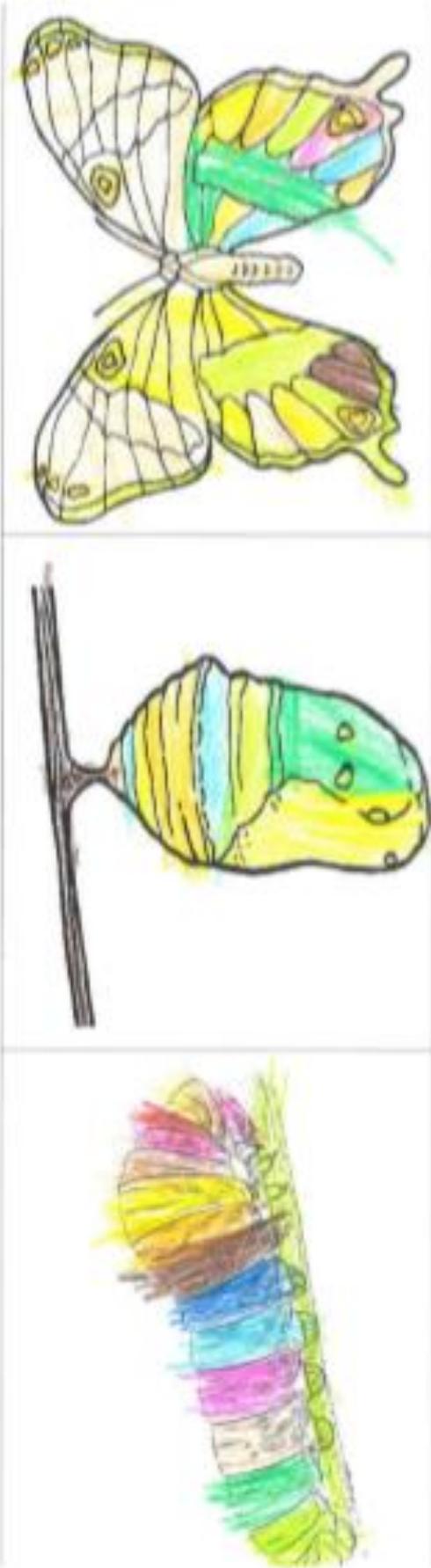
**Registro:**

Espingarda: É que têm estas irongas?  
 Crampa: Uma lagarta, um casulo e dois borboletas  
 Espingarda: Então como se chama estas lagartas?  
 Crampa: São  
 Espingarda: Como se chama?  
 Crampa: São casulos e dois borboletas  
 Espingarda: É o lagartinho  
 Crampa: Certo  
 Espingarda: Tu gostas de lagartas?  
 Crampa: Sim  
 Espingarda: Quando?  
 Crampa: Quando é verão  
 Espingarda: O que acontece no verão?  
 Crampa: Tem muita de comida lá dentro e depois como uma lagarta e depois casulo e depois os dois borboletas



**Registro:**

Esta criança não compreendeu o ambiente das questões. Respiro, olhos e antenas cauda



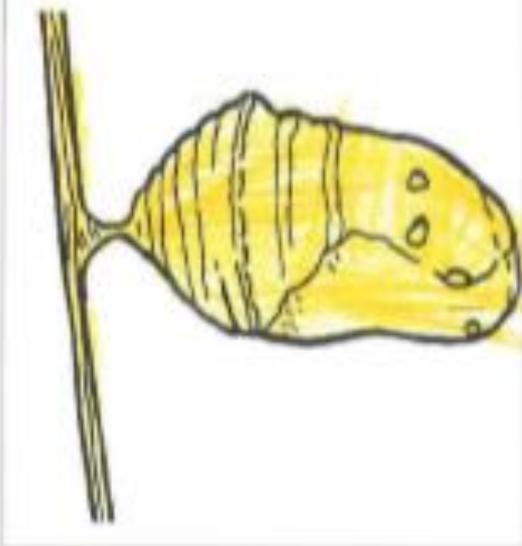
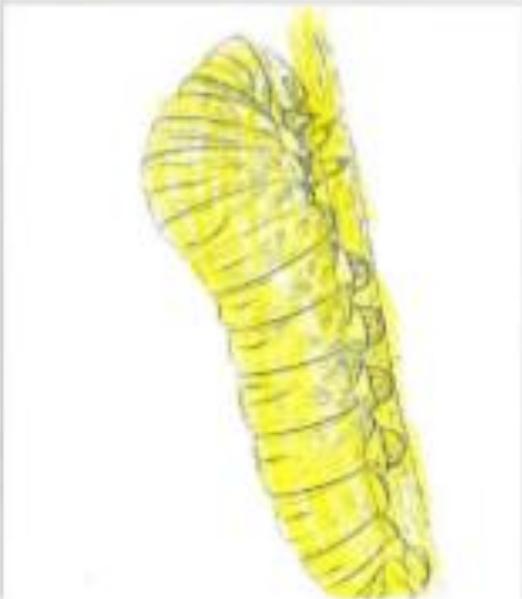
**Registro:**

Estagiária: O que tem nestas imagens?  
 Criança: Fumero é a lagartinha, depois é o casulo e depois a borboleta.  
 Estagiária: Sabes como se chama esta borboleta?  
 Criança: Lagartinho, casulero.  
 Estagiária: Tu gostas de lagartinho?  
 Criança: Sim, porque ela era muito linda.  
 Estagiária: O que aconteceu na história?  
 Criança: Deu a lagartiga a lagartinha, depois casou um casulo e depois borboleta.



**Registro:**

Estagiária: O que têm nestas imagens?  
 Criança: Uma ~~larva~~ <sup>larva</sup> com casulo e a borboleta.  
 Estagiária: Sabers como se chama este bicho?  
 Criança: Lagarta, casulo.  
 Estagiária: Tu gostas da história?  
 Criança: Sim.  
 Estagiária: Porque?  
 Criança: Porque eu gosto muito borboleta.  
 Estagiária: O que acontecerá na história?  
 Criança: A ~~larva~~ <sup>larva</sup> vai fazer o casulo e depois é (muito) uma borboleta.



**Registro:**

Estimulação: O que tem nestas imagens?

Criança: Uma lagartixa, um casulo, uma borboleta.

Estimulação: Sabem como se chama, esta lagartixa?

Criança: Uma lagartixa, minhoca.

Estimulação: E quando do casulo?

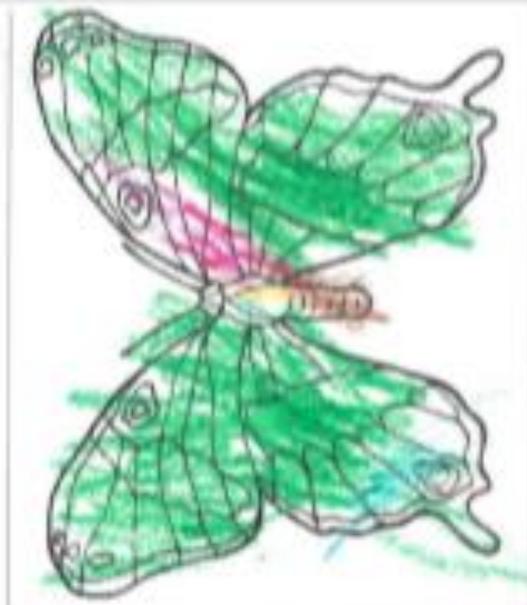
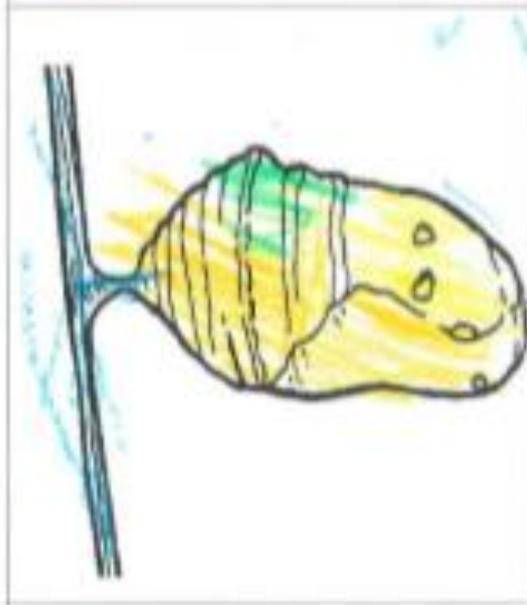
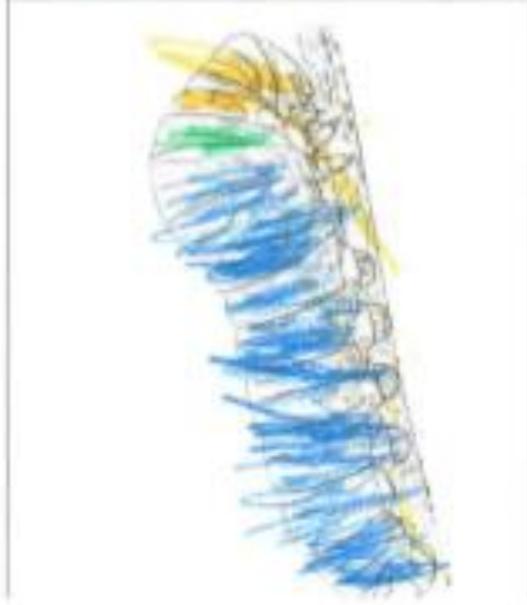
Criança: Sim.

Estimulação: Borboleta?

Criança: Porque ela estava a andar, foi como uma formiga, foi um casulo e transformou-se em uma borboleta.

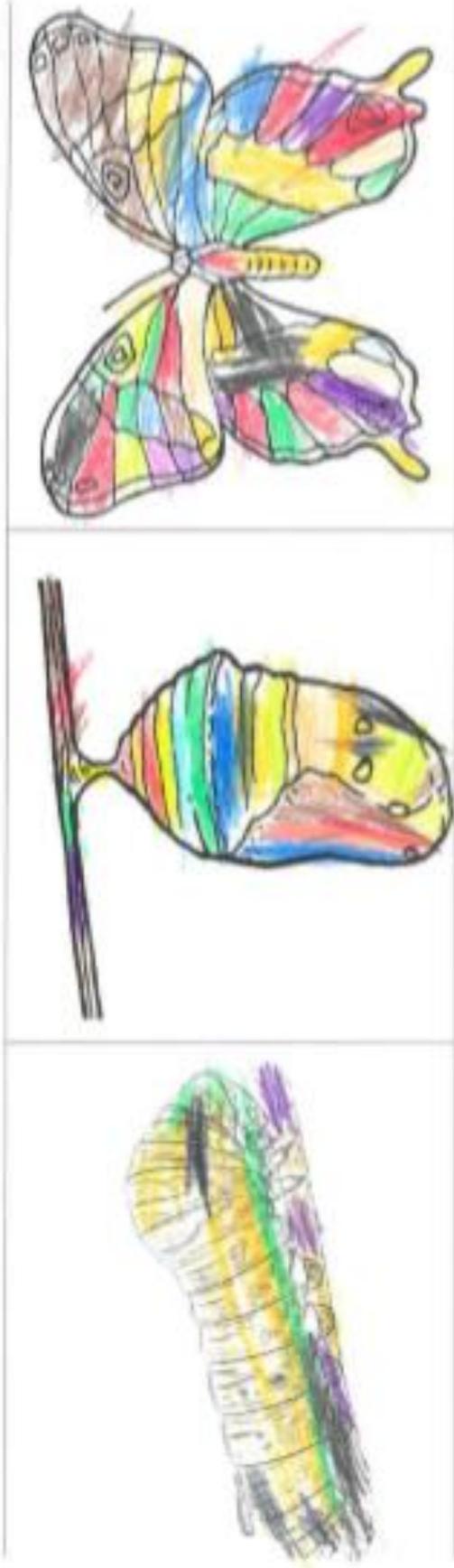
Estimulação: E por isso que aconteceu na lagartixa?

Criança: Sim.



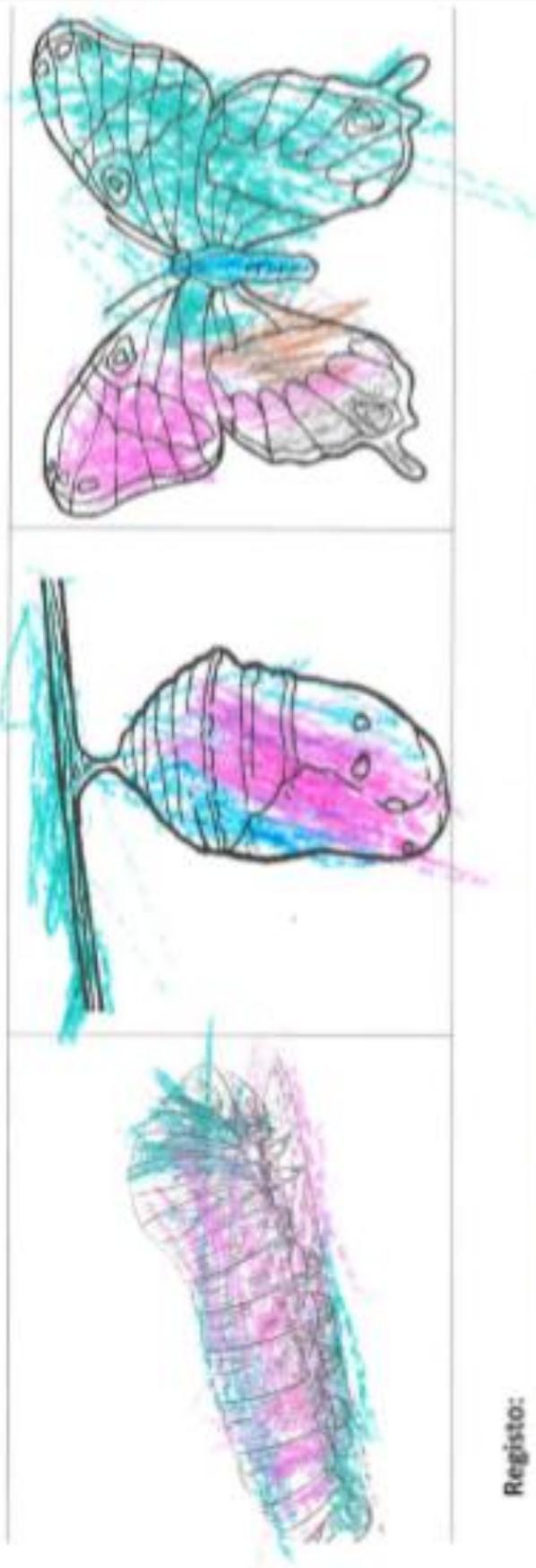
**Registro:**

Estagiária : O que vão nestas imagens?  
 Criança : Uma lagarta, casulo, borboleta.  
 Estagiária : Como são os corpos das lagartas?  
 Criança : A lagartinha com uma corça.  
 Estagiária : Tu gostaste da história?  
 Criança : Gostei.  
 Estagiária : Porquê?  
 Criança : Porque gostei.  
 Estagiária : O que aconteceu na história?  
 Criança : A lagartinha comeu um gelado e depois comeu tudo ficou com dores de barriga e não conseguia andar.  
 Foi o casulo, depois ficou melhor e nasceu uma borboleta.



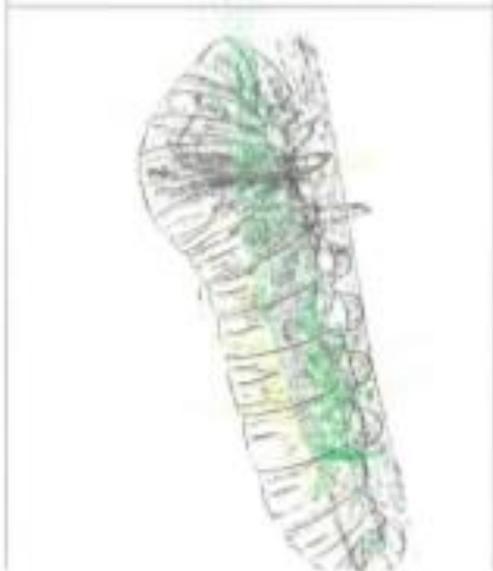
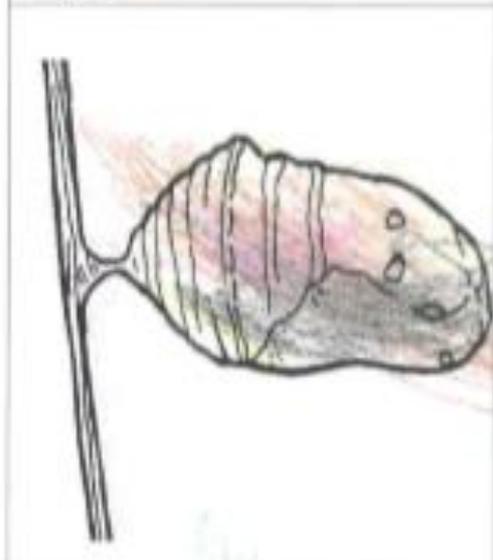
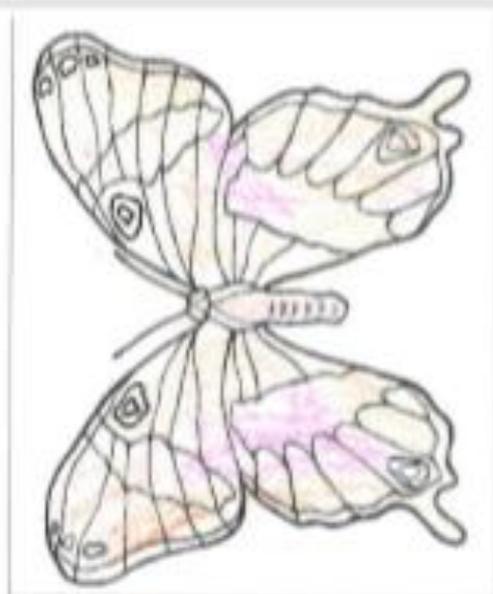
**Registro:**

Estágio: O que tem nestas imagens?  
 Criança: Lagarta, casulo, borboleta (borboleta).  
 Estágio: Sabes como se chama esta história?  
 Criança: A lagartinha cometa (comilão).  
 Estágio: Tu gostas da história?  
 Criança: Sim.  
 Estágio: Porque?  
 Criança: Porque ela ~~foi~~ muito divertida.  
 Estágio: O que aconteceu na história?  
 Criança: A lagarta nasceu de um...



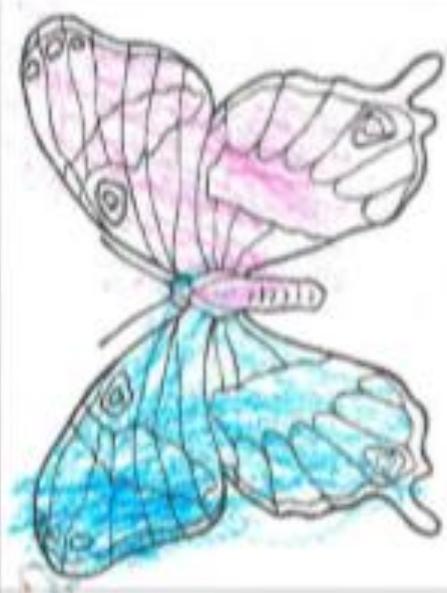
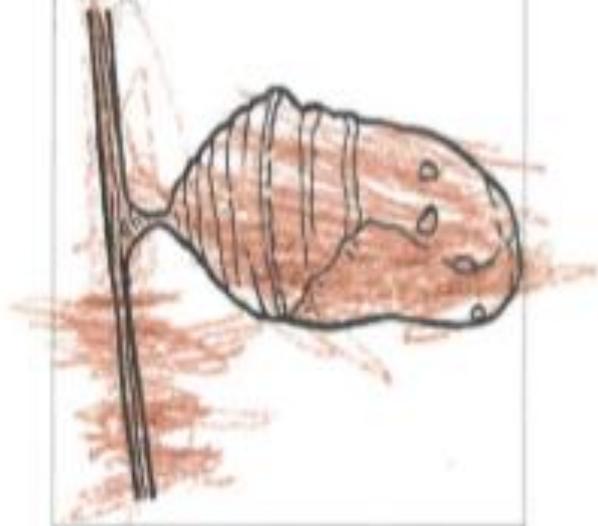
**Registro:**

Estragádia: O que tem dentro da lagarta?  
 Criança: uma lagarta, o casulo e a borboleta.  
 Estragádia: Sabes como se chama esta lagarta?  
 Criança: Sim, a lagarta dos casulos.  
 Estragádia: Ni em?  
 Criança: Oh, não, é a lagarta com nome.  
 Estragádia: Tu gostaste da lagarta?  
 Criança: Sim, porque era muito linda.  
 Estragádia: O que aconteceu na lagarta?  
 Criança: A lagarta ficou com dentes de lagarta, e depois comesse uma folha e ficou melhor. Fugiu do casulo e apareceu uma borboleta.



**Registro:**

Enguiçã: O que tem dentro enguiçã?  
 Crispa: lagarta, casulo, ovo borboleta.  
 Estrogilão: Adela como se chama esse lagarta?  
 Criança: Sim, lagartinha comilona.  
 Estrogilão: Tu gostas de lagarta?  
 Criança: Sim, porque é muito bonito.  
 Estrogilão: O que aconteceu na lagarta?  
 Criança: A lagarta fez um casulo e nasceu uma borboleta.



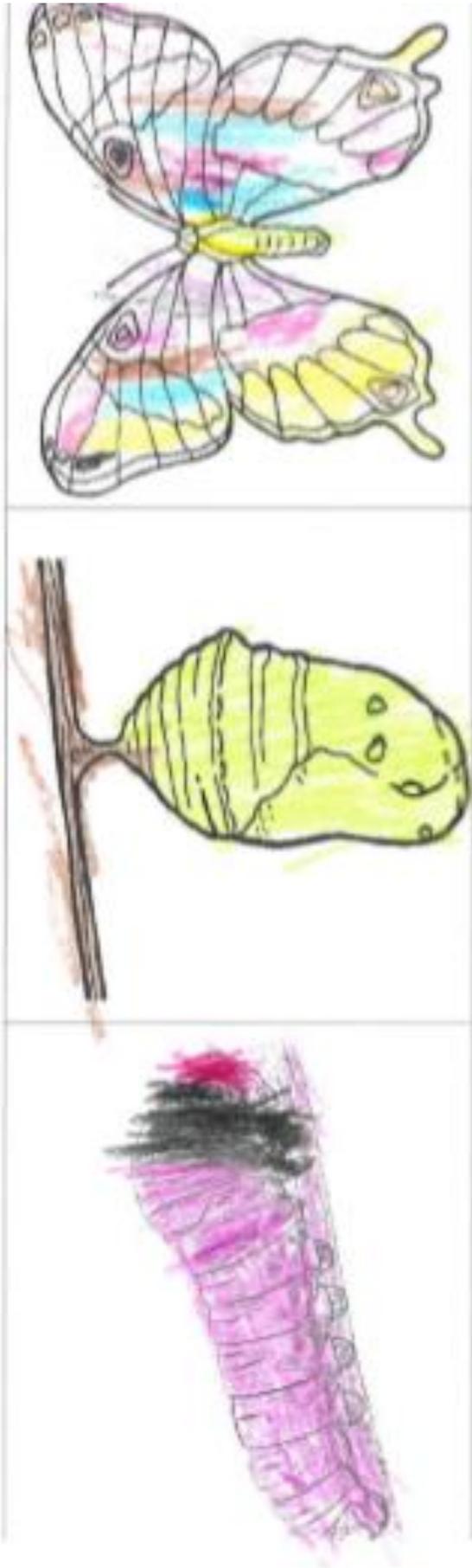
**Registro:**

Estagiária: O que tem essas imagens?  
 Criança: Lagarta, um verme, borboleta  
 Estagiária: Sabeis como se chama essa lagarta?  
 Criança: A lagartinha lombrão.  
 Estagiária: Tu gostaste das lagartas?  
 Criança: Sim.  
 Estagiária: Porque?  
 Criança: Porque elas é giro. Eu gostei de verme e da borboleta.  
 Estagiária: O que aconteceu nas histórias?  
 Criança: Ela comeu muito comida e depois ela estava com o bostinho cheio, é depois transformou-se em uma borboleta.



**Registro:**

Pergunta: O que vem antes da borboleta?  
 Criança: A lagarta, o casulo, a borboleta.  
 Esboço: Solta como se chama esta natureza?  
 Criança: A lagarta, a borboleta.  
 Esboço: Tu gostas de natureza?  
 Criança: Sim.  
 Esboço: Porquê?  
 Criança: Porque tu gostas a natureza.  
 Esboço: O que acontece na natureza?  
 Criança: Então no casulo (esperando para a lagarta) e depois transformas-te numa borboleta.



**Registro:**

Estágio: O que são estas coisas?

criança: Uma lagartixa, um casulo e uma borboleta

Estágio: Sabes como se chama esta lagartixa?

Estágio: Sim, lagartixa cinzenta

Estágio: Tu gostas da lagartixa?

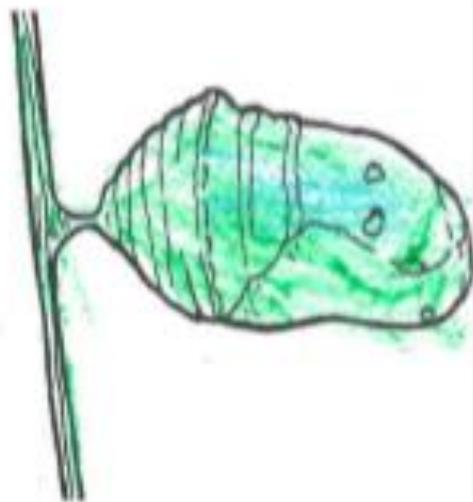
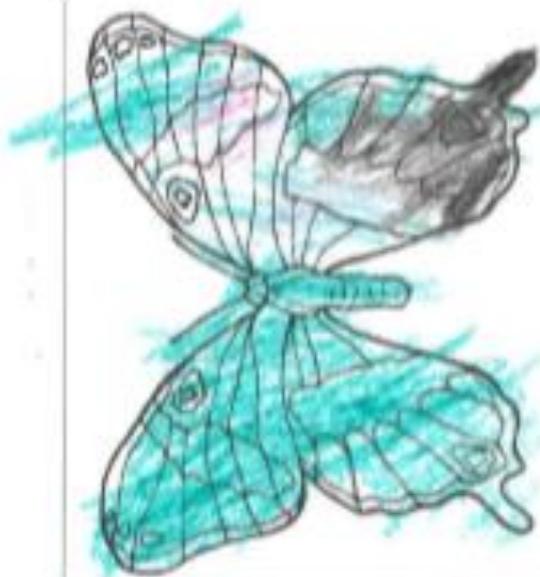
Criança: Sim

Estágio: Porque?

criança: Porque a lagartixa transforma-se numa borboleta

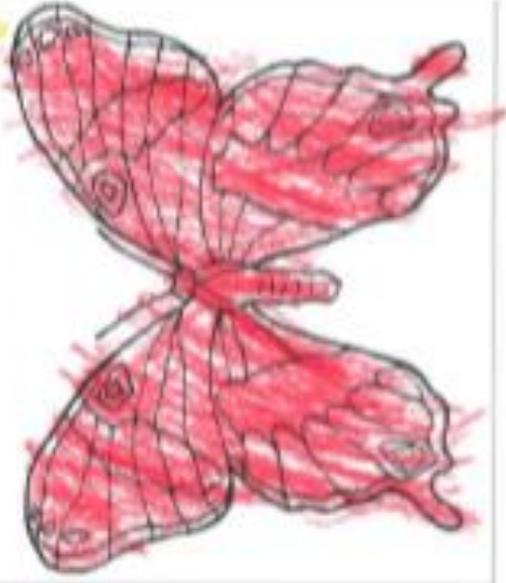
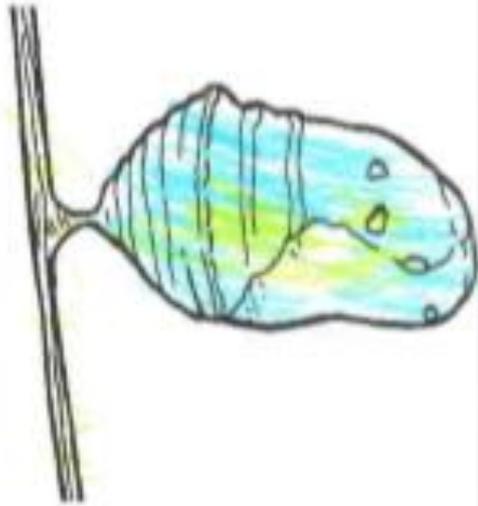
Estágio: O que acontece na lagartixa?

Criança: A lagartixa come muita coisa que está pela cidade como as folhas, por isso o casulo e transforma-se numa borboleta



**Registro:**

Estagiária: O que tem nestas imagens?  
 Crisopa: Uma lagarta, um casulo e uma borboleta.  
 Estagiária: Sabes como se chama esta lagarta?  
 Crisopa: Sim, lagartinha fofinha.  
 Estagiária: Tu gostaste da lagarta?  
 Crisopa: Sim.  
 Estagiária: Porque?  
 Crisopa: Porque eu vi um casulo e eu gosto de ver casulos.  
 Estagiária: O que aconteceu na lagarta?  
 Crisopa: A lagarta tornou-se numa borboleta.



**Registro:**

Estagiária: O que tem nestas imagens?

Oriana: Uma lagartinha, um casulo e uma borboleta.

Estagiária: Sabes como se chama esta lagartinha?

Oriana: A lagartinha com-lama.

Estagiária: Tu gostaste da lagartinha?

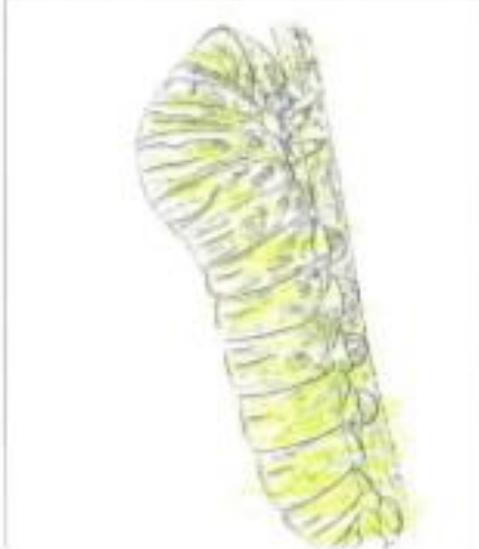
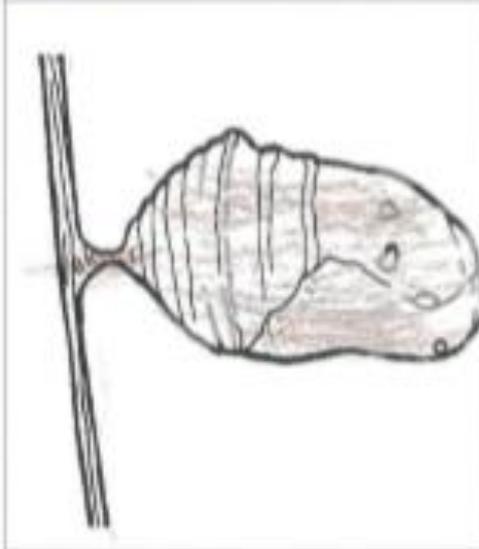
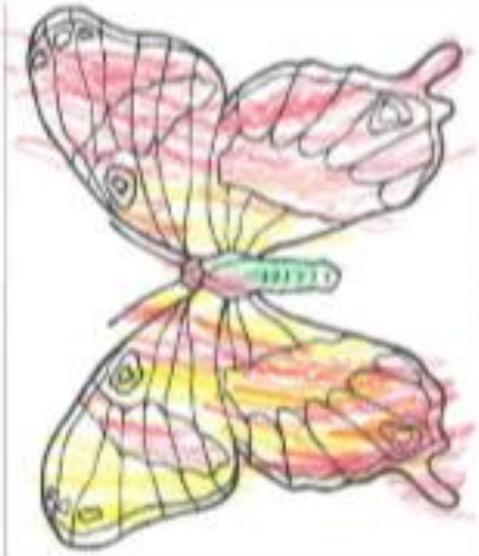
Oriana: Sim.

Estagiária: Porque?

Oriana: Porque ela comeu muitas folhas.

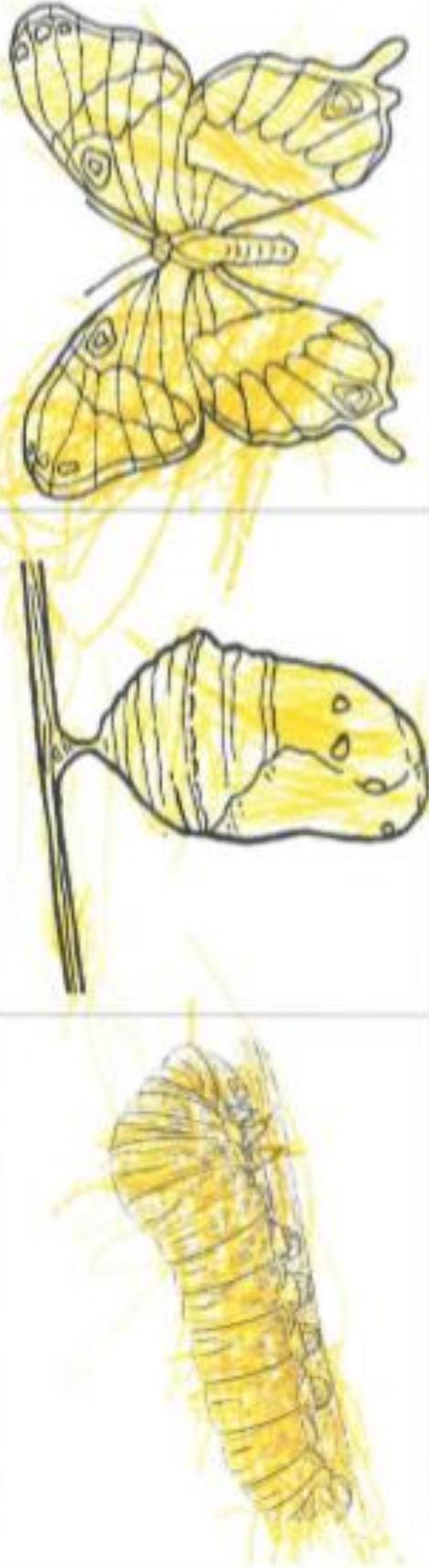
Estagiária: O que aconteceu na história?

Oriana: Ficou com dor de barriga e comeu um pedaço de folha e tornou-se numa borboleta.



**Registro:**

Estagiária: O que tem muitas imagens?  
 Criança: Uma lagartixa, um casulo, uma borboleta.  
 Estagiária: Sozinha como se chama esta história?  
 Criança: A lagartixa comente.  
 Estagiária: Tu gostaste da história?  
 Criança: Sim.  
 Estagiária: Porque?  
 Criança: Porque ela se transformou no casulo.  
 Estagiária: O que aconteceu na história?  
 Criança: Ela se transformou em borboleta.



**Registro:**

Estagiária: O que tem nestas imagens?

Alana: Uma lagartixa, um casulo, uma borboleta.

Estagiária: Sabes como se chama esta história?

Alana: A lagartixa dançadora.

Estagiária: Tu gostaste da história?

Alana: Gostei.

Estagiária: Porque?

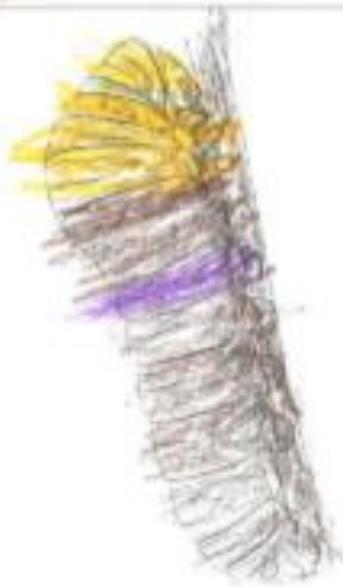
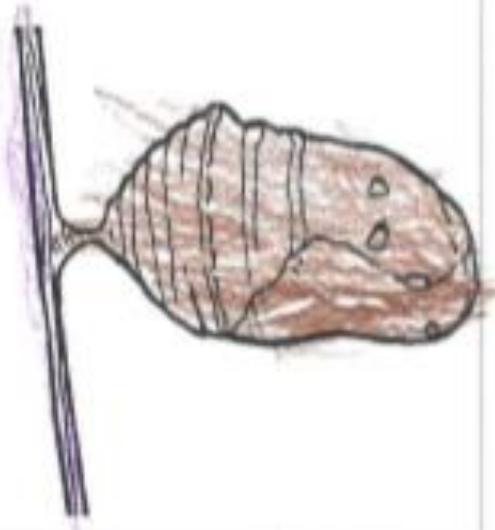
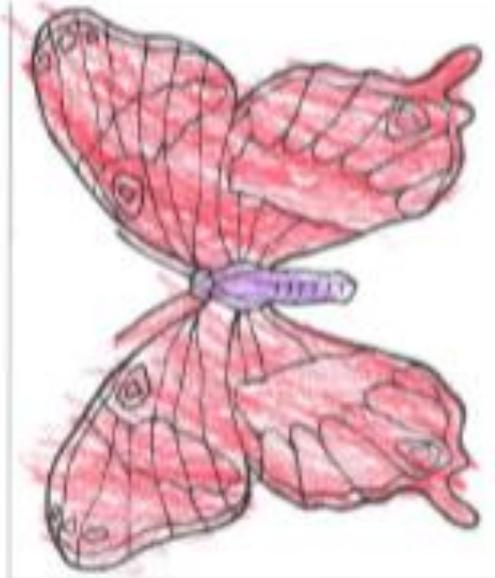
Alana: Porque ela era uma lagartixa e depois era uma borboleta, pois eu adoro borboletas.

Estagiária: O que aconteceu na história?

Alana: Mãe me lembre.

Estagiária: O que aconteceu à lagarta?

Alana: Ficou uma borboleta quando saiu do casulo.



**Registro:**

Estagiária: O que tem nestas imagens?

Criança: Uma lagarta, um casulo, uma borboleta

Estagiária: Sabes como se chama esta história?

Criança: A lagarta, comilona.

Estagiária: Tu gostaste da história?

Criança: Sim.

Estagiária: Porque?

Criança: Porque a lagarta transformava-se em borboleta.

Estagiária: O que aconteceu na história?

Criança: A lagarta estava no ovo comilão muito e depois foi para o casulo e transformou-se em borboleta.

**Anexo 3-** Narrativa de experiência: Reflexão realizada pela educadora cooperante.

### **Reflexão sobre o projeto da estagiária: “As horas do conto como promotoras da literacia”**

“A literacia emergente remete-nos para os conhecimentos, as capacidades e as atitudes que se constituem como precursores desenvolvimentais da linguagem escrita e que têm lugar antes do seu ensino formal” (Gillen e Hall, 2003). Assim, a literacia encontra-se em tudo no dia-a-dia e antes de alguém ensinar, há alguém que aprende, o desenvolvimento começa precocemente antes da instrução formal. Na idade pré-escolar, é por isso fundamental promover as capacidades relacionadas com a literacia emergente: ouvir, falar, ler e escrever, promovendo situações de comunicação, em diferentes contextos (casa, jardim de infância, ...), com diversos intervenientes (pares e adultos) transmitindo conteúdos e intenções compreendidos pelas crianças e constantemente enriquecidos pelo ambiente circundante.

Assim sendo, sabemos que as interações sociais possibilitam a aquisição de competências na área da literacia emergente. Podemos assim e dentro destas interações distinguir a literacia emergente familiar e a literacia emergente escolar.

Com o projeto da estagiária fomos partilhando nas comunicações semanais (dirigidas aos pais) a importância da hora do conto e percebemos que crescentemente as crianças mostravam maior vontade de que este momento também existisse em casa, fazendo partilhas em momentos informais sobre as horas do conto que faziam com os familiares.

Com este projeto a equipa educativa, especialmente a estagiária propiciou interações, recursos físicos e materiais e estratégias diversificadas para desenvolver as potencialidades da literacia emergente. O ambiente já se encontrava adequado, com variedade de materiais de escrita e de desenho, com várias formas de escrita, presentes na etiquetagem das áreas, no registo do que as crianças dizem para ilustrar os trabalhos e ainda no contacto com variados livros, criando um clima no qual as crianças se sintam livres para falar e se sintam ao mesmo nível de todos os intervenientes existindo assim interações ricas em partilha de conhecimentos e interesses pessoais. As horas do conto orientadas pela estagiária revelaram-se ricas em estratégias que focaram desde o pequeno ao grande grupo, a leitura de histórias e poemas, a dramatização, o teatro de sombras,... que captaram a atenção dos mais pequenos e os deixou motivados.

A estagiária conseguiu com estes momentos promover o desenvolvimento das variadas competências relacionadas com a comunicação oral, a consciência linguística, a identificação de convenções da escrita e o prazer e motivação para ler e escrever.

O grupo mostrou-se receptivo durante todos os momentos e com o avançar das sessões foi possível perceber uma participação crescente e uma autorregulação maior, para além das competências referidas anteriormente mais diretamente relacionadas com a linguagem oral e abordagem à escrita.

Em síntese, a estagiária conseguiu articular a teoria e a prática mantendo o grupo motivado e dando resposta às necessidades individuais e coletivas do grupo de estágio.

**Anexo 4-** Fotografias da narração da história “O Cuquedo e um Amor que Mete Medo”.



**Anexo 5-** Fotografias da narração da história “A lagartinha muito comilona”.



**Anexo 6-** Fotografias da observação das lagartas, antes da narração da história “A lagartinha muito comilona”.



**Anexo 7-** Fotografias da narração da história “Posso juntar-me ao clube”?



**Anexo 8-** Transcrição 1: diálogo depois da leitura da história “Posso juntar-me ao clube?”

C.P: “Olha, o pato não rugiu, o pato não conseguiu assobiar.

M.B: Pois, o pato não era uma cobra.

C.P: O pato não era um leão. O pato não era um elefante. O pato não era uma cobra. O pato não era uma tartaruga e o pato não era um coelho.

Estagiária: É verdade, mas quem me sabe dizer o que aconteceu nesta história?

Lau: O pato não era um elefante.

M.A: Porque é que o pato estava a obrigar os amigos?

Estagiária: O pato não estava a obrigar os amigos. O pato queria juntar-se a um clube não foi?

Educadora Cooperante: Um clube é um grupo. Como nós quando queremos jogar juntos que estamos no recreio e dizemos assim “Posso brincar contigo nas construções?” O pato queria ir assim para um grupo brincar com os amigos. O leão deixou-o entrar?

Todos: Não.

Educadora Cooperante: Porquê?

L: Porque não sabia rugir.

Estagiária: Exatamente!

V: E a cobra (quis dizer cobra) tssss.

Estagiária: Pois, e o pato não consegue assobiar, pois não?

Todos: Não.

Estagiária: Então também não conseguiu entrar no clube da cobra. E do elefante porque é que não conseguiu entrar, vocês lembram-se?

L: Porque não sabia fazer os sons de um elefante.

Estagiária: Sim, mas ele não entrou no clube do elefante porque...

M. B: Já sei!

Estagiária: Porquê?

M. B: Porque não sabia levantar a tromba.

Estagiária: Também podia ser, mas não foi. O elefante tinha dito umas frases, e depois o pato tinha de repetir tudo o que o elefante disse e não conseguiu. Não teve boa memória.

L: Porque os patos têm pouca memória.

Estagiária: Como o pato não conseguiu entrar no clube do leão, nem da cobra, nem do elefante o que é que ele decidiu fazer?

L: Fazer um clube só de patos.

Educadora Cooperante: Foi só de patos o clube dele? Então quem foi o primeiro membro que entrou no clube do pato?

L: O pato.

Educadora Cooperante: E depois?

M.B e L: A tartaruga.

Educadora Cooperante: E a tartaruga era um pato?

L: Não.

Estagiária: E entrou no clube, porque o pato deixou não foi? E depois, quem entrou a seguir?

T. C: O coelho.

Estagiária: E depois não entraram outros animais no clube do pato?

L: Sim, tipo o leão.

Estagiária: E depois entraram muitos animais para brincarem todos juntos.

C. P: Tipo o urso.

Estagiária: Então nós devemos brincar com todos os amigos, não é?

C. P: Sim, mas ele não entrou em nenhum clube.

Estagiária: Ele primeiro não entrou em nenhum clube, mas depois todos os animais quiseram entrar no clube dele.

Educadora Cooperante: E o que é que vocês acham? Acham que o leão, o elefante e a cobra fizeram bem de não deixar o pato entrar?

Todos: Não.

Educadora Cooperante: Nós para termos um grupo, temos que ser todos iguais?

L: Porque os patos fazem quac quac.

Educadora Cooperante: Mas vocês acham que para ter um grupo é preciso toda a gente ser igual?

Todos: Não.

Educadora Cooperante: Nós aqui no nosso grupo somos todos iguais?

Todos: Não

Educadora Cooperante: E somos todos o grupo da Sí não somos?

Todos: Sim.

Educadora Cooperante: Então, o pato é que esteve bem não foi? Abriu um clube que toda a gente podia entrar. Não foi?

(A M. C produz uns sons durante a conversa.)

V: O leão rugia.

Educadora Cooperante: Mas, o pato para entrar não tem de rugir, pois não?

V: Não.

Educadora Cooperante: Cada um de nós é especial da forma que é.

L: Porque os animais podem ter o som que quiserem.

Estagiária: Todos fazem um som, mas podem ser todos amigos.

L: Mas alguns animais lutam.

M. B: O pato não era igual ao coelho.

Estagiária: Pois não, e mesmo assim ficaram a brincar juntos no mesmo clube não foi?

Educadora Cooperante: Nós também somos todos diferentes e brincamos todos juntos.

C. P: Todos os animais podem ser fofinhos.

Estagiária: Vocês gostaram da história?

Alguns: Sim.

Estagiária: E o pato teve uma boa atitude?

Todos: Sim.

Educadora Cooperante: Qual foi a vossa personagem favorita? A que gostaram mais?

Lou: Eu gostei da personagem do pato.

L: Gostei mais da personagem do Leão.

Estagiária: E porquê?

L: Porque ele tem um copo de sumo(era um troféu).

Educadora Cooperante: Mas achaste bem o que ele fez?

L: Não.

M.B: Eu gosto do coelho e da tartaruga.

Estagiária: E porquê?

M. B: Porque são fofinhos.

C.P: O coelho.

Estagiária: E porquê?

C. P: Porque eu gosto de coelhos.

T. C: Do leão.

Estagiária: Porquê?

T. C: Porque ele tinha um troféu.

Luí: Eu gostei do toelho(Eu gostei do coelho).

Estagiária: Porque é que gostaste mais?

Luí: Porque tem telos (pelos) e é fofinho.

(Muitas das crianças começaram a produzir o som da cobra).

Be: Do elefante.

Estagiária: Porquê?

(A M.C começou a dizer o Leão.)

Be: Porque mandou o pato fazer como ele.

Educadora Cooperante: E tu achas que é bom? Imagina que chegavas à minha beira e eu dizia-te, para tu seres do meu clube tens que conseguir tocar aqui na parede como eu. É justo?

(A M.C verbaliza, mas não se percebe o que pretende dizer.)

L: Não

Educadora Cooperante: Achas que era simpático da minha parte pedir para fazeres uma coisa que tu não sabes?

Be: Só se fosse com um banco.

Educadora Cooperante: Nem de banco conseguias. Não era simpático, pois não? Foi o que o elefante fez, o pato não era capaz de ter a memória do elefante, porque nós somos todos diferentes. Para entrar num grupo nós temos de ser amigos e respeitarmo-nos.

F: O meu animal preferido é o leão.

Estagiária: Porquê?

F: Porque eu gosto.

M.A: Eu gosto do pato e do elefante.

(Quando se fez a pergunta de qual o animal preferido ao D ele não quis responder.)

C: Eu gostei da cobra, do leão, do elefante e de todos os animais que foram brincar.

S: Eu gostei da cobra.

Estagiária: E porque é que gostaste mais da cobra?

S: Porque eu gosto do assobio que elas fazem.

Di: Eu gostei do elefante?

Estagiária: Porque é que gostaste mais?

Di: Porque o elefante atira água.

V: Gosto da cobra (cobra).

Lau: Do elefante.

Estagiária: Porque é que gostaste mais?

Lau: Porque ele é muito grande.

Dia: Gostei do coelho.

Estagiária: Porquê?

Dia: Porque ele salta.

Estagiária: J.A qual foi o animal que mais gostaste?

J. A: da cobra.

Estagiária: Porquê?

J. A: Porque eu gosto.

Estagiária: E o teu B?

B: Não sei.

Estagiária: Não sabes? Mas não gostaste de nenhum?

(B não respondeu mais.)

Estagiária: R qual foi o animal que mais gostaste?

R: Elefante.

Estagiária: Porquê?

R: Porque o elefante atira água.

Estagiária: E tu J, qual gostaste mais?

J: É o pato. Porque eu gostei muito dele.

Estagiária: T.A qual foi o teu animal preferido?

(Foi necessário apontar para os animais e dizer o nome deles para o T.A dizer qual o animal que gostou mais.)

T.A: O leão.

Estagiária: Porquê?

T.A: Porque ele é assustador.

D: O meu é o elefante.

Estagiária: Porquê?

D: Porque eu gosto da tromba dele.

Estagiária: Qual o teu animal preferido M. C?

(A M.C não respondeu à pergunta através de palavras, mas apontou para o leão.)”

**Anexo 9-** Fotografias da narração da história “A Sinfonia dos Animais”.







**Anexo 10-** Fotografias da narração da história “Os Três Desejos”.





**Anexo 11-** Transcrição 2: diálogo depois da leitura do livro “Os Três Desejos?”

Estagiária: “Quem me sabe dizer quais foram as personagens que apareceram nesta história?”

V: A mulher.

Estagiária: Era esta a mulher do lenhador (mostrando o fantoche).

M: O duende (gnomo).

Estagiária: Era o gnomo e qual é que falta?

T. C: O lenhador.

Estagiária: Muito bem! E quem me sabe dizer onde se passava a história, em que local?

C.P: Em casa.

Estagiária: E isto o que é (apontando para uma imagem de uma floresta com uma casa)?

L: São as árvores.

Estagiária: Sim e quando temos muitas árvores como é que nós chamamos?

F: Floresta.

C.P: E também bosque.

J: E tem uma casa de madeira.

Estagiária: Uma casa de madeira que era onde vivia quem?

C. P: Era onde vivia o lenhador e a mulher.

Estagiária: E quem me sabe dizer o que aconteceu na história?

Be: O lenhador queria deitar a árvore abaixo.

Estagiária: Pois foi e quem apareceu foi o gnomo. E o que é que o gnomo disse?

L: Disse que se ele não deitasse abaixo a árvore ele dava três desejos.

Estagiária: E o que é que a mulher do lenhador disse?

L: Que queria chouriços.

Estagiária: E o que é que o lenhador disse?

L: Disse que queria que os chouriços ficassem no nariz.

C. P: Do nariz da mulher.

Estagiária: E a mulher ficou contente com isso?

Todos: Não.

Estagiária: E como é que resolveram o problema?

L: Arrancaram.

Estagiária: Não deu para arrancar, ele tentou, mas não conseguiu.

M. B: Tirar.

L: Usaram muita força.

D: Pediu um desejo.

Estagiária: Vocês gostaram da história?

Todos: Sim.

Estagiária: Lau, qual foi a tua personagem favorita?

Lau: Da menina.

Estagiária: Da mulher do lenhador? Porquê?

Lau: Porque eu sou uma menina.

Estagiária: C e a tua?

C: Da mulher.

Estagiária: Porquê?

C: Porque ela é muito gira e tem um vestido vermelho.

Estagiária: T. C e tu?

T. C: Do lenhador.

Estagiária: Porquê?

T.C: Porque ele tem um machado.

M: Do duende.

Estagiária: Porquê?

M: Porque ele estava com uma cara de zangado.

Estagiária. E ele tinha motivo para estar zangado?

L: Sim, porque o lenhador queria cortar a árvore.

Estagiária: A árvore onde ele morava. E tu, L qual foi a personagem que gostaste mais?

L: Do lenhador.

Estagiária: Porquê?

L: Porque ele tem um machado.

Estagiária: D, e a tua?

D: Do lenhador.

Estagiária: Porquê?

D: Porque ele tem uma cara feliz.

Estagiária: E tu J?

J: O gnomo.

Estagiária: Porquê?

J: Porque ele tem uma cara triste.

C. P: Da mulher.

Estagiária: Porquê?

C.P: Porque tem cabelo preto como a minha mãe.

Estagiária: E tu Luí?

Luí: tosto da mulher (Eu gosto da mulher).

R: Do lenhador

B: Da menina

Estagiária: Porquê?

B: Tinha um vestido.

J.A: Do lenhador.

Estagiária: Porquê?

J.A: Gosto muito do machado.

Estagiária: E, tu Lou?

Lou: Do lenhador.

Estagiária: Porquê?

Lou: Porque ele estava feliz a cortar as árvores.

Be: Eu gostei do lenhador.

Estagiária: Porquê?

Be: Porque ele tem cara feliz.

Estagiária: S e tu?

S: Do lenhador.

Estagiária: Porquê?

S: Porque ele tinha um machado.

F: Da mulher.

Estagiária: Porquê?

F: Porque gostei do vestido vermelho.

M. B: Eu também gostei da mulher.

Estagiária: Porquê?

M.B: Porque tinha um vestido bonito.

Estagiária: Dia e tu?

Dia: Eu gostei da mulher.

Estagiária: Porquê?

Dia: Porque tem sapatos pretos.

Estagiária: T.A e tu?

T.A: Do gnomo.

Estagiária: Porquê?

T.A: Porque é pequeno e eu gosto dele.

Di: Do lenhador.

Estagiária: Porquê?

Di: Porque tem uma casa.

M.A: Eu gostei da mulher.

Estagiária: Porquê?

M.A: Porque tem sapatos pretos.

Estagiária: M.C e tu?

(A M. C não respondeu, mas pegou no fantoche da mulher)".

Anexo 12- Fotografias da narração da história “O Cuquedo: Alto Lá”.



**Anexo 13-** Transcrição 3: diálogo depois da leitura do livro “O Cuquedo: Alto Lá.”

Estagiária:” Quais foram os animais que apareceram nesta história?

V: sesete(elefante).

F: Zebra.

Lou: Girafa.

Lau: Elefante.

M. B: Rinoceronte.

D: Rinoceronte.

Luí: Girafa.

T. C: O Cuquedo.

Estagiária: E ainda falta um, que foram os primeiros animais que apareceram que andavam de lá para cá e de cá para lá.

(O grupo não soube qual o animal que faltava, então a estagiária mostrou a imagem.)

Estagiária: E estes quais são?

T. C: Os hipopótamos.

Estagiária: Então temos os hipopótamos, rinocerontes, as girafas, os elefantes, as zebras e o Cuquedo.

(À medida que a estagiária enumerou os animais que apareceram na história, o grupo repetiu.)

Estagiária: O que é que aconteceu na história?

Dia: O Cuquedo queria assustar os animais.

Estagiária: E os animais queriam ser assustados?

F: Não, estavam com medo.

Estagiária: Qual foi o vosso animal favorito?

C. P: Rinoceronte.

Estagiária: Porquê?

C. P: Porque ele tem um chifre e eu faço bem de rinoceronte.

Estagiária: Então faz.

C. P: humgr (imita o som do rinoceronte.)

Educadora Cooperante: Pareces mesmo.

Estagiária: E o teu M qual é?

M: Todos.

Estagiária: Gostaste de todos porquê?

M: Eu gosto de todos os animais da selva.

R: Girafa.

Estagiária: Porquê?

R: Porque eu não tenho um animal preferido.

B: Todos.

Di: A zebra.

Estagiária: Porquê?

Di: A zebra tem uma risca.

Estagiária: A zebra tem muitas riscas.

Estagiária: Dia e o teu?

Dia: A Girafa

Estagiária: Porquê?

Dia: Porque ela ensinou a eles que o menino não era mau (Cuquedo).

Estagiária: Mas, o Cuquedo não era mau gostava de pregar sustos , de brincar.

S: O Crocodilo.

Auxiliar: O teu animal preferido é o crocodilo, mas da história qual deles é que gostas mais?

S: O rinoceronte.

Estagiária: Porquê?

S: Porque tem um chifre.

Be: O rinoceronte.

Estagiária: Porquê?

Be: Porque tem um bico aqui (apontou para o nariz).

Luí: Da girafa.

Estagiária: Porquê?

Luí: Porque ela testoco (pescoço) grande.

J: Da girafa.

Estagiária: Porquê?

J: Porque ela tem assim uns corninhos.

M.B: Eu gostei da girafa e da zebra.

Estagiária: Porquê?

M.B: Porque têm muitas riscas e a girafa tem muitas manchinhas.

Lou: Da girafa.

Estagiária: Porquê?

Lou: Porque tem umas manchas castanhas bonitas.

T. A: Do rinoceronte.

Estagiária: Porquê?

T. A: Sei muito bem fazer de rinoceronte.

Estagiária: Então faz.

T. A: hmgr (imita o som do rinoceronte.)

T. C: O rinoceronte.

Estagiária: Porquê?

T. C: Porque eu consigo fazer de rinoceronte.

Estagiária: Consegues, olha faz.

(Acabou por depois não querer fazer o som.)

V: O sesete (elefante).

Estagiária: Porquê?

V: Porque ele tem uma tomba(tromba).

F: O Cuquedo.

Estagiária: Porquê?

F: Porque tem batom.

Estagiária: Porque tem os lábios vermelhos.

D: Dos Hipopótamos.

Estagiária: Porquê?

D: Porque eles andavam de um lado para o outro.

Estagiária: Mas, andavam depois todos os animais de um lado para o outro, não foi só os hipopótamos, pois não?

Estagiária: Mas, foram os primeiros não foi?

D: Sim.

M.A: Os hipopótamos.

Estagiária: Porquê?

M.A: Eu sei fazer.

Estagiária: Como fazem os hipopótamos.

M.A: angh (tenta imitar o som dos hipopótamos)

J.A: Das zebras.

Estagiária: Porquê?

J.A: Porque eu gosto.

Lau: Da girafa.

Estagiária: Porquê?

Lau: Porque tem os corninhos.

(A Educadora Cooperante referia o nome dos animais um a um e a M.C repetia o nome. Quando lhe questionaram qual gostou mais ela pegou na máscara da girafa e disse: “giafa”..)”

**Anexo 14-** Compilação das gravações audiovisuais das cinco intervenções.